

**CADERNOS DO IMS
VOL II N.3 AGO/SET**

1 9 8 8

CADERNOS DO IMS. Rio de Janeiro: Instituto de
Medicina Social/UERJ, 1988.

Comissão Editorial:
Sérgio Carrara (coordenador)
Joel Birman
Luis Antonio Castro Santos
Maria Lucia Fernandes Penna

Diretor do Instituto de Medicina Social
Maria Andréa Loyola

Cadernos do IMS, V. II, nº 3 (1988), RJ, IMS,
1988.

v. ; 31cm

Irregular

1. Medicina Social II. Universidade do Estado
do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina
Social.

Capa: Paulo Crown

Diagramação: Graça Borges

Secretária da Editoração: Regina Marchese

Apoio: UERJ/CEPESC/INAMPS

Apresentação de colaborações e solicitação de exemplares
- Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado
do Rio de Janeiro.

Rua São Francisco Xavier, 524 - 7º andar - Bloco D

Maracanã - Rio de Janeiro - RJ - 20.550

Telefone: (021) 284-8322 ramal 2572

ORIGEM Doação

PREÇO _____

DATA 31 / 03 / 89

VOLUME 2 - NÚMERO 3

Apresentação.....	5
A <u>psychopathia sexualis</u> de Krafft-Ebing ou o progresso moral pela ciência das perversões	
Luis Fernando Dias Duarte.....	9
As fontes da sexualidade freudiana	
Benilton Bezerra Júnior.....	41
A tipologia das homossexualidades numa pesquisa social	
Nestor Perlongher.....	73
No reino estatístico do sexo: uma leitura do "relatório Kinsey"	
Maria Luiza Heilborn.....	97
Michel Foucault: armadilhas para repensar	
Carmen Dora Guimarães.....	139
A família em cena: uma leitura antropológica da dramaturgia de Nelson Rodrigues	
Tania Salem.....	151
Sobre a paixão	
Joel Birman.....	181

PRÓXIMO NÚMERO

Casos e Acasos: O crime de um certo Custódio e o surgimento do manicômio judiciário no Brasil

Sérgio Carrara

O atendimento de emergência no Município do Rio de Janeiro - subsídios para um debate

Estela Maria Leão de Aquino

Patentes e a produção de medicamentos no Brasil: tradições do debate Brasil - Estados Unidos

Cid Manso de Mello Vianna

A AIDS no Brasil Urbano

Richard Parker

As drogas e a expansão da AIDS: uma análise do grupo das prostitutas

Gerson Noronha Filho

Ideologia, normas médicas e racionalidade epidemiológica: o caso do câncer genital feminino

Eduardo Faerstein

Entre o simbólico e o imaginário

Joel Birman

Resposta a Joel Birman

Jurandir Freire Costa

APRESENTAÇÃO

Através deste exemplar dos **CADERNOS DO IMS/1988**, colocamos à disposição dos leitores mais um número de nossa publicação voltado à discussão de um único tema. Agora, os textos reunidos têm por alvo a análise de um conjunto de discursos, em sua maioria especializados, através dos quais, no correr desse século, buscou-se apreender intelectualmente a esfera do comportamento humano designada pelo termo **sexualidade**.

O objeto das preocupações aqui expostas não é, note-se bem, a sexualidade como algo inscrito no real, mas sim a maneira como a própria inscrição ocorre e o modo pelo qual a sexualidade tem sido capturada em uma teia discursiva que, a um só tempo, a institui como natureza objetiva e define a necessidade de conhecê-la através de procedimentos científicos.

Os textos que ora se publicam^{*} são, portanto, outros tantos discursos sobre discursos que, na confluência de um olhar antropológico preocupado com a análise das categorias do pensamento e uma epistemologia de orientação foucaultiana, têm, ultimamente, estabelecido fecunda troca de

(*) Cumpre lembrar que alguns deles já haviam sido impressos em anais de congressos e boletins institucionais de pequena circulação, em quanto outros eram ainda inéditos. Nosso trabalho consistiu basicamente em reunir o disperso ao ainda não publicado, submeter novamente os artigos aos seus autores, incorporar as mudanças sugeridas e prepará-los para esta edição.

idéias sobre questões fundamentais e clássicas. Dentre tais questões destacaríamos, de um lado, as que dizem respeito à natureza das relações existentes entre as ideologias, os sistemas simbólicos, os saberes, as ciências - nome diversos com os quais se designa, enfim, os produtos do pensamento humano - e as estruturas sociais com seu perfil morfológico, econômico, demográfico, com seus agentes sociais e suas estratégias de poder, com a dinâmica de suas classes sociais. De outro lado, temos indagações que se referem à própria estruturação dessa atividade intelectual ou simbólica: o conteúdo de algumas categorias ou representações fundamentais - como, por exemplo, a de Indivíduo, atualmente, foco de extensas reflexões - e o caráter mesmo das operações que organizam as representações em totalidades mais ou menos singularizadas - área de reflexão onde, para dar apenas outro exemplo, parece situar-se as não menos extensas e instigantes reflexões em torno da oposição entre o normal e o patológico.

Sobre um mesmo tema repousam olhares que, sendo epistemologicamente convergentes, diferenciam-se quanto à escolha do ponto de partida estratégico para as várias análises propostas. Nesse sentido, os cinco primeiros artigos desta coletânea guardam entre si uma unidade que não pode deixar de ser comentada. Produzidos originalmente como papers apresentados em um grupo de trabalho coordenado por Maria Andréa Loyola e Luiz Fernando D. Duarte, durante o V Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP) - 1986, esses cinco trabalhos

ocupam-se de alguns dos mais importantes monu
mentos intelectuais* que pontuam o horizonte da
moderna reflexão sobre a sexualidade, partilha
do, em linhas gerais, pelos discursos da psi
quiatria, da psicanálise e da sexologia.

É justamente através dessas áreas que esses cin
co textos nos conduzem. Luiz Fernando D. Duarte
nos leva aos agora áridos e abandonados jardins
do pensamento psiquiátrico da segunda metade do
século XIX, nos quais, em esboço, a moderna dis
cussão em torno da sexualidade começava a flo
rescer ainda emaranhada nas preocupações médi
cas com a doença dos nervos e a degeneração dos
seres humanos. Benilton Bezerra Júnior se ocu
pa das elaborações de Freud, sem dúvida, aquele
que verdadeiramente instituiu a sexualidade, ao
lado do inconsciente (noções que, como mostra o
autor, estão estritamente relacionados no inte
rior das formulações freudianas), como instân
cias fundamentais para a compreensão das, fre
quentemente problemáticas, condutas humanas.
Maria Luiza Heilborn e Nestor Perlongher mergu
lham no oceano estatístico através do qual, ori
entados por uma bússola cientificista e biologi
zante, navegam os modernos sexólogos, como Al
fred Kinsey, Bell e Weinberg, que, a partir de
imensos levantamentos quantitativos, pretendem
mapear esse continente suposto mas desconhecido
a que chamamos sexualidade. Finalmente, em seu
pequeno texto, Carmen Dora Guimarães trabalha

(*) Dada a ausência de artigos que os abordassem, dois desses "monumen
tos" - Reich e Marcuse - infelizmente não puderam figurar nessa cô
letânea; devido a importância de suas obras, tal ausência não podê
ria passar, entretanto, sem essa pequena nota explicativa.

algumas das idéias, às vezes incômodas, de Michel Foucault pensador que pioneiramente nos advertiu quanto ao fato de a sexualidade ser, antes de mais nada, o que dela se diz, sendo a infinidade de discursos com que nossa sociedade a cercou, o fato bruto que clamava por uma análise crítica urgente.

Frente a esses artigos, os trabalhos de Tânia Salém e de Joel Birman apresentam-se com linhas de indagação correlatas mas independentes. Através da análise do teatro de Nelson Rodrigues, Tânia Salém explora os significados da sexualidade no contexto da estrutura familiar brasileira. Como Benilton Bezerra, Joel Birman, por seu lado, debruça-se também sobre o discurso freudiano, preocupado com a questão da paixão e sua posição na constituição do próprio saber psicanalítico.

Com esse número dos **CADERNOS**, colocamos à disposição dos leitores interessados na área da saúde coletiva e afins análises instigantes, que, esperamos, motivem novas indagações, discussões e pesquisas.

A COMISSÃO EDITORIAL

1

A PSYCHOPATHIA SEXUALIS DE KRAFFT-EBING
OU O PROGRESSO MORAL PELA CIÊNCIA
NAS PERVERSÕES

LUIZ FERNANDO DIAS DUARTE

A PSYCHOPATHIA SEXUALIS DE KRAFFT-EBING, OU O PROGRESSO MORAL PELA CIÊNCIA DAS PERVERSÕES *

LUIZ FERNANDO DIAS DUARTE **

RESUMO

O presente artigo é um exercício em torno da moderna ideologia sobre

o sexo e a sexualidade através da exegese de um de seus primeiros ícones: a Psychopathia sexualis de Krafft-Ebing. Além de uma breve exposição do campo acadêmico e intelectual no qual o autor se insere, e da estrutura interna do seu livro, empreende-se a análise das categorias do pensamento de Krafft-Ebing relativas à Pessoa (basicamente em conexão com os temas do nervoso e da degeneração).

"As mais sublimes virtudes, e mesmo o auto-sacrifício, podem brotar da vida sexual, mas podem também, devido ao seu poder sensual, degenerar nos mais baixos vícios e paixões".¹

INTRODUÇÃO

Entre os muitos nomes sonoros de psiquiatras alemães do século XIX que ainda ecoam nos saberes modernos sobre o homem, tem o de Krafft-Ebing um timbre certamente singular. Pois, para além das nomenclaturas da loucura e dos avatares do crime, ele nos evoca as "perversões", o es

-
- (*) Comunicação apresentada ao V Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, Águas de São Pedro/SP - 1986 (Grupo de Trabalho sobre Sexualidade e Reprodução, coordenado por Maria Andréa Loyola) e publicado separadamente no Boletim do Museu Nacional - Nova Série, Antrop., Rio de Janeiro (58).
- (**) Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ.
- (1) Krafft-Ebing, R., Psychopathia Sexualis (With especial reference to the Antipathic Sexual Instinct. A medico-forensic study). New York, Paperback Library, 1965, p. 2.

tranho canteiro em que, do fetichismo à necrofilia vicejam alguns dos fantasmas prediletos do Ocidente.

Em 1846 - como lembra Foucault - já se publicara na Alemanha uma Psychopathia Sexualis, escrita por Heinrich Kaan, e a locução era suficientemente corrente nos meios eruditos da segunda metade do século para que um periódico científico italiano circulasse sob o título de Archivio delle Psicopatie Sessuali. Foi no entanto o livro do Professor Krafft-Ebing, publicado pela primeira vez em Stuttgart há cem anos, que fixou para um intenso consumo no século XX a marca, a imagem conjugada das "perversões sexuais". A dificuldade de acesso hoje e neste país àquela literatura "menor" concomitante impede que se aquilatem com mais precisão as razões desse privilégio. Podemos inferir algumas dessas razões das informações gerais disponíveis sobre o campo intelectual em que floresceu e da análise da própria obra e seu cotejo com as marcas da questão da sexualidade ocidental nos últimos dois séculos.

Não é nada fácil porê^m trabalhar com a Psychopathia Sexualis. Por se tratar de um "livro de ciência" concebido um tanto sob a forma, tradicional em Medicina, de um tratado ou manual clínico (o seu subtítulo explicita tratar-se de "um estudo médico-legal"), prevalecia, a cada uma de suas numerosíssimas edições, o critério da "atualização" sobre o da "integridade" da obra. Todo um trabalho analítico extremamente interessante poderia ser feito portanto sobre a contínua variação que acompanha as doze edições remanejadas pelo próprio autor e as muitas que se seguiram à grande reordenação empreendida por Albert Moll para a republicação de 1923. Embora a primeira tradução para a língua francesa tenha sido publicada logo em 1892, creio poder afirmar que as

diferentes traduções para as mais diversas línguas apoiaram-se sobre várias dessas edições.¹ Se levarmos em conta, além do mais, que o cuidado nas inter-referências editoriais nesse período e nesse largo espaço variou muito (sobretudo nas edições "populares", de "vulgarização", quase de "escândalo"), assim como a tolerância da censura pública ou internalizada, poderíamos ter em mãos um intrincado mas interessantíssimo quebra-cabeça. Essas características fazem crer portanto que a generalizada popularidade do livro se deva a algumas variantes básicas - sobre as quais justamente nos deteremos - garantidoras da pregnância do "mito" que se evoluiu dessa ciranda de versões.

É claro que as qualidades do autor não podem ser separadas do destino do livro. O Barão von Krafft-Ebing, nascido em Mannheim em 1840, teve uma carreira brilhante sob todos os aspectos. Aluno de Griesinger, que influiu o campo médico-psiquiátrico alemão do Romantismo (da *Naturphilosophie*) para o positivismo, ocupou várias posições acadêmicas importantes até atingir a cátedra de Psiquiatria e Doenças Nervosas da Real e Imperial Universidade de Viena em 1889, graças à influência de sua volumosa obra e ao renome de sua habilidade clínica e médico-legal. O período vienense, até sua morte perto de Gratz em 1902, coincidiu com o apogeu da brilhante floração cultural que caracterizou a capital imperial na passagem do século e o seu pensamento e influência acadêmica foram um elemento de peso nas lutas e polémicas intelectuais ali travadas. O fato específico

(1) Este próprio trabalho teve de se apoiar sobre duas versões bastante díspares, uma americana, baseada na última edição alemã "atualizada" pelo autor Krafft-Ebing, R., *Psychopathia Sexualis*, op.cit., e uma argentina, baseada na tradução francesa da edição remanejada por Moll em 1923 [Krafft-Ebing, R., *Psicopatía Sexual* (Estudio médico-legal para uso de médicos e juristas). Buenos Aires: Ed. El Ateneo, 1955]. Privilegiou-se porém em todos os casos a primeira.

de seu interesse e ênfase na sexualidade tornava-o um interlocutor natural não só de seus colegas médicos, psiquiatras e juristas, mas de toda a intelectualidade circundante, fortemente comprometida com a discussão desse tema. ¹ Freud não deixa de citá-lo, aqui e ali, em sua obra, e contou com a sua benévola influência em pelo menos duas ocasiões para a afinal malfadada tentativa de incorporação ao quadro docente da Universidade de Viena. ²

Embora sua posição pessoal fosse um dos alvos do ataque pelas novas tendências de interpretação dos fatos psíquicos e psicopatológicos, consolidadas afinal no modelo freudiano, sua coerência pessoal e tolerância acadêmica parecem ter feito dele uma espécie de ponte plausível entre o mundo do reducionismo fisicalista da psiquiatria oficial e tudo o que se passava a conceber quanto à realidade sui generis do psiquismo. ³ Essa hipótese não pode se ancorar porém no conteúdo explícito de sua obra, uma vez que ela é na verdade um exemplo acabado e minucioso do modelo fisicalista articulado pelo tema da degeneração. Sob este outro ponto de vista, a questão da popularidade e difusão da Psychopathia pode ao mesmo tempo ser encarada como um sintoma da generalizada difusão dos temas da "degeneração" e da "neurastenia" ⁴ e como um vetor de reafirmação e manutenção dos pressupostos do modelo de pessoa e perturbação implicado naqueles temas. É possível que se pudesse re

(1) Pollak, M. Vienne 1900. Une Identité Blessée. Paris. Gallimard/Julliard, 1984 e Janik, A. & Toulmin, S. Wittgenstein's Vienna. New York, Simon & Schuster, 1973.

(2) Jones, E. Vida e Obra de Sigmund Freud. Rio de Janeiro:Zahar Ed. 1970, pp.338-339.

(3) É conhecido o episódio em que Krafft-Ebing, que presidia a sessão de uma sociedade científica vienense ante a qual Freud acabara de expor e de ver mal recebidas suas hipóteses sobre o papel da sexualidade na etiologia da psicopatologia, comenta serem elas um "conto de fadas científico".

(4) Eles próprios parte do que chamei em outro trabalho de "configuração do nervoso". Cf. Duarte, L.F.D. Da Vida Nervosa (nas classes Trabalhadoras Urbanas). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986, Cap. III.

constituir todo um quadro social de representações sobre a sexualidade - pelo menos nos segmentos letrados das sociedades ocidentais - em que o consumo direto ou indireto da Psychopathia coincidissem com as áreas de resistência ou desconhecimento dos modelos psicogenéticos (ao estilo psicanalítico).

Em um sentido mais geral, pode-se porém creditar a difusão da Psychopathia ao fenômeno de hegemonização do dispositivo de sexualidade e sua conseqüente injunção do "falar sobre o sexo".¹ Sob esse prisma aliás a difusão dessa obra e de suas congêneres teria obedecido ao

mesmo princípio responsável pela progressiva expansão e aceitação dos modelos de inspiração freudiana. As intenções moralizantes, edificantes e terapêuticas da Psychopathia encontravam-se imersas em um impressionante "almanaque" de todos os comportamentos e sentimentos sexuais desviantes descritíveis e classificáveis à época, apresentados o mais freqüentemente sob a forma de "casos", o que deve tê-la feito desde logo incluível na avassaladora onda de literatura "pornográfica", ou de ficção "criminososa" ou "monstruosa", que então se firmava como gênero. Os prefácios de Krafft-Ebing e diversas passagens da obra, em suas diferentes edições, encontram-se recheados de recomendações sobre o seu caráter "científico" e sobre a conveniência de sua circulação restrita. Fica claro porém desde o prefácio da primeira edição - e absolutamente explícito com a incorporação crescente de cartas e depoimentos de leitores nas edições posteriores - que o seu autor a desejava lida

(1) Foucault, M. História da Sexualidade I: a Vontade de Saber. Rio de Janeiro, Graal, 1977, p.112.

pelo maior número possível de pessoas, na expectativa de efeitos didáticos e terapêuticos. ¹

Sob um ponto de vista mais abstrato, o livro estava profundamente comprometido com uma questão tão grave quanto a da "responsabilidade" humana, fosse sob a forma geral - por assim dizer, "cosmológica" - com que ela passara a ter de ser reformulada desde a recusa dos modelos religiosos; fosse sob essa outra, mais prosaica, mas igualmente inquietante, da responsabilidade penal na moderna sociedade disciplinar. Esse era certamente outro de seus ganchos fundamentais com a problemática e o imaginário da época, tanto ao nível letrado quanto ao popular.

I. "O objeto deste tratado é simplesmente o de registrar as diversas manifestações psicopatológicas da vida sexual do homem e de reduzi-las às suas condições regulares" ²

Krafft-Ebing considerava seu trabalho o resultado de uma "pesquisa científica" longa e dedicada sobre a

vita sexualis (como ele tão freqüentemente chamava seu objeto). Sua formação acadêmica já se dera sob o clima de intensa reação positivista e fisicalista à Naturphilosophie, personificado pela figura marcante de Griesinger. Isso significava retornar aos princípios mais estritos da ciência natural iluminista e conceder às empresas da "observação" e da "classificação" um sentido formal es

(1) Compare-se, por exemplo, as seguintes passagens da primeira e da décima-segunda edições, sucessivamente: "Ele (o livro) se dirige aos homens engajados no estudo sério dos domínios da filosofia natural e da jurisprudência médica. Um título científico foi escolhido e são utilizados ao longo do livro termos técnicos de modo a afastar os leitores leigos. Pela mesma razão vão certas partes escritas em latim" [Krafft-Ebing, Psychopathia Sexualis etc. op. cit., p. VII]; "O seu sucesso comercial e a melhor prova de que um grande número de pessoas infelizes encontra em suas páginas instrução e alívio nas manifestações freqüentemente tão enigmáticas da vida sexual" [idem, p. VIII].

(2) Krafft-Ebing, R. Psychopathia Sexualis. op. cit.

truturante.¹ Ao longo de seu período de vida desenrolam-se uma desenfreada especulação e proliferação teórica em torno do estatuto do homem, particularmente no tocante às questões-limite do crime e da loucura. Duas das idéias-chave de seu sistema de pensamento estavam sendo formuladas no mesmo período de sua vida: a teoria da ||degeneração|| de Morel, Moreau de Tours, Magnam e Moebius, e a teoria da "neurastenia" de Beard; amparadas elas próprias em temas da Fisiologia geral e nas marcas mais amplas da configuração do "nervoso". O "evolucionismo" já constituía o pano de fundo do pensamento acadêmico de sua formação, mas seria reforçado e infletido com o surgimento da obra de Darwin na década de 60.

O princípio da "observação" na Medicina e, particularmente, na Psiquiatria sofria algumas modificações a partir de seu modelo "fisiologista". Embora a dissecação do corpo e do cérebro fosse o paradigma e a fonte final da argumentação, passava-se a considerar cada vez mais como uma fonte possível secundária mas importante, de "dados", de "evidência", a observação das características "externas" do corpo humano e, mesmo, do comportamento, das sensações e dos sentimentos. Pontes complexas armavam-se portanto entre a Neurologia (enquanto uma Neuroanatomia e Neurofisiologia), a Psiquiatria, a Psicologia (tanto a mais antiga, "introspeccionista", quanto a "psicofisiologia" então em voga) e a Antropologia (da frenologia à craniometria); todas comprometidas porém com os princípios do "fiscalismo": monismo naturalista, compromisso metodológico com o visível e o mensurável (e

(1) Griesinger afirmara em seu manual de 1845 que "as doenças mentais (Geisteskrankheiten) são doenças do cérebro (Gehirnkrankheiten)" [apud Decker, H.S. Freud in Germany. Revolution and Reaction in Science. New York, International University Press, 1979, p. 25].

com a trilogia ontológico-metodológica da morfologia/fisiologia/patologia) e dependência da dualidade entre "orgânico" e "funcional" para a compreensão dos fenômenos da vida.

O princípio da "classificação", que tivera seu apogeu no século XVIII, permanecia singularmente vivo na Psiquiatria, enovelada em torno da convivência com as infinitas figuras da loucura herdadas da tradição médico-filosófica e com as mais variadas e díspares propostas decorrentes da intervenção das "fisiologias" iluminista e positivista. O que Foucault chamou de "Jardim das Espécies" ainda é uma boa imagem para as nosografias psiquiátricas novecentistas e - particularmente - para essa nebulosa que viria a se consolidar na obra de Krafft-Ebing justamente em torno dos "prazeres perversos". Veja-se que Krafft-Ebing lança mão de um vasto espectro de figuras de classificação psicopatológica ao longo da Psychopathia: Paranóia, Histeria, Melancolia, Mania, Demência Periódica, Epilepsia, Demência Paralítica (Lues Cerebralis), Demência Pós-apoplética, Debilidade Mental Adquirida, Idiotia e Hipocondria. Isso sem incluir nessa lista categorias como as da Neurastenia ou da Degeneração, por terem um estatuto muito particular para o autor, e nem tampouco outras, mais generalizantes, como Nervosismo, Insanidade, Psicose e Neurose. Um conhecimento mais minucioso e aprofundado do pensamento de Krafft-Ebing teria de passar pela incorporação dessas figuras (contra tantas outras disponíveis) à problemática da pessoa; mesmo daquelas, primeiras, que segundo o autor, só mantêm com a "psicopatia sexual" uma relação incidental; uma vez que essas classificações não se sustentavam sobre princípios uniformes (como se supunha acontecer com as classificações botânicas e zoológicas) e a escolha de qualquer uma de suas combinações correspondia a uma ver

dadeira declaração de identidade dentro do campo médico-psiquiátrico.

A combinação muito peculiar de "observação" (com as características apontadas) e de "classificação" que sustenta o empreendimento de Krafft-Ebing pode ser percebida desde o exame do plano da obra, expresso no sumário. Há uma parte introdutória chamada de "Fragmentos de um Sistema de Psicologia da Vida Sexual", em que se acumula todo tipo de generalidades sobre o "instinto sexual", a "sensualidade" e o "amor", com ênfase particular nas questões da "evolução", da diferença entre os gêneros e nas relações do "amor" com a "religião", com a "arte" e com a "crueldade". Seguem-se dois capítulos de idêntico tamanho dedicados respectivamente aos "Fatos Fisiológicos" e aos "Fatos Antropológicos", o primeiro tratando basicamente do "funcionamento" e do "desenvolvimento" da vita sexualis e o segundo, da diferenciação "física" e "psíquica" entre os sexos.

O fulcro do livro é constituído pelo IV Capítulo chamado de "Patologia Geral (Neurológica e Psicológica)" onde se apresentará e descreverá a frondosa árvore das "neuroses sexuais" com todas as suas ramificações. Para compreender essa classificação, é preciso ter em mente que a preeminência fisicalista e monista do "sistema nervoso" engloba uma oposição entre o que é "neurológico", "orgânico" (e está portanto associado à categoria da "neurose" ou "neuropatia") e aquilo que - a partir daí - se distingue como "psicológico", "funcional" (e está portanto associado à categoria da "psicose" ou "psicopatia"). Nesse sentido, embora a "raiz" da árvore esteja arraigada na mais literal corporalidade, sua "copa" (justamente o que é mais abundante, visível e notável) floresce em direções e sob formas que não podem ser linearmente deduzi

das de seu "substrato". Isto é o que explica - a meu ver - o uso da categorização de "neuroses sexuais" no começo deste capítulo, quando o autor procura apresentar o quadro classificatório a partir do seu fundamento no "sistema nervoso" e a progressiva ênfase nas categorias "psico", que terminam por se confundir com o todo da obra pela sua presença no próprio título: Psychopathia Sexualis. Esse deslocamento é paralelo à ênfase e importância concedidas às "perversões", que, se correspondem, por um lado, às "neuroses sexuais cerebrais", assumem, por outro, uma qualidade funcional tão complexa que chegariam a parecer "independentes" ou "autônomas" em relação à condição orgânica.

A classificação procede pela diferenciação dos lugares e concomitantes graus de gravidade das "afecções nervosas": neuroses "periféricas", neuroses "espinais" e neuroses "cerebrais". Estas últimas organizam-se, conforme as vicissitudes do funcionamento do "instinto sexual", em "paradoxia" (inadequação face aos processos fisiológicos), "anestesia" (ausência), "hiperestesia" (excesso) e "parestesia" (perversão). As figuras da "parestesia" são finalmente o **sadismo**, o **masoquismo**, o **fetichismo** e a **sexualidade antipática**. As três primeiras apresentam-se inicialmente separadas da última como espécies do gênero: "com inclinação sexual para o sexo oposto". Haverá porém para o autor possibilidades de combinações entre todas essas formas patológicas, inclusive entre as "cerebrais" e as "espinais" e "periféricas" (que se apresentam às vezes quase como "elementares" em relação às primeiras, "complexas" ou "superiores").

Há ainda dois capítulos finais, bem mais breves, que se voltam sucessivamente para as possíveis concomitâncias das figuras sexuais patológicas com as demais figuras

psicopatológicas (listadas há pouco), e para "A Vida Sexual Patológica perante o Foro Criminal". Enfim, as alianças da "perversão" com suas irmãs: a "loucura" e o "crime".

II. "É um triste privilégio da medicina, e particularmente da psiquiatria, o de ter que testemunhar as fraquezas da natureza humana e o lado do avesso da vida" ¹.

O exame das fontes dos dados para essa "observação" e sua conseqüente empresa classificatória nos revela um quadro bastante complexo. Creio ser possível fazer uma primeira grande distinção entre os chamados "casos clínicos", que constituem a espinha dorsal da argumentação, e a informação "literária", por assim dizer. Os "casos" são majoritariamente oriundos da própria "experiência clínica" do Dr. Krafft-Ebing, mas há também todos os que podiam a essa altura ser consultados e transcritos da literatura especializada (tanto nos livros e manuais quanto nos artigos dos periódicos científicos ou em documentação jurídico-penal). A informação "literária" incluía esse recorte já então crepuscular da tradição "médico-filosófica", representado na obra pelas referências a Galeno, Platão, Schopenhauer ou Hartmann; o recorte das referências a material de ficção literária, que inclui, no caso, Diderot, Balzac, Théophile Gautier, Feydeau, Flaubert ou Zola; e o recorte dos testemunhos sobre a vida íntima de escritores, seja os explicitamente autobiográficos, seja os que Krafft-Ebing considerasse depreensí-

(1) Krafft-Ebing, R. Psychopathia Sexualis, op. cit., p. VII.

veis das características de suas obras, como é o caso de Swift, Descartes, Rousseau, Goethe, von Kleist ou Baudelaire.¹

Uma outra fonte de informação "científica" foi sendo cada vez mais importante para as reedições e remanejamentos da obra: as cartas dos leitores, que frequentemente correspondiam a longos testemunhos ou depoimentos, já referidos - evidentemente - às classificações, etiologias e propostas terapêuticas do Dr. Krafft-Ebing.

Toda essa informação poderia ser repassada sob a forma de referências breves ao longo de uma demonstração ou sob a forma integrada dos "casos", numerados em uma única seqüência por ordem de ocorrência em cada edição. Na edição remanejada pelo próprio Krafft-Ebing, que estou usando preferencialmente, esses casos chegavam a 238 e na outra, revista por Moll, chegavam a 447. Como os casos eram frequentemente substituídos nas reedições por outros mais recentes ou "expressivos", é de se supor que o total das variações da obra abarque quase um milhar desses curiosos testemunhos; um autêntico corpus ethnographicus da vida social européia da passagem do século.

É muito difícil separar o uso desse complexo sistema de referências "empíricas" das referências "teóricas" em Krafft-Ebing. Todo o conjunto de operações implicadas na gigantesca produção e codificação da "experiência clínica", inseparável da triagem e apropriação seletiva de uma produção acadêmica e literária cada vez mais volumosas, constituía por si mesmo uma teoria em estado prático e dinâmico. Pode-se reconstruir hoje o quadro das re

(1) Seriam na verdade incluíveis nesse caso tanto Sade quanto Sacher-Masoch; mas sobretudo este último, informante exclusivamente "literário".

ferências teóricas que mais marcaram o seu pensamento, mas ele não é depreensível do sistema de referências explícitas. É assim que Moreau de Tours e Magnan - alguns dos principais formuladores da teoria da degeneração ou degenerescência - merecem um espaço em nada distinto do concedido a Lombroso, Tarde, Maudsley, Magnus Hirschfeld, Havelock Ellis, Albert Moll ou Fliess.

A rede de periódicos científicos especializados utilizada por Krafft-Ebing cobre trinta títulos alemães, austríacos, franceses, italianos, suíços, belgas e norte-americanos. São anais, boletins, arquivos, anuários, gazetas ou semanários dedicados à Medicina, à Psiquiatria, à Neurologia, à Higiene, à Clínica, à Terapia das Doenças Nervosas, ao Direito Penal, à Medicina Legal, à Antropologia Criminal, à Psicologia e à Veterinária. Há porém alguns títulos bastante específicos, tais como o já citado Archivio delle Psicopatie Sessuali, o Zweifelhafte Geisteszustände (Estados Mentais Duvidosos) e o Jahrbuch für Sexuelle Zwischenstufen (Anuário para Assuntos Sexuais Liminares), este último o veículo da atividade de Hirschfeld na Alemanha.

Talvez não seja irrelevante ressaltar a alta densidade das relações entre as pessoas e as instituições implicadas nesse campo intelectual, o que repercutia certamente sobre o fluxo das idéias, o estilo das referências cruzadas e "ênfases" ou "esquecimentos" específicos. A alta especificidade e detalhamento dos "casos", muitos referentes a personagens dos mesmos estratos sociais que os de seus clínicos-intérpretes ou parceiros-escritores, produziam um efeito de reverberação imaginária bastante singular.¹ Foi na condição de auxiliar da clínica psiquiá

(1) Ver a esse respeito as explícitas considerações e mapeamentos fornecidos nos livros de Janik & Toulmin, Wittgenstein's Vienna etc. op. cit. e Pollak, M. Vienne 1900 etc., op. cit.

trica de Krafft-Ebing que Gattel fez a pesquisa base de seu polêmico livro sobre a sexualidade.¹ Sabe-se a que grau de mal-estar levou a controvérsia sobre plágio a respeito da teoria da bissexualidade entre Freud, Fliess e Weininger, quando este publicou o seu **Sexo e Caráter** em 1903. Em um outro sentido, imagens tão fortes quanto as do insólito encontro entre Luiz II da Baviera e Sacher-Masoch, relatado por Wanda Sacher-Masoch² ou da notória terapia de Mahler por Freud, inspiram até hoje a procura de correlações irreveladas e reveladoras entre esses corpus ethnographicus e a pesquisa histórica e a crítica literária.

III. "Caso 71. Z., de vinte e oito anos, oficial, mãe neuropática. O pai morreu cedo; não há informações sobre sua família ou saúde. Z. foi desde a infância nervoso e impressionável; começou cedo a se masturbar por sua própria conta: tornou-se neurastênico com a puberdade, evitou o onanismo por algum tempo, mas era frequentemente perturbado por poluções; recuperou-se um pouco em um instituto hidropático; sentiu uma forte libido em relação a mulheres, mas nunca foi bem-sucedido no coito, parte por insegurança em relação à sua potência, parte por medo de infecção".³

O caso em epígrafe - escolhido um tanto ao acaso - apresenta algumas das principais características do gênero, evocando as linhas múltiplas com que agora se procurará produzir o modelo de Pessoa presente na obra de Krafft-

(1) Decker, H.S. Freud in Germany, op. cit., p. 135.

(2) Deleuze, G. Presentation de Sacher-Masoch. Paris. Minuit, p. 300.

(3) Krafft-Ebing, R. Psychopathia Sexualis. op. cit., p. 175.

Ebing (para depois explorar o sentido e características específicas da libido sexualis). Creio porém que o leitor moderno inadvertido pode fazer uma leitura do seu texto fortemente distante do que efetivamente o justificava em sua época. Induziriam a isso a presença de categorias que deixaram quase completamente de ter um significado forte em nossa cultura, tais como "neuropatia", "neurastenia", ou "hidropatia"; mas também - e sobretudo - a ilusão de continuidade com tantas outras ainda hoje utilizadas, em sentidos tão diferenciados.

O primeiro sinal desse deslocamento é o de que muito provavelmente não se percebe na leitura do texto o "fisiologismo" fundamental que o autoriza. Muito pelo contrário, na medida em que o autor está fazendo referência a fatos "morais" e "sentimentos", pode-se até supor uma aproximação do mundo das representações "psicanalísantes" ou "psicologizadas" modernas. As referências ao pai e à mãe do paciente na verdade, porém, visavam averiguar a existência dos sinais da "degeneração", das "taras hereditárias", que constituíam o primeiro plano de realidade sobre o qual podiam se constituir as identidades perversas.

O primeiro plano de observação/averiguação possível em relação à "degeneração" era justamente o da ascendência do paciente; o que abarcava uma vasta gama de informações sobre o maior número possível de gerações e de cognatos. Os principais sintomas reconhecíveis eram o da existência de qualquer presumida perturbação "nervosa" (neuropática ou psicopática), de comportamento criminoso (mesmo que não explicitamente psicopatológico), de traços "desviantes" de comportamento (tais como excesso de bebida, vício do jogo, etc.) ou de algumas doenças especifi

cas (tais como a sífilis ou a tuberculose). Essas condições eram o mais das vezes presumidas, e é possível que a inocente referência - no exemplo citado - à morte precoce do pai pudesse querer indicar a eventualidade de algum desses distúrbios sintomáticos.

A existência desses "sinais" nos ascendentes era não só indicadora de sua própria condição "degenerada" como uma garantia quase certa da "degeneração" do descendente, manifestável ou não em um novo florescimento de sintomas patológicos.

A característica mais notável do modelo da "degeneração" é a sua condição de vetor físico-moral. Isso significa que ela permitia pensar um modo de articulação entre fenômenos "físicos" e "morais" que não parecesse contraditório com a ordem de valores mais abrangentes a que se subordinava: a do "fiscalismo". O dualismo físico/moral correspondia nesse caso e dependia estreitamente do dualismo orgânico/funcional, cuja importância já foi acentuada. Essa capacidade "físico-moral" atravessa os três níveis em que se apresenta o modelo da "degeneração": o da hereditariedade, o da irritação e o da neurastenia.

A "degeneração" era um fenômeno absolutamente dependente da hereditariedade. Sua existência na verdade só podia se configurar transgeracionalmente, através da hipótese da herança de determinadas "taras" físicas, orgânicas, produtoras ou propiciadoras de distúrbios morais, funcionais. A sexualidade era portanto duplamente fundamental; já por atravessar toda a vida do sujeito e ser o vetor de diversos dos "acidentes" degeneratórios, já por determinar o próprio modo e condições do ato reprodutor,

constituídor de sua descendência.

Os diversos fenômenos ligados à "degeneração" dependiam de uma série de características atribuídas ao "sistema nervoso", todas elas derivadas de uma ou outra das qualidades propostas ou descritas pela Neurofisiologia desde o começo do século XVIII. Creio que o núcleo de idéias em torno da "irritação" e da "irritabilidade" possa centralizar aqui todo esse complexo quadro. Na citação exemplar, o tema é introduzido pela categorização de "impressionável" atribuída ao paciente logo após o universal "nervoso". Com este termo designava-se um dos múltiplos efeitos "morais" devidos à alteração das condições normais dos "nervos": fracos, tensos, impressionáveis, irritáveis, abalados, extenuados, excitados ou saturados. O tema da "convulsão" (e com ele o da "epilepsia") pode ser considerado como outra das figuras do quadro, assim como o da "intoxicação" e o da "masturbação". Estes últimos constituíam os pontos de ataque centrais do movimento higienista, seja diretamente, como no caso da masturbação, seja indiretamente, como no da intoxicação; propício à denúncia dos males e vícios da civilização urbana.

A questão da "neurastenia" ou "astenia nervosa" também correspondia a uma alteração do estado "nervoso", fazendo uso porém aqui da figura da fraqueza no lugar da irritação. Essa fraqueza podia ser geral, ou seja, afetar toda a pessoa, por intermédio do "sistema nervoso", ou "sexual", afetando o segmento periférico, espinal ou cerebral do suporte daquela função. A condição de "neurastênico" ou "fraco dos nervos" era, como as demais, físico-moral, e nesse sentido enfeixava um conjunto de manifestações ou estados físicos e morais que mantinham en

tre si relações de causa e efeito circulares e multidirecionais.

As três figuras da hereditariedade, da irritação e da neurastenia se interpenetravam intimamente na dinâmica da "degeneração". Nas histórias clínicas da Psychopathia Sexualis, o papel de catalisador de todos esses temas era quase sempre assumido pela "masturbação", esse terrível "onanismo" a que se refere o caso da epígrafe. Possibilitado ou facilitado pela "tara hereditária", provocador ele mesmo de uma crescente "excitação" ou "irritação" dos nervos, que é concomitante de uma "fraqueza" ou "neurastenia" (manifesta tanto ao nível do corpo quanto do caráter), ele acaba por expor sua vítima, alternativa ou concomitantemente, à tríade maldita da loucura/crime/perversão. Seus próprios atos, nesse sentido, acrescentam à carga hereditária um ainda maior grau de degeneração a ser legado à geração seguinte.

Foucault chamou a esse modelo "conjunto" ou "sistema perversão/hereditariedade/degeneração", considerando-o como o "núcleo sólido das novas tecnologias do sexo".¹ A análise da Psychopathia Sexualis confirma plenamente sua proposta. Toda a descrição, diagnóstico, etiologia e terapêutica das "perversões" encontram-se aí apoiados nesse núcleo de representações, que constitui um esquema interpretativo capaz de dar conta de todos os fenômenos do humano, "normais" ou "patológicos".

Se é verdade, por um lado, que as questões morais devem ser consideradas, na lógica do modelo, como "funcionais"

(1) Foucault, M. História da Loucura. São Paulo. Perspectiva, 1978, p.112.

ou "epifenomenais" em relação à determinação física, há também, por outro lado, efeitos de retorno do nível moral sobre o nível físico, desde que - supostamente - essas "funções" não estejam totalmente toldadas ou subvertidas pela gravidade do estado de degeneração. Quase toda a terapêutica posta em prática pelo Dr. Krafft-Ebing estava aliás ancorada na expectativa de alguma independência do "caráter" ou da "vontade" que pudesse - ajudados pela "sugestão" e pelo "conhecimento" - restaurar uma ordem de "responsabilidade" pessoal. Veja-se a importância da referência, no caso citado, ao fato de o paciente ter "evitado o onanismo por algum tempo". Resistir ou sucumbir à tentação da "masturbação" era aliás o critério básico de avaliação dos sujeitos: avaliação de sua "resistência" moral e de sua condição hereditária.

Não é possível compreender a lógica do modelo da "degeneração" (e de toda a configuração do "nervoso" de que ela faz parte) sem mencionar o que chamei em outro trabalho já citado de "males da civilização". Veja-se como o próprio Krafft-Ebing se exprimia a respeito dessa questão na edição de 1895 da Psychopathia, que aqui transcrevo de uma referência de Freud: "O modo de vida de um sem número de povos civilizados da atualidade apresenta uma grande quantidade de aspectos anti-higiênicos que explicam o nocivo incremento de doenças nervosas, pois esses fatores atuam primordialmente sobre o cérebro. As transformações ocorridas nas últimas décadas nas condições políticas e sociais das nações civilizadas, especialmente no comércio, na indústria e na agricultura, acarretaram grandes mudanças nas atividades profissionais dos indivíduos, em sua posição social e na propriedade - tudo isso à custa do sistema nervoso, que deve atender ao aumento de exigências sociais e econômicas com um maior dispêndio de energia, do qual freqüentemente tem insuficientes oportunida

des de recuperar-se." ¹ Creio que fica aí bem descrito como a mesma dinâmica patogênica do "sistema nervoso" antes referida pode ser desencadeada ou ensejada por uma causalidade supra-individual, sinal ela própria de uma "degeneração" social ou cultural. A concomitância desses processos ao nível da pessoa e da sociedade era mesmo a chave-mestra de todo o movimento higienista, comprometido com o saneamento universal.

IV. "(...) o instinto sexual foi isolado como instinto biológico e psíquico autônomo; fez-se a análise clínica de todas as formas de anomalia que podem afetá-lo; atribui-se-lhe um papel de normalização e patologização de toda a conduta; enfim procurou-se uma tecnologia corretiva para tais anomalias". ²

Foram necessárias algumas considerações um tanto genéricas para melhor iluminar o papel e o sentido que o sexo e a sexualidade portavam na Psychopathia (e particularmente o sexo perverso). O processo descrito por Foucault na epígrafe foi por ele chamado de "psiquiatrização do prazer perverso" e assim considerado um dos "quatro grandes conjuntos estratégicos que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo". ³

Com efeito, a obra de Krafft-Ebing - e sua conseqüente consolidação de um quadro imaginário consolidado das perversões sexuais - foi uma peça fundamental do grande pro

(1) Freud, S. "Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna". Obras Psicológicas Completas 9. Rio de Janeiro, Imago, 1977, p.190.
(2) Foucault, M. História da Sexualidade I, op.cit., p. 100.
(3) Idem.

cesso de autonomização, de segmentação da "sexualidade", paralelo da Modernidade. É muito curioso como o relato por Krafft-Ebing de alguns de seus casos revela a inicial indisposição dos pacientes em "falar sobre o sexo" e a eficácia da delicada docência que os tornará loquazes à exaustão - alimentando a loquacidade dos psiquiatras, dos juristas, dos moralistas, dos jornalistas, até a nossa, hoje, dos cientistas sociais.¹

A categoria "vida sexual" em Krafft-Ebing recobre uma série de locuções importantes relativas a essa ordem de fenômenos: libido sexual, desejo sexual, instinto sexual, função sexual, prazer sexual. Todo o primeiro capítulo de seu livro está comprometido em descrever o escorregadio personagem, em definir os seus contornos, suas qualidades e seus perigos. O primeiro ponto da série é o da relação entre a sexualidade e o modelo do Homo duplex: "O homem se nivela imediatamente com o animal quando procura satisfazer exclusivamente o desejo sensual, mas se eleva a uma posição superior se, sabendo domar o desejo animal, combina com as funções sexuais idéias de moralidade, do sublime e do belo."² Ou ainda: "Um ambiente ético é necessário para elevar o amor até a sua forma pura e verdadeira, mas, não obstante, a sensualidade será sempre a sua base principal."³ O "instinto sexual" e o "desejo sexual" ou "sensualidade" são assim pensados como fenômenos da corporalidade mais estrita e, nesse sentido, equacionados com o lado "animal" do "humano". São um fato fi

(1) Vale a pena ressaltar um aspecto pouco conhecido e muito vívido dessa autonomização, ocorrido a essa época com a língua alemã. A palavra tradicional para designar "sexo" era Geschlecht (adjetivo geschlechtlich), que significava na verdade "ao mesmo tempo" gênero e descendência ou herança de sangue. A exigência de desentranhamento exigiu num primeiro momento o recurso ao uso do termo latino, subpostamente unívoco (como era o caso do vita sexualis e do próprio título do livro de Krafft-Ebing) e logo em seguida a importação do adjetivo sexuelle e do radical sexual - que já são correntes em Freud.

(2) Krafft-Ebing, R. Psychopathia Sexualis. op. cit., p. 1.

(3) Idem, p. 13.

siológico e uma fatalidade ligada à "perpetuação das espécies".¹

O segundo ponto é o de que esse "instinto primário" é suficientemente poderoso e plástico para estar na raiz do que há de melhor no humano: "A vida sexual é sem dúvida esse poderoso fator das relações individuais e sociais do homem que lhe abre os poderes da atividade, da aquisição de propriedade, do estabelecimento de uma casa, e do despertar dos sentimentos altruísticos para com uma pessoa do sexo oposto, para com os seus próprios assuntos e para com o conjunto da raça humana."² Essa mesma capacidade de "fonte universal" da sexualidade (que não deixa de lembrar os atributos da libido no modelo freudiano) tem por rém como corolário um imenso potencial de perigo. Pode "degenerar nos mais baixos vícios e paixões", como disse Krafft-Ebing num trecho já citado e pode destruir a própria condição humana: "O amor sem limites é um vulcão que tudo queima e devasta ao seu redor; é um abismo que tudo devora: a honra, a substância e a saúde."³

Essa força - em sendo física - pode ser estudada como um objeto natural. Ela se expressa em uma anatomia, funciona através de uma fisiologia e pode produzir uma patologia - como tudo o que vive na natureza. Quando se descreveu aqui o plano da Psychopathia, transpareceu, sob o modo da organização das perversões, o modo de organização de toda a vida sexual: sua ancoragem na matéria nervosa, sua dependência da tripartição do sistema (cerebral, espinal e periférico) e sua divisão entre o "orgânico" e o "funcional". Não se fez referência então a dois proble

(1) Idem, p. 25.

(2) Idem, p. 1.

(3) Idem, p. 2.

mas específicos desse modelo. O primeiro é o do grau de autonomia ou de influência dos "órgãos sexuais" ou "genitais" face ao "sistema nervoso" e sua sede cerebral. O segundo é o das "localizações cerebrais" - essa idéia fixa do século XIX. Ambos os problemas - que o eram para todo o campo intelectual de Krafft-Ebing - recebem o tratamento tentativo possível para os seus próprios termos. Imagina a solução de uma autonomia subordinada para o primeiro caso - e isso justificará em parte as frequentes informações constantes nos casos clínicos sobre o estado das partes sexuais dos pacientes. Considera correta mas ainda imprecisa a teoria das localizações - o que o levará por exemplo a uma extensa especulação sobre a vizinhança no cérebro dos centros sensoriais sexual e olfativo, dadas as supostas correlações que ainda existiriam no homem (embora mais atenuadas do que no animal) entre odor e desejo sexual.¹

A representação da "sexualidade" na Psychopathia passava ainda pela questão da evolução da humanidade e dos ciclos de evolução e decadência das "civilizações". Como dizia Krafft-Ebing: "É de grande interesse psicológico acompanhar o desenvolvimento gradual da civilização e a influência exercida pela vida sexual sobre os hábitos e a moralidade."² Com efeito, esse desenvolvimento parecia corresponder a um "progresso lento" mas certo da "moralidade" sobre o "instinto animal", que ainda se poderia ver exposto sem peias nas "raças selvagens". A hipótese da promiscuidade primitiva encontra-se aí em toda a sua pujança, acompanhada pela idéia da força crescente e civilizatória da

(1) Essa especulação chega a vincular os dois problemas ao discutir a possibilidade de considerar o nariz como um "órgão sexual", citando, entre outras, as famosas propostas de Fliess a esse respeito (Krafft-Ebing, R. Psychopathia Sexualis. op. cit., p. 30).

(2) Krafft-Ebing, R. Psychopathia Sexualis. op. cit., p. 2.

"vergonha". Uma versão da hipótese da recapitulação aproxima os "altos e baixos da vida sexual do indivíduo" dos períodos de avanço, estagnação ou decadência da moralidade coletiva. A intermediação do "sistema nervoso" é ainda aí necessária para dar conta da relação entre o estado de civilização e os espantosos fenômenos de "luxúria", "deboche", "efeminação", "depravação" e "adulterio" que tenderiam a acometê-lo. "A tensão exagerada do sistema nervoso", diz Krafft-Ebing, "estimula a sensualidade, leva a excessos tanto o indivíduo quanto as massas e solapa as próprias fundações da sociedade, e a moralidade e pureza da vida familiar."¹ As grandes cidades eram vistas como "os viveiros em que são geradas as neuroses e a baixa moralidade."²

A sexualidade é explorada ainda por Krafft-Ebing em suas relações com três temas que teriam com ela - a seu ver - um forte parentesco: a religião, a arte (ou a criação) e a crueldade. Dois círculos de relações se estabelecem entre esses elementos. O primeiro enlaça a sexualidade, a religião e a crueldade. O segundo, a sexualidade, a religião e a arte. O círculo que desemboca na crueldade funda-se na idéia de que há um misticismo ou transcendentalismo comum ao amor sexual e à religião que, quando exacerbado ou frustrado, pode desembocar nos mais lamentáveis excessos.³

(1) Idem, p. 6.

(2) Idem, p. 7.

(3) "A hiperestesia religiosa e sexual mostra no ápice de seu desenvolvimento o mesmo volume de intensidade e a mesma qualidade de excitação e pode portanto se deslocar, dadas certas circunstâncias. Ambas, em certos estados patológicos, irão degenerar em crueldade." (Krafft-Ebing, R. *Psychopatia Sexualis*. op. cit., p. 11).

O outro círculo supõe que na raiz dos elevados sentimentos que compõem a experiência religiosa ou artística estejam emanções de excitação sexual ativa, insatisfeita ou posta em repouso. Essas associações - que poderiam lembrar a argumentação freudiana em torno de conceitos tais como os de "recalque" e "sublimação" - são na verdade, modos indiretos, inexplicados de introduzir as grandes "perversões", de um modo que logo se esclarecerá.

É preciso antes, porém, completar o quadro geral da sexualidade em Krafft-Ebing pela rápida evocação de sua variação entre o homem adulto, a mulher e a criança. "O homem, diz nosso autor, tem fora de dúvida o apetite sexual mais forte dentre os dois. Desde o período da puberdade ele é instintivamente atraído pela mulher. O seu amor é sensual, e a sua escolha, é fortemente motivada pela atração física. Um poderoso impulso da natureza torna-o agressivo e impetuoso em sua corte. A lei da natureza não preenche inteiramente, porém, o seu ser psíquico. Ao obter o prêmio, seu amor é temporariamente eclipsado por outros interesses vitais e sociais."¹ Já a mulher "tem o seu favor requestado. Permanece passiva. É o que exige a sua organização sexual e é nisso ajudada pelos ditames da boa educação. A consciência sexual é no entanto mais forte nela do que no homem. A sua necessidade de amor é maior, contínua e não periódica; mas seu amor é mais espiritual do que sensual. O homem ama a mulher em princípio como sua esposa e só então enquanto mãe de seus filhos. Já na mulher o primeiro lugar no coração é o do pai da criança, e só o segundo é o do esposo. A mulher é influenciada

(1) Krafft-Ebing, R. Psychopathia Sexualis. op. cit., p. 14.

em sua escolha mais pelas qualidades mentais do que pelas físicas".¹ Essa distinção, que não tem nada de original em relação às representações correntes à época sobre os gêneros, não é irrelevante para o modo de constituição da experiência perversa. É assim que o "fetichismo" - que é a perversão que está mais próxima das fontes da sensualidade - aparece na Psychopathia quase como que incompatível com o gênero feminino; enquanto que a "sexualidade antipática" se distribuiria irremediavelmente entre os dois.

A definição da sexualidade infantil tem um interesse muito particular, por permitir compreender melhor a hipótese endossada por Krafft-Ebing do "trauma psíquico", ou seja, a de uma "impressão causada ao tempo do despertar do instinto sexual" com repercussões duradouras sobre a vida do indivíduo. Essa hipótese era muito importante para que se pudesse sustentar a distinção entre perversão "congenita" e "adquirida", cerne de uma acirrada polêmica então em curso. "O instinto e o desejo sexual permanecem latentes - a não ser por indistintos sentimentos e impulsos - até o período de desenvolvimento dos órgãos sexuais. A criança é genus neutrius; e embora durante esse período latente (quando a sexualidade ainda não atingiu uma clara consciência, encontra-se apenas virtualmente presente e não vinculada a poderosas sensações orgânicas) possa ocorrer uma excitação anormalmente precoce da genitália - seja espontaneamente, seja como resultado de influências externas - e até mesmo satisfação pela masturbação; ainda assim encontra-se absolutamente ausente a relação psíquica com pessoas do sexo oposto, e os atos sexuais apresentam nesse período um caráter mais ou menos reflexo e espí

(1) Idem, p. 14.

nal,"¹ Pode-se ver portanto, transposta para o plano do desenvolvimento ontogenético, a oposição entre o "orgânico" e o "funcional" em sua plena capacidade de estruturação. A vida sexual infantil não é completa porque ainda não se deu o completo desenvolvimento dos "órgãos" a ela relacionados. Sua presença é imprecisa e fraca, dependendo não do cérebro, mas do nível espinal da organização nervosa. Nesse sentido, tampouco podem existir as "funções" superiores da sexualidade (a "consciência", a "relação psíquica"), por não haver órgão a que possam corresponder.

A questão dos "traumas psíquicos" fica assim mais clara. Trata-se do resultado de "excitações", "impressões" excessivas sofridas por um aparelho nervoso ainda incapaz de absorvê-las normalmente. Dado o caráter impreciso e flutuante dos "sentimentos sensuais" nesse período, com eles podem ocorrer "associações" que perdurarão indelévels no fundo das "perversões". Seriam justamente os diferentes modos, momentos e qualidades dessas "impressões" e "associações" que responderiam pela multiplicidade das perversões entre si e dos estilos e variações dentro de cada uma. É preciso não esquecer porém que esse modelo era inseparável da hipótese da degeneração, que produzia as chamadas "predisposições" às experiências traumáticas.²

Não será possível examinar aqui com mais atenção a produção de cada uma das grandes figuras da "perversão", as suas infinitas variedades e condições de florescimento.

(1) Idem, p. 283.

(2) Uma notória polémica opôs Krafft-Ebing a Schrenck-Notzing, que recusava a hipótese da "congenitalidade" (cf. Krafft-Ebing, *R. Psychopathia Sexualis*. op. cit., p. 216 e Decker, H.S. *Freud in Germany*. op. cit., p. 241).

Cada uma por si mereceria um estudo acurado, mas remete, ao mesmo tempo, para tradições de análise crítica específicas, abundantes e divergentes. Para a exposição do ponto final desta análise da Psychopathia Sexualis - a questão da terapêutica -, farei um tanto mais referência à "sexualidade antipática", que tem na obra um estatuto privilegiado em diversos sentidos.¹

Como chamei atenção anteriormente, o plano da obra procura levar do mais "orgânico" ou "neuroológico" (ou do mais simples nível do "neuroológico" ao mais complexo) para o mais "funcional" ou "psicológico". A "sexualidade antipática" coroa, nesse sentido, o projeto da obra, assim como coroaría no plano da vida a própria série das perversões; na medida em que ela seria a que mais se distanciaria da determinação orgânica e a que estaria, destarte, mais próxima das funções superiores da "consciência" e da "moralidade". Não é aleatório portanto que o maior número de informações sobre a "terapêutica" apareça no contexto da exploração dessa "perversão": haveria só aí uma afinidade mais propícia entre a qualidade da patologia e a forte ênfase "moral" dos tratamentos.

O modelo terapêutico de Krafft-Ebing, coerente com o caráter "físico-moral" da etiologia, incorpora recursos "físicos" e "morais". Os "físicos" estavam associados sobretudo à "neurastenia" e visavam ao "fortalecimento" do organismo através de uma intervenção sobre o "sistema nervoso". Podiam compreender a ministração de drogas ou medicamentos (como os "tônicos" que então surgiam justamente para tal fim) e as famosas curas hidropáticas (mistura de

(1) Veja-se que diversas edições da obra, inclusive a aqui citada, apresentavam como primeiro subtítulo "Com especial referência ao instinto sexual antipático".

"banhos", "massagens", vida ao "ar livre", afastamento das influências urbanas perversas). Um exemplo de "receita" incluía a indicação da temperatura do banho de imersão e dosagens de um extrato botânico, de um antipirético e de brometo de potássio (supostamente um moderador da disposição sexual).¹

O tratamento moral estava baseado fundamentalmente na idéia da "sugestão", que podia ser tentada pelos meios convencionais da persuasão, do esclarecimento e da advertência; mas que tinha na "hipnose" o seu recurso por excelência. São descritos diversos casos de sugestão hipnótica considerados bem sucedidos e exemplares. Não se deixava de considerar porém como primeira e mais favorável condição para o tratamento a disposição do paciente, sua força de vontade, a expressão de um senso moral minimamente "elevado" e a consciência da repercussão de seus atos e interesses. Há nesse sentido uma forte disposição anti-silar por parte do Dr. Krafft-Ebing, ou, pelo menos, uma convicção da sua nula capacidade terapêutica.

A maior ou menor ênfase "física" ou "moral" da terapêutica dependia evidentemente do diagnóstico produzido. Nesse caso - e na impossibilidade de realizar dissecações cerebrais sem destruir o paciente² - havia uma quase total dependência das informações obtidas oralmente, em estado normal ou hipnótico. "O diagnóstico", diz Krafft-Ebing, deve ser encontrado na anamnese, na etiologia, na vita anteacta, no desenvolvimento psicosexual do caso."³ Em diversos momentos, Krafft-Ebing se refere ao

(1) Krafft-Ebing, R. Psychopathia Sexualis. op. cit., p. 413.

(2) A realidade do desejo dessa condição-limite pode ser comprovada pelas numerosas descrições de exames post-mortem, de que transcrevo o seguinte exemplo: "O exame do cérebro não apresentou nada de incomum no tocante à arquitetura e ao arranjo das convoluções. Peso do cérebro: 1150 gramas. Crânio ligeiramente assimétrico. Nenhum sinal anômico de degeneração. Genitália interna e externa sem anomalias." (Krafft-Ebing, R. op. cit., p. 416).

(3) Idem, p. 444

problema da "veracidade" dos discursos obtidos, sobretudo no tocante às pessoas oriundas dos estratos inferiores da sociedade ou que lhe chegassem pelas mãos da justiça criminal (e que não estivessem portanto "dispostas" ou moralmente comprometidas com o "tratamento"). Em todos esses casos, porém, não estava descartada a utilização concomitante de toda uma outra série de sinais físicos (exteriores) ou comportamentais, supostamente indicadores da "degeneração" ou de "neurastenia". No caso da "sexualidade antipática" esses sinais eram particularmente importantes para a determinação fina de cada uma de suas multiformes ramificações, ainda mais uma vez escalonadas dentro do contínuo que ascende do "orgânico" para o "funcional".

Todo esse processo de argumentação tinha como corolário importante a distinção entre "perversão" e "perversidade". Irmãs na atualização do mesmo tipo de fatos, a segunda se distinguiria da primeira pela ausência de qualquer sinal ou evidência de "degeneração". Teríamos aí portanto um sujeito moral pleno, senhor de sua responsabilidade, livre do peso determinante das "taras". A consecução de atos "perversos" por parte de tais sujeitos deveria portanto ser creditada seja a um jogo de circunstâncias fortuitas muito específicas (como o coitus inter homines em prisões, por exemplo), seja à deliberada disposição de infringir as normas morais ou legais. É claro que essa distinção seria fundamental todas as vezes em que esses atos atingissem uma condição criminal e exigissem o parecer dos especialistas médico-psiquiátricos. Essa é porém toda uma dimensão distinta do sentido da obra de Krafft-Ebing, que ultrapassa estouta a que propus me ater, de revelar as marcas da representação sobre o "sexo" e a "sexualidade" em um dos instigantes monumentos que balisam a emergência e a hegemonia desse fenômeno central da Modernidade.

Cad. IMS; RJ; v. 2; nº 3; p. 41 - 71; agosto/setembro 1988.

2

AS FONTES DA SEXUALIDADE FREUDIANA

BENILTON BEZERRA JÚNIOR

AS FONTES DA SEXUALIDADE FREUDIANA *

BENILTON BEZERRA JÚNIOR **

RESUMO

Este texto procura sublinhar o que marcou a diferença do discurso freudiano sobre a sexualidade, na época do seu surgimento, com relação a outras correntes então hegemônicas. São descritos os primeiros contatos de Freud com a questão, e a partir de uma descrição das teorias sobre as perversões predominantes no fim do século XIX procura-se acentuar a inovação trazida por Freud em seus textos até a formulação dos Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade.

O final do século XX assistiu à gestação de duas idéias que abalaram o mundo: as noções freudianas acerca do inconsciente e da sexualidade. É praticamente impossível imaginar o que seriam a cultura ocidental e o pensamento científico do século XX sem a revolução causada no conhecimento sobre o homem por essas formulações, contidas em

* Professor do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

** Comunicação apresentada no V Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, (Grupo de Trabalho sobre Sexualidade e Reprodução, coordenado por Maria Andréa Loyola) Águas de São Pedro/SP - 1986.

dois livros: *A Interpretação dos Sonhos* (1900) e os *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). É verdade que o efeito transformador destes textos demorou a acontecer. Ambos pensaram - por motivos diversos - uma espécie de quarentena intelectual antes de serem plenamente aceitos.

A publicação de *A Interpretação dos Sonhos* mereceu, durante muito tempo, apenas silêncio e sarcasmo. Dois anos depois de publicado, somente duzentos e poucos livros haviam sido vendidos. Em sua *Autobiografia* (1925) e na *História do Movimento Psicanalítico* (1914), Freud fala de um certo professor de Psiquiatria em Viena que havia escrito um livro com o único intuito de combater as suas idéias sobre os mecanismos dos sonhos e sua interpretação. Nada demais se o próprio autor da crítica não confessasse jamais haver lido o livro de Freud inteiramente, porque lhe haviam dito que "não valia a pena".

Este mesmo médico diante de 400 alunos, terminou certa vez uma conferência sobre histeria com as seguintes palavras: "Como vocês estão vendo, estes doentes possuem a tendência a aliviar-se de seus sintomas falando. Um colega desta cidade utilizou esta circunstância para construir uma teoria com a qual está enchendo os bolsos." ¹

Embora se inquietasse com esse tipo de acolhida às suas pesquisas, decerto Freud não se surpreendeu com isso. Nos anos anteriores à publicação de *Traumdeutung*, suas idéias acerca da etiologia da sexualidade já lhe haviam rendido desde acusações de pornografia e falta de ética até críticas que variavam entre o desdém e a condescendência. Ficou bastante famoso o comentário de Krafft-Ebing após

(1) Cf. Carballo, J.R. *Introducción a Este Tomo Primero in Freud, S. Obras Completas*. Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1973, vol. I, p. XXV.

uma conferência de Freud sobre **A Etiologia da Histeria**, em 1896: "Soa como um conto de fadas." É impressionante notar como, em meio a esse descrédito, numa solidão intelectual absoluta, Freud insiste. Mais do que isso, acredita que a história lhe dará razão. Em carta a Fliess, datada de junho de 1900, ele afirma que no futuro se poderia ler na sua casa uma placa de mármore com os dizeres:

"Neste lugar, em 25 de julho de 1895, o Dr. Sigmund Freud desvendou o segredo dos sonhos."¹

Ele tinha razão. Embora publicado em novembro de 1899, seu livro trazia, não por acaso, a data do novo século, e, décadas mais tarde, seria efetivamente reconhecido como um dos pilares do mundo moderno.

A publicação dos **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**, em 1905, representa, por sua vez, a consolidação de um percurso de cerca de quinze anos durante o qual a investigação sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses foi levando Freud, paulatinamente, a construir um edifício teórico próprio, dotando a sexualidade de um sentido insuspeitado pelas teorias que o precederam. Porém, o desenvolvimento das idéias de Freud acerca da sexualidade não aconteceu de modo linear e progressivo. Pode-se mesmo dizer que estas idéias se impuseram a ele em dois tempos: num primeiro momento, pela palavra de seus mestres; depois, nos relatos dos pacientes e nos impasses teóricos e técnicos a que a terapêutica catártica o conduziu.

Em 1925, Freud conta que, enquanto escrevia a **História do Movimento Psicanalítico**, cerca de onze anos antes, al

(1) Correspondência completa de S. Freud a W. Fliess (1887-1904). Rio de Janeiro, Imago, 1986, p. 418.

gumas lembranças lhe vinham à mente. Eram observações feitas muito tempo antes por três de seus mestres quanto à natureza sexual das perturbações histéricas. O significado profundo desses comentários o próprio Freud não havia alcançado de imediato; ele permanecera "latente e inativo" em seu espírito "até que a oportunidade dos experimentos catárticos o trouxe à luz como uma descoberta aparentemente original".¹

1. "É SEMPRE A COISA GENITAL..."

São três os mestres, são três as cenas. A primeira se passa com Breuer. Durante um passeio com Freud, na época um jovem interno do hospital, Breuer é abordado por um indivíduo que pede para falar-lhe com urgência. Freud se separa um pouco dos dois e ao terminar a conversa, o mestre lhe comunica que se tratava do marido de uma cliente trazendo-lhe notícias dela. Acrescenta que a mulher havia começado a se comportar em sociedade de uma maneira tão singular que a família, supondo que ela estivesse neurótica, decidira encarregá-lo de seu tratamento.

E, em seguida, a conclusão: "Mas nestes casos, trata-se sempre de segredos de alcova." Espantado, Freud lhe pergunta o que queria dizer com aquelas palavras. Breuer insiste: "Sim, segredos do leito conjugal." Para Breuer não havia mais mistério. Ao mencionar abertamente o segredo, é como se o decifrasse, e ele absolutamente não entende a surpresa de Freud, estranhando que a coisa lhe houvesse parecido "tão inusitada". Para Breuer, um ponto de chegada; para Freud, cujo ouvido tinha a prodigiosa capacidade de perceber o murmúrio do mistério em meio às aparentes verdades definitivas, aquilo era o início de uma interrogação.

(1) Freud, S. op. cit. vol. IV, p. 2771.

Passado algum tempo, em 1886, em Paris, a cena se repete. Os personagens agora são Freud, seu colega Brouardel e Charcot. De início pouco atento, Freud vai acompanhando com curiosidade crescente o relato que seu colega faz ao mestre acerca de uma cliente neurótica: "a mulher gravemente doente, o marido impotente ou inteiramente desajeitado". Charcot, para assombro de Freud, afirma: "Mas, nestes casos, é sempre a coisa genital, sempre... sempre... sempre..." Desta vez, Freud não se depara mais com metáforas ("segredos de alcova", "segredos do leito conjugal"). A **coisa genital** comparece à cena com seu próprio nome, de modo escancarado. Perplexo, ele se pergunta: "Mas se ele sabe, por que não diz nunca?" Esta interrogação, porém, ainda não tem como ganhar vida própria no espírito de Freud: "No entanto", diz ele, "rapidamente esqueci esta impressão; a anatomia cerebral e a produção experimental da paralisia histérica absorveram todo o meu interesse."¹

O terceiro episódio acontece um ano depois. De volta a Viena, com "toda a inocência e ignorância" acerca da etiologia das neuroses, Freud começa a trabalhar. Um dia recebe um comunicado de Chrobak, grande médico vienense, que lhe encaminha uma paciente cujos sintomas ele está convencido de que são causados pelo fato de ela ser virgo intacta após dezoito anos de casamento com um marido totalmente impotente. O "sexo explícito" aparece no tratamento que Chrobak diz saber ser necessário mas impossível de receitar: "Rp. Penis normalis/dosim/repetatur". A coisa se expressa de forma tão crua que fere os ouvidos de Freud: "...tive que me conter para não deixar ver a meu benfeitor a má impressão que seu cinismo me causa

(1) Freud, S. op. cit. vol. II, p. 1899.

va".

Desse modo pode-se ver claramente que nada havia de novo na associação entre **sexualidade** e **neurose**. Esta era na verdade uma idéia corrente e Breuer, Charcot e Chrobak falam dela abertamente, tomando-a como uma evidência. É aqui entretanto, que reside a diferença: Freud toma o dito pelo não dito, isto é, passa a ver um **enigma** naquilo que, seus mestres encaravam como um suposto banal. "Sei que uma coisa", diz ele, "é expressar uma idéia sob a forma de uma observação passageira, e outra é levá-la a sério, conduzi-la através de todos os obstáculos e conquistar para ela um lugar entre as verdades reconhecidas. Há aqui a mesma diferença entre um flerte ligeiro e um casamento com todos os seus deveres e dificuldades." ¹ Freud se casa com a idéia. Até então se fala muito da sexualidade, mas ninguém a escuta. A **coisa sexual** é invocada, é chamada à cena, mas para permanecer muda. Para ser falada, mas para nada dizer de si própria. É ele quem a tornará eloquente e apreensível por uma rede discursiva que, ao acolhê-la, acabará por modificar-lhe o sentido. Com efeito, a investigação acerca dos mecanismos de formação dos sintomas neuróticos levará Freud a erigir - a partir da desmontagem das teorias usuais sobre a sexualidade - um novo objeto. A clínica, com suas vicissitudes, exigirá um esforço teórico que desembocará nesta grande novidade da psicanálise: **a vinculação da sexualidade humana à lógica do inconsciente**. É nesta articulação que reside de fato a originalidade freudiana e a marca da distinção entre a psicanálise e as teorias sexológicas.

(1) Freud, S. op. cit. vol. II, p. 1900.

2. A SEXOLOGIA NO FIM DO SÉCULO XIX: O PROBLEMA DAS PERVERSÕES

Foucault situa na passagem do século XVIII para o século XIX um deslocamento fundamental na história das relações do Ocidente com o sexo. É o momento em que se processam uma progressiva laicização do sexo e sua captura pelos discursos pedagógico (voltado para a sexualidade na infância), demográfico (com o objetivo de regular e controlar a reprodução das populações) e médico (que tinha inicialmente como objeto a fisiologia sexual própria das mulheres).

No campo da medicina, paulatinamente o sexo vai ocupando um espaço próprio, separado da medicina geral do corpo. Este movimento em direção a uma disciplina médica especial tem como primeira referência um livro hoje pouco conhecido: *A Psychopathia Sexualis*, de Heinrich Kaan (1844), homônimo de outro, famosíssimo, escrito 40 anos mais tarde.¹

Data de meados do século XIX o surgimento da idéia de um instinto sexual isolado, capaz de apresentar anormalidades constitucionais, desvios adquiridos, alterações patológicas hereditárias ou doenças cuja importância para o futuro eugênico da humanidade a medicina não se cansou, depois disso, de proclamar.

A noção moderna de instinto sexual, tal como foi tematizado ao longo do século XIX, nasceu, segundo Bercherie,²

(1) Trata-se do livro *Psychopathia Sexualis*, de Krafft-Ebing. Sobre este livro e sua duradoura influência sobre os estudos da sexualidade ver o artigo de Luis Fernando D. Duarte, nesta coletânea.

(2) Bercherie, P. *Genèse des Concepts Freudienes*. Paris, Navarin Editeur, 1983. O livro apresenta uma detalhada discussão sobre as teorias sexuais no fim do século XIX.

na obra de Cabanis. Em seu trabalho intitulado **Rapports du physique et du moral chez l'homme**, Cabanis se estende na discussão acerca da influência da sexualidade sobre a esfera moral chegando a atribuir a ela o papel de determinante fundamental de toda a esfera das relações interpessoais - amorosas, familiares e sociais, que seriam uma espécie de expressão psíquica da sexualidade. Cabanis opõe ainda os **instintos de conservação** e o **instinto de reprodução**. Esta oposição entre dois grandes grupos de "hábitos instintivos" vai ter enorme influência sobre o pensamento científico a partir de então. Anos mais tarde, em seu **Tratado Clínico de Psiquiatria**, Krafft-Ebing apresentará a oposição entre o **instinto de nutrição** e o **instinto sexual**, deles derivando anomalias distintas, e apontando o segundo como fonte de importante determinação do caráter, da personalidade e, sobretudo, dos sentimentos éticos, estéticos e das tendências sociais.

Mas é em torno do problema das perversões que se constitui nas últimas décadas do século XIX uma sexologia que, buscando parentesco com as ciências positivas e com a medicina, reivindica o status de disciplina científica.¹ Até então pouca atenção havia sido dada às perversões. No longo processo de construção da nosologia psiquiátrica, em curso desde o fim do século XVIII, elas eram, de modo geral, alocadas no capítulo dos atos compulsivos, das síndromes obsessivas ou monomanias instintivas.

(1) Segundo A. Béjin, a primeira referência a uma disciplina científica versando sobre sexo aparece sob a denominação de **sexualogia** no livro The Ethic of Freethought, do estatístico e demógrafo inglês K. Pearson. Cf. P. Ariès e A. Béjin (orgs.). Sexualidades Ocidentais. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 211.

Ao longo do século XIX, a "implantação perversa", no dizer de Foucault, corresponde de fato a um movimento de duplo sentido. De um lado, discrimina-se, descreve-se e cataloga-se uma enfermidade de condutas sexuais transformadas em objetos, com consistência e natureza próprias: são "os zoroastras, os automonossexualistas, mixoscopófilos, os ginecomastos, os presbiófilos, os invertidos se xoestéticos e as mulheres disparêunicas". Por outro lado, as condutas são transformadas em essências. A individualização das perversões implica criar também uma nova figura, a do indivíduo perverso. A medicina psiquiátrica ao lançar seu olhar classificatório sobre as sexualidades "extravagantes", trata de "semeá-las no real e incorporá-las ao indivíduo".¹ Passam a existir as perversões e os perversos enquanto problema, enquanto questão a ser pensada.

O caso do homossexualismo é exemplarmente descrito por Foucault: "a sodomia (...) era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa (...) O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie".²

Em 1886, Krafft-Ebing publica sua *Psychopathia Sexualis*, uma espécie de certidão simbólica de nascimento da sexologia. Esta obra torna-se clássica e sua classificação das perversões (feita a partir de extensíssima compilação de casos) passa a nortear as discussões posteriores sobre o tema.

(1) Foucault, in *História da Sexualidade*, Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 44.

(2) Idem, p. 43.

Krafft-Ebing propõe, no capítulo IV, quatro grandes grupos classificatórios para os distúrbios do instinto sexual:

- **Anestesia:** quando o instinto está enfraquecido ou sente. Fisiológica na infância e na velhice.
- **Hiperestesia:** quando o instinto está anormalmente acentuado: ninfomania, satiríase. Provocado por distúrbios funcionais ou orgânicos do cérebro.
- **Parestesia:** quando o instinto se manifesta de modo perverso, isto é, "quando a satisfação não tem por objetivo a conservação da espécie". São as perversões propriamente ditas: sadismo, masoquismo, fetichismo, homossexualismo.
- **Paradoxia:** quando o instinto se manifesta fora das épocas normais do processo de desenvolvimento anatomo-fisiológico dos órgãos genitais. É o caso de acontecimentos sexuais na infância e na velhice.

Resumidamente, a teoria clássica das perversões muito bem representada na obra de Krafft-Ebing, apresenta como principais características as seguintes idéias: a sexualidade é percebida como uma função referida aos órgãos genitais; a influência da sexualidade sobre a esfera das emoções, das idéias, do caráter se dá por força de uma linha de influência do físico sobre o moral, fazendo deste algo como a expressão psíquica e cultural de determinantes orgânicos; a sexualidade normal está voltada para a reprodução, sendo os desvios considerados antinaturais e patológicos em si mesmos; a sexualidade na infância é acidental, vinda de fora, e patogênica; no

plano da etiologia, as perversões são consideradas des
vios da sexualidade de natureza congênita ou degenerativ
va.

As noções de hereditariedade e degeneração são fundament
ais para a compreensão dessa teoria. A hereditariedade
permite explicar a presença de determinantes familiares
incontornáveis (tanto no registro físico quanto no moral)
responsáveis pelo aparecimento de "perversões congêni
tas". A idéia de degeneração, por seu lado, possibilita
conciliar de modo abrangente a herança biológica e os
acidentes biográficos. É o que permite falar em "pervers
ões adquiridas". A degeneração de um indivíduo implica
va uma predisposição, a presença de uma fragilidade orgã
nica constitucional que o tornava sujeito a viver certas
experiências (inócuas para os outros) como traumáticas e
patogênicas.

É interessante observar que teses como a da hereditaried
ade, da teleologia da reprodução e da determinação orgã
nica da sexualidade encontraram críticos mesmo entre os
sexólogos da época. Alfred Binet, por exemplo, no seu
Fétichisme dans L'Amour (1887), argumenta com humor:

"Quando um indivíduo adora pregos de botina, e um outro
os olhos de mulher, não é a hereditariedade que pode ex
plicar por que sua obsessão se volta para este objeto e
não para um outro qualquer."¹ Ele acentua o papel dos
acontecimentos acidentais na biografia para a constituiç
ão de uma sexualidade perversa e chega a admitir que es
ta não passa de uma exageração do processo normal; o amor
adulto nada mais seria do que um "fetichismo complicado,

(1) Cf. Bercherie, P. op. cit., p. 207.

(...) politeísta: ele resulta, não de uma excitação única, mas de uma miríade de excitações". A patologia perversa só surgiria "quando o amor a um detalhe se torna preponderante, a ponto de apagar os demais (...). Ao politeísmo sucede o monoteísmo."¹

Schrenck-Notzing vai mais adiante na especulação acerca da preponderância dos fatores históricos sobre a disposição congênita na produção da sintomatologia perversa. Trabalhando com um tratamento à base da hipnose ele consegue curar pela sugestão muitos pacientes e considera então que aquilo que é reversível por influências externas não pode ter sido adquirido senão em circunstâncias análogas. Na maior parte dos casos, o único sinal de uma possível degeneração seria, para ele, a própria existência da perversão. Ora, se a perversão era consequência de uma tara hereditária e esta era evidenciada pela existência da perversão, nada mais haveria aí do que um raciocínio tautológico.

A aplicação das idéias evolucionistas no estudo dos fenômenos sexuais, sob a enorme influência de Darwin no cenário científico do fim do século, levou, por outro lado, autores como Moll a adotarem pontos de vista mais abrangentes quanto à presença da sexualidade na infância. No seu livro Investigações sobre a Libido Sexualis, de 1897, as manifestações sexuais na infância não são tidas como automaticamente patológicas, ao contrário do que Krafft-Ebing afirmava. Para este a "paradoxia infantil" era sempre decorrência de uma degeneração, ao passo que para Moll as manifestações da libido infantil eram antecipadoras e preparatórias da atividade instintual pós-puberda

(1) Idem, *ibidem*.

de. Ele acolhe a idéia de um desenvolvimento sexual que se inicia desde a primeira infância e, portanto, desvincula os fenômenos psicosexuais de uma vinculação absoluta aos órgãos reprodutores.

Magnam, por sua vez, recusa a idéia de uma normalidade sexual referida à procriação. Para ele, o perverso é um anormal, mas não porque vise o prazer e não à procriação, ou ainda porque não seja conforme ao modelo natural da relação pênis-vagina. Para ele a norma em função da qual a perversão é julgada como tal é a norma do funcionamento harmonioso e hierarquizado dos centros nervosos. A vida sexual é definida através de um modelo anatomofisiológico, e não por sua finalidade. Não há referência a princípios morais ou uma teleologia da procriação. O comportamento do perverso é anormal porque corresponde a uma desestruturação da ordem do sistema nervoso central.¹

Podemos observar, portanto, que a produção teórica acerca das perversões e da sexualidade em geral estava longe de ser unívoca, ou caricatural, como hoje em dia se tende a crer. Progressivamente, o estudo das perversões foi se desvinculando das concepções finalistas, organicistas, ou centradas nas funções genitais. As idéias de Binet, Moll e Magnam confirmam esta observação. No entanto, é preciso salientar que estes avanços e rupturas com relação à concepção clássica das perversões se situam num campo que embora tenha pontos de contato com o pensamento que Freud vai desenvolver por esta época, permanece bastante distinto dele quanto a noções fundamentais.

(1) Cf. Laura, G.L. Lectures des Perversions. Paris: Masson, 1979 p.56.

Assim, embora Binet critique a idéia de que a hereditariedade possa explicar tudo, ela é ainda entendida como "a causa das causas": o perverso é um degenerado; os fatores ambientais (a sedução sexual por um adulto, por exemplo) não terão conseqüências traumáticas para uma criança normal, mas numa criança degenerada serão responsáveis pelo florescimento do quadro perverso.

Magnam, embora preconize o abandono de uma visão moral ou teleológica da sexualidade permanece buscando no funcionamento dos centros nervosos superiores a ordem natural a partir da qual a sexualidade humana pode ser compreendida, e acaba por tomar as perversões como uma manifestação entre outras de desequilíbrio mental, sinal de um quadro patológico cuja origem é a hereditariedade ou as malformações congênitas.

Finalmente Moll admite a sexualidade na infância, mas não é de uma sexualidade infantil que ele fala, com seu desenvolvimento, modos de organização e características próprias.

3. A NOVIDADE FREUDIANA

A inovação produzida pelo pensamento freudiano na discussão sobre a sexualidade foi fruto de um longo desenvolvimento. Freud, na verdade, até o fim da vida continuou intrigado pelo enigma da sexualidade e jamais se deu por inteiramente satisfeito com suas próprias conclusões. Ao longo de sua obra, abandonou idéias, retomou-as mais adiante, fez acréscimos, propôs modificações; enfim, a teoria freudiana acerca da sexualidade jamais se deixou apreender por fórmulas cristalizadas, e mesmo hoje permanece aberta a interpretações. É possível abordá-la de várias maneiras, mas o que nos interessa aqui é apenas

flagrar os instantes iniciais mais importantes das formulações freudianas, até os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, de 1905, onde os elementos fundamentais da teoria já se encontram assinalados.

Uma das muitas acusações feitas a Freud foi a de ser pansexualista, isto é, de pretender explicar tudo no psiquismo pelo sexual, de ver na libido a energia psíquica. Ele mesmo jamais aceitou esta crítica, tendo afirmado em várias ocasiões que era dualista, e que a noção de conflito (central em sua teoria do psiquismo) implica necessariamente forças se enfrentando. Para ele sempre havia, paralelamente à sexualidade, algo que se contrapunha a ela, fosse a autoconservação, o ego ou a pulsão de morte.

Laplanche, no entanto, chama a atenção para o fato de que na acusação de pansexualismo há talvez algo de pertinente. Com isto ele quer dizer que se para Freud a sexualidade não é tudo, não é a causa das causas, não é a energia vital, uma espécie de força psíquica geral, única, há no entanto algo nela que justifica o prefixo pan: é que ela está em todo lugar, a sexualidade é o recalço fundamental.⁽¹⁾

Após Freud pode-se perceber a sexualidade na formação do psiquismo individual, no processo de constituição do ego e das instâncias ideais (ideal de ego/superego), e ver a sua marca na origem de quase toda a atividade humana.

(1) Laplanche, J. La Sexualidad. Buenos Aires: Ed. Nueva Vision, 1984.

A descoberta da importância fundamental da sexualidade produziu-se em dois campos: nos estudos e pesquisas clínicas acerca da etiologia das neuroses, e na auto-análise de Freud, que levou à elaboração da teoria dos sonhos, onde a noção de inconsciente freudiano é estabelecida.

No campo das neuroses, Freud foi levado a distinguir dois tipos clínicos que, embora tivessem em comum uma causa sexual, diferiam quanto ao papel desempenhado pela sexualidade na sua etiologia: as neuroses atuais e as psiconeuroses.

- a) nas neuroses atuais a causa não se encontra em conflitos infantis mas nos atuais, e os sintomas, em vez de serem (como nas psiconeuroses) a expressão simbólica de conflitos psíquicos, resultariam diretamente da ausência ou inadequação da satisfação sexual.
- b) nas psiconeuroses (a histeria e a neurose obsessiva) a causa sexual das perturbações se encontra no passado, e a fonte de excitação, o fator desencadeante do conflito, se encontra no domínio psíquico.¹

Pode-se observar que a noção de sexualidade embutida no conceito de neuroses atuais ainda se aproxima de uma concepção clássica. O mecanismo de formação dos sintomas seria somático e não simbólico. Freud fala de excitação sexual, e não da elaboração psíquica de um conflito sexual. Os conflitos sexuais não resolvidos e não-incorporados ao domínio psíquico fariam do corpo seu teatro de operações, dando origem a sintomas como fadiga, dores vagas, etc. Mesmo a angústia presente nestes quadros

(1) Freud, S. op. cit. vol. I, p. 183-198.

resultaria de uma transformação direta da excitação somática sem a mediação dos mecanismos fantasmáticos existentes na formação dos sintomas psiconeuróticos.

Laplanche divide em três os períodos através dos quais a descoberta da sexualidade foi se dando. O primeiro momento vai até 1895. Neste período, junto com a descoberta da importância da sexualidade na etiologia das neuroses, surgem também os instrumentos e conceitos do método psicanalítico: a livre-associação, as noções de defesa, recalque e conflito inconsciente.

O segundo momento vai de fins de 1895 até 1897. A investigação acerca da sexualidade prossegue (e desembocará nos Três Ensaios, em 1905), mas algo novo é incorporado: a descoberta do papel importante desempenhado pela **sexualidade infantil** e a valorização cada vez maior dada às lembranças. A articulação entre estes elementos é fornecida por uma teoria que domina a cena neste período, a **teoria da sedução**. Com ela, Freud tenta explicar descobertas clínicas como o conteúdo sexual de impulsos recalcados, que existiam na base dos sintomas histéricos. É a primeira tentativa que faz para articular o inconsciente e a sexualidade.

De fato a teoria se fundava na descoberta de que durante o tratamento seus clientes se recordavam de seduições sofridas na infância, cujas lembranças estavam associadas a sentimentos de pavor e angústia. As cenas estavam perdidas na memória e só retornavam à consciência durante o tratamento. Quando isto acontecia, havia uma liberação enorme de sentimentos represados e ligados ao acontecimento antigo, e os sintomas desapareciam. A elaboração psíquica da experiência traumática esvaziaria a carga de afeto do núcleo patogênico através de sua liberação pelo

processo de ab-reação. O afeto, antes represado no sin toma, escoava assim por outras vias tornando o sintoma dispensável. Havia porém um problema nesta primeira explicação: como uma criança, que não tinha vida sexual própria, poderia viver uma experiência como sendo uma redução? Para responder a este impasse Freud acabou por desdobrar a ação traumática em dois tempos: no primeiro, a criança sofreria a ação de um adulto mas, ainda imatu ra sexualmente, não a integraria como uma experiência se xual. Somente num segundo tempo algum acontecimento vai, por uma rede de traços associativos, evocar a cena esquecida, que agora é então revestida de caráter sexual e traumático. Não era a cena em si, mas sua recordação e elaboração psíquica posterior que conferiam efeito traumático e portanto patogênico à experiência vivida.

Com esta inovação conceitual, a dupla-temporalidade, Freud contornava com as oposições simples e ingênuas entre o imaturo e o adquirido, entre o hereditário e o his tórico.

Finalmente o terceiro momento em que se dá a descoberta da primazia da sexualidade ocorre a partir de 1897. Este é um ano decisivo para Freud, É o ano em que inicia sua auto-análise e também o ano em que se vê forçado a abandonar a teoria da sedução, em meio a uma profunda crise intelectual. Em setembro ele escreve a seu amigo Fliess: "já não acredito mais na minha neurótica" (teoria das neuroses). Havia quatro razões para sua descrença: primeiro, os constantes fracassos terapêuticos; depois o fato de que os casos o obrigavam a atribuir atos perversos a todos os pais, o que lhe fez começar a desconfiar de que havia algo errado aí; além disso, nas psicoses (onde as resistências estariam mais enfraquecidas) não havia referência ao trauma da sedução e final

mente a comprovação de que no inconsciente realidade e ficção não se distinguem (e portanto a veracidade das lembranças não era passível de verificação).

Freud, neste momento, quase desistiu de tudo, só não o fazendo "porque não havia como começar outra coisa". Convenceu-se de que estava no caminho certo, e concluiu: se os histéricos referem seus sintomas a fantasias, então é preciso valorizar este fato,

Esta virada é fundamental, pois abriu caminho para descobertas essenciais à psicanálise e à sua concepção de sexualidade: a existência de uma atividade erótica própria à infância e o papel determinante das fantasias na vida sexual humana. A auto-análise, que começa então, vai lhe permitir o acesso às suas próprias fantasias infantis e à estrada real para o inconsciente: os sonhos.

4. TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE

Este livro de Freud foi um dos que mais sofreu revisões, ao longo de vinte anos e várias edições. Das noções que hoje compõem a teoria freudiana da sexualidade, várias já estavam presentes na primeira edição: **sexualidade infantil, pulsões parciais, zonas erógenas, apoio e libido.** Outras, como as organizações pré-genitais (oral, anal, fálica) e o complexo de Édipo, foram sendo incorporadas ao longo de quase duas décadas.

Nesta obra, Freud dá mostras de conhecer profundamente os autores e concepções existentes à época e de algum modo se inspira em alguns deles. Dois exemplos: as instituições clínicas de pesquisadores como Lindner, pediatra húngaro que muito antes, em 1879, reconhecia um valor libidinal à sucção do bebê; o conceito biológico de bissexualidade (o sexo morfológico é unívoco, mas é posterior

a uma indefinição inicial).

O livro é dividido em três partes: as aberrações sexuais, a sexualidade infantil e as alterações da puberdade. Não cabe aqui um estudo minucioso dos **Três Ensaio**s, portanto vamos nos deter apenas naqueles pontos em que se estabelece a ruptura com um antigo modelo de sexualidade e se estabelecem as bases de uma nova concepção. Freud começa o livro assinalando a existência do conceito de **instinto sexual oriundo da biologia** e faz uma descrição sucinta da opinião usual acerca de sua natureza e de suas características; "Acredita-se de modo geral que ele está ausente de modo absoluto na infância; que se constitui durante o processo de maturação da puberdade, que se revela nas manifestações de atração irresistível que um sexo exerce sobre o outro, e que seu objetivo é a cópula sexual ou pelo menos os atos que conduzem a ela." ¹

Daí por diante Freud vai desmontando, item por item, cada um dos elementos desta noção. No primeiro ensaio, dedicado às perversões, a operação se dá em torno da noção de **instinto sexual**, que ele vai diferenciar de uma outra, característica do humano, que chama de **pulsão sexual**. ² As palavras em alemão **Trieb** (de **treiben**, empurrar) e **Instinkt** (do latim **instinguere**, empurrar, incitar) têm etimologicamente o mesmo sentido, mas Freud utiliza os dois termos com um significado diferente. Ele reserva a palavra **instinto** para os comportamentos prefixados, transmitidos por hereditariedade e que se repetem de um modo determinado em direção a um mesmo objeto (o modelo exemplar é o da fome). Ao fazer a apresentação dos quadros

(1) Freud, S. op. cit., vol II, p. 1172.

(2) Esta distinção terminológica não aparece na tradução inglesa (Standard Edition) das *Gesammelte Werke* nem na sua versão brasileira. No entanto, sob a influência da escola francesa estes termos diferenciados têm se incorporado à literatura psicanalítica entre nós.

perversos Freud vai mostrar quão inadequado é pensar a sexualidade humana em termos de **instinto**.

Ele parte da distinção estabelecida entre as perversões: os desvios quanto ao **objeto** (que é aquilo de onde se origina a atração sexual - pessoa ou coisa) e desvio quanto ao **objetivo** (o ato ou atos para os quais a pulsão tende e que propiciam a descarga de tensão e a obtenção do prazer).

No primeiro caso, trata-se do homossexualismo e do uso de crianças e animais como objeto sexual. Freud de saída ataca a idéia do caráter hereditário e degenerativo destas manifestações, apontando para vários fatos históricos e culturais conhecidos: o homossexualismo abarca variações enormes: desde formas socialmente valorizadas que não implicam perda da condição viril até os chamados "invertidos absolutos"; além disso, a pedofilia era institucionalizada na Grécia antiga e o bestialismo entre os camponeses é fato corriqueiro. Freud, que partira da definição de objeto sexual como sendo a pessoa da qual emana a atração sexual, após essas considerações passa a fazer um reparo à formulação inicial e afirma o equívoco existente na vinculação estreita entre a pulsão sexual e seu objeto: "Parece provável que a pulsão sexual seja independente de seu objeto e não deve sua origem às excitações emanadas dos atrativos do mesmo." ¹ O que fica sublinhado aqui é a natureza **contingente** do objeto da pulsão, ao contrário do objeto **predeterminado** do instinto. A escolha do objeto sexual, portanto, em vez de seguir alguma predeterminação natural, biológica, depende de uma série enorme de fatores sociais e biográficos, que conformam um variado leque de possibilidades. Anos

(1) Freud, S. op. cit. vol II. p. 1179.

mais tarde Freud definirá o objeto como "aquilo no qual e pelo qual o objetivo é atingido".¹ Percebe-se claramente que a ação capaz de gratificar é priorizada em relação ao objeto ao qual esta ação se dirige. O objeto perde sua especificidade. A escolha de um objeto "normal" é portanto tão natural (no sentido de conforme à natureza) quanto uma escolha "desviante".

No que diz respeito às perversões quanto ao objetivo elas são divididas em dois tipos: as "extensões anatômicas" (o uso de outras regiões que não a genital com finalidade de prazer sexual) e a "fixação nos objetivos sexuais preliminares". Freud reconhece que tanto uma coisa quanto outra estão presentes na sexualidade adulta, que na realidade se apresenta como uma complexa composição de vários elementos cuja desarticulação é revelada nas perversões, através da predominância absoluta de um pelo outro destes componentes parciais. Em outras palavras, Freud sugere que a perversão, longe de significar uma aberração em relação à natureza, resulta da falta de unificação ou divisão posterior de elementos constitutivos da função sexual normal que são em todos nós originalmente dispersos. Novamente aqui verifica-se um esmaecimento dos limites entre a normalidade e a patologia no terreno sexual. Freud ataca de frente a tese degenerativa pois o que afirma é que o elemento inato, hereditariamente transmitido das perversões é comum a todos os homens e está presente na vida infantil: os componentes (pulsões) parciais, que no caso da normalidade convergem mais tarde para a atividade genital, no caso das perversões aparecem organizados sob o primado de algum destes

(1) No artigo "A pulsão e seus destinos" (1915) in: FREUD, S. op. cit. Vol. II, p. 2039.

elementos parciais, e nas neuroses sofrem a ação da repressão, à qual escapam por intermédio dos sintomas.

Esta discussão aponta para o tema do segundo ensaio: a sexualidade infantil, a partir da qual Freud procura desvendar a gênese e as características da sexualidade humana. Três são as características da atividade sexual na infância: a) ela "se apoia numa função corporal essencial à vida", ela "não dispõe ainda de um objeto sexual, é auto-erótica"; c) "seu objetivo é determinado pela atividade de uma zona erógena".¹

A noção de apoio é central para a concepção freudiana da sexualidade. Dizer que a pulsão sexual se apoia numa função corporal é ao mesmo tempo deitar suas raízes no terreno somático e proclamar sua independência em relação a ele. O conhecido modelo da atividade oral infantil permite elucidar este processo.

O bebê, ao sugar o seio busca eliminar pela ingestão do leite a tensão provocada pela fome. Estamos diante de um comportamento instintual com objetivo e objeto definidos. Esta atividade indispensável à vida propicia, porém, algo mais ao bebê: o prazer provocado pelo afluxo morno do leite excitando os lábios (que funcionam como zona erógena). Se num primeiro instante a satisfação da necessidade do alimento estava imbricada com a obtenção do prazer, num segundo momento estes dois processos se tornam independentes. E é a este "prazer a mais", irreduzível à satisfação da função orgânica que Freud vai chamar de prazer sexual. Este passa a se tornar também

(1) Freud, S. op. cit., vol. II p. 1200.

necessário e na medida em que se separa da gratificação física do alimento (alcançada pela sucção do seio), vai ser buscado, por deslocamento, num outro objeto: a chupeta, o dedo, o paninho. Recapitulando. A pulsão se apóia no instinto. O bebê faminto, sob o impulso instintivo da fome busca um objeto: o leite, o alimento. Paralelamente a este movimento algo novo acontece. Além do prazer obtido pelo desaparecimento da fome surge um algo mais, um prazer irredutível à simples saciedade: é o prazer sensorial provocado pelo contato do leite na mucosa oral, o prazer do contato com o seio. A partir deste instante haverá sempre uma dupla presença: o instinto se manifestará e buscará satisfação, mas junto a isso outro movimento, a pulsão, apoiada nesta função orgânica vital, buscará um outro objeto, já não mais o objeto da fome - o leite - mas objeto da pulsão sexual - o seio. Quando o seio é abandonado, tanto o objetivo quanto o objeto da pulsão ganham autonomia em relação ao processo de alimentação e o bebê buscará a mesma satisfação através de outro objeto. É a esta "atividade sexual" ainda não dirigida a outra pessoa que se chamará auto-erotismo, Laplanche¹ chama a atenção para o fato de que o auto-erotismo representa um segundo momento no desenvolvimento das relações da pulsão com o objeto. Citando Freud ele salienta que no início o seio é, digamos, ao mesmo tempo objeto do instinto (que busca o leite para alívio da fome) e da pulsão (que se apóia na função em busca do prazer). A partir do momento em que este objeto "parcial" é perdido é que a pulsão se torna auto-erótica, para mais adiante voltar a dirigir-se a objetos externos, já então objetos "totais". Neste sentido é que Freud afirma que "encontrar o objeto sexual é, na realidade,

(1) Laplanche, J. Vida e Morte em Psicanálise. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985, p. 27.

reencontrá-lo", falando da cena da criança sugando o seio materno como o protótipo de toda relação amorosa. A pulsão sexual não visa ao objeto real perdido (o seio objeto da fome), mas ao objeto que se cria por deslocamento em relação a ele, que já não se inscreve no registro da satisfação da necessidade orgânica mas que circula no mundo fantasmático. A sexualidade é, por assim dizer, sempre falha no sentido de que jamais se completa, jamais alcança o seu suposto objeto. Deste modo é algo que excede em muito o regime dos prazeres genitais.

É a idéia de apoio que permite a Freud alargar de modo insuspeitado as fontes de excitação sexual. Ultrapassando de vez os terrenos conhecidos, discorre sobre a estimulação sexual provocada por vários tipos de atividade (excitações mecânicas, atividade muscular, processos afetivos, trabalho intelectual), sempre assinalando que a excitação sexual surge como "efeito marginal" a estes processos. Fazendo a ressalva de que "a natureza da excitação ainda nos é totalmente desconhecida" ele afirma que "é possível que nada de importante aconteça no organismo que não contribua para a estimulação da pulsão sexual."¹

No último dos três ensaios, são discutidas as transformações da puberdade: o encontro de um objeto, a emergência da finalidade reprodutiva e o primado da genitalidade. A questão do prazer sexual sob a égide genital (vinculado mas não assimilável à função reprodutiva), a escolha do objeto e a construção da identidade sexual própria (a partir da maturação biológica e do papel das figuras parentais) orientam o texto. Estes temas, embora fundamentais na teoria freudiana da sexualidade, nos levariam pa

(1) Freud, S. op. cit. vol. II, p. 1214.

ra outras discussões. Ficaremos então com o que há de **essencial** nesta obra inaugural.

A partir da primeira edição, os Três Ensaios não pararam de sofrer acréscimos e reformulações que foram tornando mais rica e complexa a concepção freudiana da sexualidade: as organizações pré-genitais da libido, a noção de narcisismo (e libido-narcísica), os conceitos de castração e cena primária, a segunda teoria pulsional, que opõe pulsão de vida e pulsão de morte (em vez de opor autoconservação x sexualidade) etc.

No entanto este livro de 1905 contém as principais novidades da teoria psicanalítica no terreno da sexualidade: o estudo das perversões levou à descoberta das pulsões parciais (componentes elementares da pulsão sexual) e das zonas erógenas. Caiu por terra a idéia de uma diferença de natureza entre o estado da normalidade e o da patologia - meros arranjos peculiares de itens comuns. A noção de apoio da pulsão na função corporal põe de cabeça para baixo a noção clássica de perversão, já que a própria pulsão aparece como uma "perversão" (desvio) do instinto. Segue-se que, num certo sentido, toda a sexualidade é desviante, e à idéia de normalidade no terreno sexual é necessário opor o conceito de normatividade, mais plástico, mais permeável às idiosincrasias e menos constrangido em modelos preformados. Por outro lado, o fato de que a amnésia infantil recobre a maior parte deste intrincado processo que vai da "polimorfia perversa" da primeira infância à organização pulsional adulta demonstrou o quanto a sexualidade remete à problemática do inconsciente, e por conseqüência ao seu papel fundante no psiquismo humano, através da função estruturante da interdição. Tal como a noção de psiquismo foi trans

formada pela teoria freudiana do inconsciente (o psiquismo não é redutível à sua parte consciente), a sexualidade teve seu campo enormemente alargado, pois já não é redutível, para Freud, à esfera da genitalidade e seus avatares.

Há muitos pontos ainda hoje em aberto na concepção de Freud. Um dos mais polêmicos é exatamente aquele que em grande parte a caracteriza: o alargamento do campo da sexualidade, que leva inevitavelmente à questão do que é que determina o caráter sexual de uma atividade. Fazer sexo, chupar o dedo, pintar um quadro: o que possibilita determinar que estes três atos contêm na sua essência algo que lhes é comum, e de caráter sexual? O próprio Freud se colocou esta questão,¹ e apesar de usar o argumento da clínica para defender seu ponto de vista, admitia a inexistência de um critério universalmente reconhecido que pudesse identificar sem margem à dúvida a natureza sexual de um processo qualquer. Dificuldade semelhante - como salientam Laplanche e Pontalis² - surge na oscilação entre uma concepção endógena da sexualidade (na medida em que ela segue um certo curso de desenvolvimento e maturação) e uma concepção exógena (visto que ela só irrompe plenamente a partir da imersão da criança no circuito fantasmático dos pais e no universo simbólico do qual são agentes). Muitos autores depois de Freud acentuaram a importância de outros fatores que não a sexualidade na vida psíquica, como as pulsões agressivas (M. Klein) ou as relações objetais (Fairbairn); várias entidades clínicas se tornaram alvo de explicações que se reportam com mais ênfase às questões da identidade, da constituição do eu e de suas angústias de aniqui

(1) V. Freud, S. Lecciones Introductorias al Psicoanálisis, (1915-17), in op. cit. p. 2311-2334.

(2) Laplanche, J e Pontalis J.B. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes Ed., 1983, p. 623.

lação, despedaçamento, as quais guardam também alguma distância em relação aos conflitos edípicos e pré-edípicos.¹ Não há portanto uma teoria acabada há mais uma problemática da sexualidade na teoria freudiana.

Vale ressaltar, porém, o que desde o início frisamos. Não há como incorporar a teoria freudiana da sexualidade à corrente das concepções sexológicas. Estas, na medida em que se definem cada vez mais como orgasmologias, parecem ser o resultado de uma escuta superficial do dito charcotiano: "é sempre a coisa genital". Não se trata de questionar a validade dos procedimentos sexológicos mas é preciso ressaltar que, diversamente do que pretendeu Freud, os herdeiros de Krafft-Ebing tomam o comportamento sexual e seus determinantes anatomofisiológicos como sendo a dimensão da sexualidade que lhes interessa, quando não a reduzem a ele. A sexualidade, no olhar do sexólogo se detém no funcionamento sexual. É da "competência orgásmica" que se trata, da capacidade (ou incapacidade) de obedecer ao moderno imperativo do sexo feliz (isto é, orgasmoprodutor). Nada há mais distante da psicanálise do que este hedonismo científico. A sexologia aprofunda seus conhecimentos acerca da anatomofisiologia de modo a permitir um aperfeiçoamento do desempenho sexual dos que a procuram, e chega hoje a requintes inimagináveis nos seus primórdios.²

A linha demarcatória que Freud inaugurou com os Três Ensaios permanece atual. A coisa sexual freudiana é diferente, excede, transborda, vai além da coisa genital da

(1) Ver a este respeito Nouvelle Revue de Psychanalyse, nº 29 (La Chose Sexuelle), Paris, Gallimard, 1984.

(2) Por exemplo, o uso da mensuração da lubrificação vaginal como aferidor do grau de sucesso terapêutico (Bejin, A., op. cit. p.221).

sexologia. Que um grande número de discursos e práticas invoque Freud para acabar incorporando o espírito de Krafft-Ebing é algo que não se pode negar. Mas isto é assunto para outra conversa.

Cad. IMS; RJ; v. 2; nº 3; p. 73 - 96; agosto/setembro 1988.



A TIPOLOGIA DAS HOMOSSEXUALIDADES
NUMA PESQUISA SOCIAL

NESTOR PERLONGHER

A TIPOLOGIA DAS HOMOSSEXUALIDADES
PESQUISA SOCIAL *

NUMA

NESTOR PERLONGHER **

RESUMO

A tipologia das homossexualidades de Bell e Weinberg tem todos os in convenientes de uma abordagem característica da sexologia behaviouris ta, simultaneamente empirista e muito normativa. Este gênero de aná lise, em relação à qual nunca se sabe se descreve ou prescreve, igno ra toda a força dos condicionantes que as normas do meio homossexual impõem. O equilíbrio psíquico e sexual é imaginado apenas em função de uma "adaptação" a normas sociais, neste caso as do meio (o que se pode concluir, em termos de análise, como functionals e dysfunctio nals), normas cuja gênese e cujos princípios de legitimidade nunca são postos em questão; assim, a profunda cumplicidade que liga esta nova ordem sexual à antiga repressão vê-se subestimada. Nascida da simples negação e da afirmação do contrário, esta nova ordem mantém se impregnada da antiga. Encerrando a minoria que pretende liberar num novo círculo vicioso da adaptação, desta vez às normas do meio, o "empirismo sexológico reforça as tendências à auto-segregação so cial de uma maioria acabada de sair da sombra, e, afinal, só abre por tas já abertas".¹

(*) Comunicação apresentada ao V Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, Águas de São Pedro/SP - 1986 (Grupo de Trabalho sobre Sexualidade e Reprodução, coordenado por Maria Andréa Loyola) e publicado nos Anais do V Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, 1986, Vol. 1.

(**) Mestre em Antropologia Social e Professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UNICAMP.

(1) Pollak, M. "A homossexualidade masculina, ou: felicidade no gue to?" In: Sexualidades ocidentais. Lisboa, Contexto, 1983, p. 58.

No difuso campo das ciências sociais, descrição e prescrição, adverte Pollak, se confundem. A advertência de Pollak diz respeito justamente à pesquisa de cuja crítica se trata. A tentação prescritiva parece se acentuar quando o recurso metodológico à elaboração de uma tipologia, ou taxonomia, entra em jogo. Peter Fry fala da "luta pela hegemonia taxonômica" para se referir às verdadeiras guerras de classificação e nomenclatura (e às mudanças relacionais, experienciais, corporais, relacionadas com essa tensão classificatória) que se livram nos campos sociais. Tomar as coisas do ângulo da classificação teria uma vantagem adicional; permitiria trabalhar "aquém" de um plano supostamente mais profundo, na "superfície"¹ dos fenômenos discursivos.

O relato do qual esta resenha trata é uma vasta pesquisa (quase 1.000 recrutados e 500 entrevistados) realizada entre as populações homossexuais da baía de São Francisco, nos primórdios da década de 70. Os meritos desta ambiciosa investigação são numerosos, já do ponto de vista meramente quantitativo, dispondo de uma visão de massa da qual os estudos de tipo antropológico, mais limitados e restritos, carecem. No entanto - e sem pretender restar valor ou importância -, a riqueza desses dados parece ressentir-se da consequência do tratamento a que são submetidos. A originalidade desta pesquisa reside precisamente no fato de não apenas entrevistar uma gama considerável de homossexuais, mas de reagrupá-los numa tipologia artificialmente construída (isto é, que não existe no meio examinado), segundo o grau de "adaptação", em cinco blocos: "casais abertos", "casais fechados", "funcionais",

(1) Foucault, M. Nietzsche, Freud e Marx. Theatrum Philosophicum. Porto Anagrama, 1980, p. 12.

"disfuncionais", "assexuais". Esta classificação é central no livro Homosexualities,¹ segundo consta na sua contracapa.

O eixo desta apresentação será a análise crítica dessa categorização e de suas articulações com o meio homossexual que "sobrecodifica". Nesse sentido, Homosexualities, de Bell e Weinberg, não procederá apenas a uma prescrição que lança, por assim dizer, uma programática dos corpos e seus encontros; a prescrição implicaria também uma proscricção de certas práticas ou fenômenos em benefício dos desejados ou estimulados.²

PESQUISA SOCIAL E DESVIO SEXUAL

A inter-relação entre as ciências sociais e a disciplina rização (regeneração somática, escrevem Murard e Zylberman³) dos corpos e seus impulsos é bastante intensa. O compromisso com uma visão recuperadora dos corpos "desviados" tem estado historicamente presente, dando origem a toda uma subzona acadêmica: a conduta desviada. Já Park,⁴ na década de 20, embora reconhecendo a existência da "região moral", condenava o contágio entre pobres, viciosos e delinquentes que a errática turbulência das Bocas propiciava. Ainda na década de 60, Riess⁵ permi

(1) Bell, A. e Weinberg, M., Homosexualidades. Informe de la Fundación Kinsey. Madrid, Debate (trad. L.A. Aguilar e F.P. Torres), 1979.

(2) Deleuze, G. e Guattari, F. [Mille Plateaux. Paris, Minuit, 1980]. Sugerem diferenciar entre o nível da expressão - os discursos, os signos - e o nível do conteúdo - as ações e paixões dos corpos; planos, relativamente autônomos ainda que inter-relacionados. A interação entre ambos os níveis articular-se-ia num agenciamento - simultaneamente "agenciamento maquínico dos corpos" e "agenciamento coletivo de enunciação"; os códigos retóricos, discursivos, aspirariam a se montarem sobre o nível molecular das paixões, para configurar um "regime de corpos" historicamente determinado.

(3) Murard, L. e Zylberman, P. Le Petit Travailleur Infatigable. Recherches n° 25. Fontenay-sous-Bois. 1976.

(4) Park, R., "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento social no meio urbano", in: Velho, O.G. (org.): O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

(5) Riess, A.J. Jr. "La integración social de los felatores y sus pasivos", in: Ruitenbeek (org.): La Homosexualidad en la Sociedad Contemporánea Bs. As. Siglo XX. 1965.

tia-se tratar os prostitutas americanos como delinquentes na medida em que contrariaram as disposições normativas da sociedade norte-americana.

A transcendência que esses posicionamentos tinham no campo da moral pública e, em alguma medida, dos procedimentos de controle estatal, ou seja, em que medida contribuíam para sustentar ou alicerçar a "norma" em cujo nome e a partir da qual falavam, se evidencia no episódio da sua ruptura. Assim, o Relatório Kinsey vai revolucionar a discriminação hegemônica mantida contra os homossexuais, contribuindo para impulsionar o questionamento maciço desse tabu por parte da chamada "segunda onda" dos movimentos em defesa dos direitos homossexuais.¹ A passagem de grande parte dos cientistas sociais da perspectiva normativa à "identificação com o desviante" é transparente em Becker,² que conclama o investigador social a tomar o ponto de vista de seus outsiders (homossexuais, maconheiros e músicos de jazz, entre outros).

Há, nesta passagem do desvio à divergência, um deslocamento da norma em benefício das "representações do self", ou, dito mais diretamente, das "identidades". Um esquecido parentesco - talvez não meramente terminológico - vincula a moderna construção da "identidade desviante" com a antiga "personalidade marginal" de Park (1928).³

(1) Guerin, D. Kinsey y la Sexualidad. Bs. As., Leviatán, 1956.

(2) Becker, H. Los Extraños. Sociología de la desviación. Bs. As., Tiempo Contemporáneo, 1971.

(3) [Motta, D. e Misse, M., Crime: o social pela culatra. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979, p. 27], na sua crítica ao Interacionismo simbólico, veem nesta passagem um deslocamento do eixo "das perspectivas macroscópicas para situações microscópicas": "...a sociedade passa a ser concebida como um conjunto articulado de selves que ajustam continuamente às linhas respectivas de ação": "...não será um sistema sócio-cultural que produzirá o sentido da ação coletiva"; a exterioridade da norma dilui-se em benefício do self.

Num outro plano, a noção de marginalidade (portadora da "desorganização social" que preocupava a Escola de Chicago) será modernamente questionada pela sua infusa heterogeneidade. Quijano¹ tenta remeter a questão a suportes econômicos, despojando a marginalidade de suas conotações morais, difíceis no entanto de deixar de lado. A separação da marginalidade em "socio-econômica" por um lado e "sexual" por outro beneficia de passagem - apesar das suas interações - a causa da emancipação homossexual. Uma das bandeiras importantes da reivindicação homossexual tem sido a separação da condição homossexual do difuso campo da delinquência, da marginalidade do ilegalismo onde se encontra sitiada - devido à clandestinidade em que historicamente é mergulhada - e da qual deseja emergir digna. Mas essa conversão moral não está separada de fatores sócio-econômicos (por exemplo, o estabelecimento de guetos homossexuais de residência fixa, nas grandes cidades norte-americanas, com circulações desejantes e econômicas próprias, que deslocam as populações negras e porto-riquenhas antes habitantes dessas áreas, originando violentos conflitos).

O CONTEXTO

A pesquisa de Homosexualities se situa no epicentro desse maciço processo de out of the closets dos gays americanos. É importante esboçar a contextualização da pesquisa no seguinte sentido: ver o que acontecia com as homossexualidades na época e, a partir disso, pensar a relação (descritiva/prescritiva) que Homosexualities tem com esse processo.²

(1) Quijano, A. "Estrutura urbana e marginalidade social", in Pereyra (org.): Populações marginais: São Paulo, Duas Cidades, 1978.

(2) Para essa contextualização, referir-me-ei exclusivamente às populações masculinas, por falta de base documental comparativa sobre as populações lésbicas.

Falamos já de identidade homossexual. Atrevo-me a sugerir - segundo desenvolvi num outro trabalho¹ - certa inscrição da codificação representativa de Bell e Weinberg no arco global de uma "política da identidade", e mais precisamente da identidade homossexual, como parte de um dispositivo de modelização que chamamos "gay/gay". Cabe fazer referência aqui à diferença - estabelecida por Fry² - entre um modelo "clássico", "hierárquico" (segundo a díade "bicha/macho", onde "a bicha é a sola do sapato do bofe") e um modelo "moderno", "igualitário", "gay/gay", onde um homossexual assumido se relaciona de igual para igual com outro homossexual também assumido - deslocando o eixo taxonômico da posição no coito (ativo/passivo) à escolha do objeto "total" (homossexual/heterossexual).

Essa distinção, elaborada a partir da realidade brasileira, não está presente nos resultados de Bell e Weinberg. Porém, o recurso não é perverso, mas a evitação do eixo esfinterial se fundamenta na versatilidade das práticas das populações estudadas, onde aquela distribuição não era relevante. O relatório da Fundação Kinsey coincide com um fenómeno acontecido na sociedade norte-americana: concomitante à "saída das sombras", operava-se também a instauração de um modelo bastante estrito de identidade homossexual, que uniformiza os corpos, os gestos, as indumentárias, os discursos, assumindo um estereótipo mais masculino e rejeitando a clássica imagem feminóide "que faz do homossexual, na melhor das hipóteses, um homem

(1) Perlongher, N. "O michê é homossexual?, ou: a política da identidade". Comunicação apresentada na XV Reunião da ABA, Curitiba (xerox), 1986 a.

(2) Fry, P. "Da Hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil", in: Para Inglês Ver. Rio de Janeiro, Zahar, 1982, pp 87-115.

efeminado, e na pior, uma mulher falhada".¹

Fazendo um pouco de história, cabe destacar que esse processo de emergência da clandestinidade e definição de uma identidade sexual sucede a um período particularmente duro para a expressão homossexual: o macarthismo. A onda de terror moral desencadeada pelo fascismo (e paralelamente pelo stalinismo) deixou impressões nos aliados: na França, a legislação anti-homossexual, decretada pelo marechal Petain desde Vichy, não foi abolida, mas agravada após a Liberação, até que, na década de 60, começa seu desabamento talvez definitivo. Nos Estados Unidos, não foi preciso recorrer à jurisprudência ariana, pois as leis locais eram já consideravelmente severas: a sodomia ainda constitui delito em 25 dos 50 estados dos Estados Unidos.

O agravamento do controle policial e social pode - sugiro - ter contribuído para enfraquecer ou extinguir "a sólida cultura da louca mediterrânea" que Hocquenghem² encontra em Barcelona - descontando-se o fato de ela poder não ter sido tão potente sob o feroz puritanismo americano. Não obstante, essa extinção não parece ser completa; em 1977, Carrier³ registra a vigência de paradigmas relacionais diferenciados, segundo linhas de classe, nos Estados Unidos. Assim, as classes baixas suburbanas conservam os opressivos emblemas clássicos no sórdido esplendor de seu rigor equestre. Pode-se deduzir certo "conteúdo de classe" na imposição dos novos valores igualitários.

(1) Pollak, M. "A homossexualidade masculina, ou: felicidade no ghetto?". Op. cit., p. 64.

(2) Hocquenghem, C. A Contestação Homossexual. São Paulo: Brasiliense, 1980.

(3) Carrier, J., "Sex role preferences as an explanatory variable in homosexual behaviour", in Archives of Sexual Behaviour. Vol. 6 nº 1, 1977, pp. 50-65.

DESTERRITORIALIZAÇÃO E CATEGORIZAÇÃO

Voltando à pesquisa de Homosexualities, chama a atenção a ausência de referências à hierarquização "bicha/macho" e, de uma maneira geral, a pouca importância concedida aos códigos de nomenclatura classificatória usados pelos próprios "nativos". Dissemos já que aquela proscricção não é completamente arbitrária, mas se funda no próprio nível da prática corporal registrada: assim, como falar em termos de "ativo/passivo" se essa distribuição não tinha validade real na mutável dinâmica dos encontros? No entanto, isso não quer dizer que os clássicos protótipos feminóides não possam manter - pelo menos no nível retórico, gestual etc. - certo grau de vigência. Justamente na "Etnografia do 'ambiente' homossexual da baía", que acompanha a pesquisa, percebe-se essa tensão masculino/feminino.¹

Resumindo, os quadros finais da investigação não respeitam a codificação "nativa", estabelecendo outra "científica". Também as taxonomias sócio-econômicas são rejeitadas e colocadas num segundo plano (ainda que possam equivaler, em alguma medida, à segregação por raça que percorre toda a pesquisa). Homosexualities apresenta outras novidades importantes no campo das pesquisas sociológicas sobre a homossexualidade. Se bem respeita o continuum de seis graus da escala Kinsey, acrescenta outro item: **sentimentos** (em que medida os indivíduos se "sentem" homossexuais), e se preocupa sobretudo em medir o grau de "adaptação" dos diferentes "estilos de vida" homossexuais.

(1) Patricio Bisso, pinta uma divertida descrição do "ambiente gay" da Rua Castro em São Francisco, distinguindo entre **lenhadoras**, **pesadas** e **bonitinhas**. Ver Perlongher, N., "O gueto e a boca: a territorialidade homossexual", in Espaço e Debates, ano VI, nº 17, São Paulo, 1986.

A arquitetura da tipologia exige alguns movimentos de "desterritorialização"; um deles consiste em traduzir ("elevantar"?) as qualidades intensivas dos corpos e suas sensações a uma escala abstrata. Esta operação põe em funcionamento, no dizer de Deleuze, uma "máquina abstrata de sobrecodificação"¹ que vai mudar as diferenças reais que processa em modelizações artificiais. No caso do Relatório Kinsey, poder-se-ia ler também um movimento de desterritorialização a respeito dos códigos e "narrativas" locais: a reterritorialização vai se operar, na escala, no plano dos puros corpos físicos, na objetividade do contato sexual, e não na subjetividade dos parceiros (critério talvez menos científico). Pretensa neutralidade que arrojava resultados curiosos: um prostituto que não se reivindicasse como homossexual poderia aparecer na escala Kinsey como mais homossexual que uma "bicha" tímida.

Homosexualities tenta recuperar essa falha, incorporando os sentimentos à escala contínua. Pode-se suspeitar aí, paradoxalmente, de certa "dessexualização da homossexualidade" que emerge das primeiras páginas do livro: a homossexualidade vai ser tratada como "modo de vida", consciência, e não apenas prática: "la homosexualidad abarca algo más que la simple dirección de las preferencias sexuales".² Conforme esse anúncio, a reterritorialização codificatória não vai se efetuar, como em Kinsey, apenas no nível dos corpos "médicos", mas numa padronização mais inapreensível: "lo que queremos demostrar es... la relación existente entre el tipo de vida sexual de los

(1) Deleuze, G. e Parnet, C. Diálogos. Valencia: Pre-Textos, 1980.

(2) Bell, A. e Weinberg, M. Homossexualidades, op. cit., p. 25.

homosexuales y su adaptación social y psicológica".¹ Assim, o grau de adaptação ao meio (à média) substitui a norma; a estatística se torna ela própria prescrição: o que a média marcar - poder-se-ia dizer - será daí em diante norma. Insistindo: a norma torna-se flutuante, a norma vai ser a média estatística.² Em Homosexualities a média não vai referir apenas a atos sexuais, mas incluirá os sentimentos ou, mais concretamente, as uniões amorosas, distribuindo-as num campo de forças de pelo menos três tensores: conjugal ou sedentário, promíscuo ou nômade, assexual ou celibatário, segundo uma tipologia de cinco categorias - que se verá com mais detalhe. Resumindo, pode-se sugerir que o dispositivo colocado em funcionamento em Homosexualities reterritorializa no terreno da relação amorosa.

Aliás, todo esse dispositivo procede, no global, como um mecanismo de "ampliação" dos limites da normalidade oficial e de inclusão dos desviantes segundo suas próprias normas - enquanto estas se definam e fixem com relação ao princípio de adaptação. Iremos ao texto em questão para ver como se articulam os dispositivos categoriais de adaptação.

A PESQUISA

Outro movimento de desterritorialização se efetua como requisito do próprio procedimento estatístico. De um lado, a metodologia da pesquisa usa as redes de sociabilidade homoerótica para recrutar seus entrevistados segundo o método "bola de neve": "para distribuir os questionários pede-se a um número restrito de pessoas reco

(1) Idem, p. 27.

(2) Deleuze, C. ["A ascensão do social" - Prólogo a Donzelot, A Política das Famílias. Rio de Janeiro: Graal, 1980], refere-se ao caráter flutuante das normas no caso da psicanálise; Baudrillard ["Ritual Code - Lei", in Maffesoli e Bruston (org.): Violence et Transgression. Paris, Anthrops. 1979] fala da flutuação contemporânea dos códigos.

nhecidamente homossexuais que os entreguem aos seus amigos, solicitando-lhes que façam o mesmo, e assim por diante".¹ Conforme essa técnica, acedeu-se a 40% dos recrutados com base nas redes de contato pessoal, mediante organizações homófilas ou listas de endereços. Outros 45% são recrutados através de redes mais frouxas e instantâneas de sociabilidade, mediante itinerários de cruising por bares, saunas, mictórios, parques, ruas e outros pontos de encontro homossexuais por entrevistadores muitas vezes também homossexuais. Apenas uns 15% dos recrutados provieram através de anúncios publicados na imprensa (sobretudo homófila) local.

Embora essas redes estejam na base da obtenção dos dados, elas próprias não são objeto de investigação, isto é, perdem-se na conversão estatística, segundo um recurso próprio da sociologia. Resulta difícil reconstruir as redes relacionais concretas a partir da análise estatística apresentada.

Essa desterritorialização numérica prepara ou limpa o terreno para a instauração da tipologia adaptativa.² A partir daí, procede-se à seleção dos entrevistados procurando manter uma proporção igual de casos para cada uma das quatro categorias etárias: 25 ou menos, 26 a 35, 36 a 45, 46 e mais. Essa ponderação não se cumpre entre os homens homossexuais negros, dos quais se consegue entrevistar apenas 11% da camada mais velha. Também se procura manter proporções semelhantes no que diz respeito ao nível educacional, dividido em três itens: título secundário ou menos, alguma educação universitária e uni

(1) Pollak, M. "A homossexualidade masculina, ou: felicidade no gusto?". Op. cit., p. 71.

(2) Bell e Weinberg reconhecem, no apêndice metodológico, que a análise de agrupamentos (técnica utilizada na pesquisa), "es una técnica muy subjetiva y sirve a múltiples finalidades de investigación" [Bell, A. e Weinberg, M. Homossexualidades, op. cit., p. 346.]

versitária e mais. Realizou-se, como controle, uma pesquisa sobre um grupo equivalente de heterossexuais brancos e negros, recrutados não por redes, mas pela amostragem mais convencional de quarteirões. Utilizou-se, também como controle, uma pesquisa piloto realizada com 450 homossexuais brancos em Chicago em 1967.

Um primeiro problema diz respeito à própria definição de "homossexual"; na pesquisa se procede a certa "naturalização" desta categoria em momento nenhum questionada. Essa "naturalização" repousa num fundamento estatístico: aplicando a escala de Kinsey e uma escala complementar de sentimentos a respeito da homossexualidade, 90% dos entrevistados são predominante ou exclusivamente homossexuais. A etnografia incluída em apêndice funciona como uma espécie de contraponto a essa redução estatística. Assim, percebe-se uma diferenciação interna no campo dos hustlers (prostitutos), entre aqueles que reconhecem sua homossexualidade e aqueles que a renegam; especificidade que se perde nos resultados...

A pesquisa começa medindo as "dimensiones de la experiencia sexual". Os autores dão especial atenção a "saber como los homosexuales se diferencian entre sí en cuanto a la organización o expresión de sus impulsos sexuales".¹ Rejeitam a segregação ativo/passivo e equivalentes, e também propõem-se medir o grau de experiência heterossexual e a revelação ou não de suas preferências eróticas, para "relacionar distintas dimensiones de la homosexualidad y su adaptación social y psicológica",² através dos seguintes índices:

(1) Bell, A. e Weinberg, M. Homossexualidades. op. cit., p. 65.
(2) Idem, p. 67.

- posição dos entrevistados no continuum homo/heterossexual, conforme autoqualificação na Escala Kinsey complementada sentimentalmente;
- medida em que têm revelado sua homossexualidade a outras pessoas;
- frequência de atividade sexual;
- forma de paquera;
- quantos parceiros tem tido no último ano, com quais características;
- técnicas sexuais;
- grau de interesse sexual;
- natureza e amplitude dos problemas sexuais, se lhes pesa ou não ser homossexuais.

ALGUNS RESULTADOS INTERESSANTES

Sexo, raça e classe

O estudo de Bell e Weinberg não estabelece correlações significativas entre comportamento sexual e classe social. Em alguma medida, o conflito de classes se metaforiza na distinção branco/negro presente na pesquisa. Segundo o inquérito, os negros começam sua vida sexual mais cedo do que os brancos, têm uma vida sexual mais intensa e prolongam-na por mais tempo. Isso pode se dever a que "a homossexualidade é tradicionalmente bem aceita nos meios negros pobres, menos influenciados pelos valo

res da middle América".¹ Por outro lado, a fuga de um meio social ou familiar opressivo tende a se dar pela via da ascensão educacional, além da inflação de certo setor de serviços tradicionalmente reservados aos efeminados (cabeleireiros etc.). A homossexualidade no entanto parece constituir uma barreira para o acesso a postos executivos e decisórios.

Práticas Sexuais

A atividade sexual é intensa no meio. Os negros superam os brancos; enquanto a metade dos homens homossexuais brancos tem relações sexuais duas ou três vezes por semana, dois terços de seus irmãos negros atingem essa marca.

A promiscuidade é corriqueira. A metade dos brancos e a mesma proporção de negros tiveram mais de 500 parceiros diferentes no decorrer da sua vida homossexual; dois terços dos brancos e a metade dos negros não voltam a ver seus amantes passageiros. A metade dos entrevistados teve mais de 20 parceiros no último ano, e apenas um quinto, menos de seis. Mais de 50% não têm relação estável, e a maior parte dos "casos" não supera a barreira dos três anos.

As técnicas sexuais são também variadas. De um total de sete técnicas selecionadas (masturbar o parceiro, ser masturbado por ele, fazer buco-genital, fazer coito anal, receber coito anal, esfregar-se), quase todos realizaram pelo menos cinco. O coito anal ocupa o terceiro lugar na frequência sexual dos brancos (depois da felação e a masturbação) e o segundo entre os negros. Chama a aten

(1) Pollak, M. "A homossexualidade masculina, ou: felicidade no gusto?", op. cit., p. 59.

ção que a maior parte dos entrevistados declarava preferir a posição "ativa" (isto é, passivo de felator ou insetor anal).

O trottoir é também intenso: cerca de 40% dos entrevistados saem uma ou duas vezes por semana; os bares ocupam a preferência, seguidos de saunas e ruas; uma expressiva taxa de 20% se aventura na tortuosidade dos mictórios. Quanto às características físicas privilegiadas nos parceiros, mais da quarta parte ressaltou a masculinidade, fixando-se particularmente nos genitais.

ACEITAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE

Os autores segregam os homossexuais segundo seu grau de auto-aceitação. 50% carregam sua homossexualidade sem conflitos; mas a 25% ela lhes pesa muito ou algo. 28% dos brancos e 50% dos negros sentem culpa pelo fato de serem homossexuais; para a quarta parte, a homossexualidade constitui uma perturbação emotiva. Há no meio gay uma taxa de tentativas de suicídio duas vezes mais elevada que no conjunto da população; as tentativas de autodestruição diminuem proporcionalmente à assunção "funcional", que exprime, em termos de Bell e Weinberg, um mais alto grau de aceitação/adaptação.

A CONSTRUÇÃO DA TIPOLOGIA

Com base nos dados de experiência sexual, os autores constroem uma tipologia cujo objetivo é classificar os homossexuais em função de manterem uma relação semimatrimonial, ser sua homossexualidade vivenciada como um problema e de participarem dos aspectos mais abertamente sexuais da vida gay.

Bell e Weinberg concluem daí que a maioria dos homossexuais leva sua condição sem problemas; somente uma minoria tem problemas na sua adaptação ao meio.

Posteriormente, essa tipologia vai ser complementada, incorporando índices de "adaptação social" segundo os itens: trabalho, religião, política, matrimônio heterossexual, amizades, atividades sociais, dificuldades sociais (incluindo aí encontros com a polícia, os chantagistas, os ladrões e a repressão social), saúde física e psíquica, psicossomática, sentimentos de felicidade, solidão, depressão, tensões, paranóia etc., e a procura da cura (os 10% tentaram abandonar por esse meio a sua homossexualidade).

Assim, se chega aos retratos dos diferentes "tipos";

. **Acasalados cerrados (14%):** são uma espécie de "casados felizes", desfrutam de um grau maior de adaptação e não têm problemas psicológicos nem policiais;

. **Acasalados abertos (25%):** moram com seu parceiro sexual ou mantêm uma relação estável, mas são menos felizes e saem a procurar satisfações fora do casal; aceitam-se pouco a si mesmos e usufruem de um grau de adaptação intermediária;

. **Funcionais (21%):** se parecem aos "solteiros brincalhões". Dispõem de mais parceiros que os outros grupos, ainda que sua audácia os exponha a maiores possibilidades de prisão e problemas com a polícia. Padecem de menos sintomas psicossomáticos e gozam de uma boa adaptação, explicável pela sua personalidade: são cheios de energia, alegres, otimistas. Não são porém

o "tipo ideal" - lugar ocupado pelos **acasalados fechados**;

. **Disfuncionais (18%)**: configuram o estereótipo do homossexual atormentado. Pessoas problemáticas se lamentam às vezes de serem homossexuais. Padecem de freqüentes problemas com os parceiros e têm maior probabilidade de serem vítimas de roubos, agressões e extorsões, bem como de recorrer aos serviços de prostitutas. São, porém, muito promíscuos - e os mais expostos a surtos psicóticos. Adaptação deficiente.

. **Assexuais (22%)**: caracterizam-se por uma aguda falta de contato com outras pessoas: costumam ser mais reticentes a se definirem como homossexuais e a explanar-se em narrações sobre sua vida sexual. Realizam um estilo de vida basicamente solitário, onde se pode ler uma apatia subjacente. A adaptação é escassa ou nula.

Apesar de 40% dos entrevistados escaparem do paradigma da adaptação, os autores concluem que são relativamente poucos os homossexuais "que responden al horrible este reótipo que la mayoría tiene de ellos". Aliás, "muitos homossexuais poderiam muito bem servir de exemplo de comportamento social e amadurecimento psicológico..."¹ O desvio sexual não implica necessariamente uma vida ruïnosa. Em resumo, a adaptação é possível. A média estatística situa-se entre os **funcionais**; no entanto, o paradigma de adaptação tende para os **acasalados fechados**, antecipando as modernas preocupações quanto ao matrimônio homossexual.

(1) Bell, A. e Weinberg, M. Homossexualidades. op. cit., p. 63.

CRÍTICAS

1. Os problemas sociais - chantagem, assalto, roubo, extorsão etc. - transformam-se em problemas individuais, que expressam a inadaptação do indivíduo com relação à norma imperante no meio.
2. Ampliam-se os limites da normalidade social, incluindo acasalados e funcionais e segregando disfuncionais e assexuais, com referência ao critério de eficiência sexual e relacional segundo as leis do mercado dos corpos.
3. Há uma relação significativa entre o procedimento programático de Homosexualities e a "política da identidade" lançada nos desmandos do coming-out - ainda que, adverte Pollak, ¹ "não se possa restringir o papel prático do discurso científico sobre a homossexualidade ao de um companheiro de viagem do movimento de emancipação homossexual" - já que a eficiência do discurso sociológico vai se implantar em dispositivos de poder/saber mais globais, ressaltando a importância do fator "sexualidade" para a classificação multidimensional de qualquer pessoa.

Por outro lado, o grau de conexão entre o discurso sociológico e o discurso - e a prática - das populações homossexuais e seus porta-vozes é um território que merece ser explorado com cautela. Há, de fato, uma coincidência histórica entre o vasto movimento de desterritorialização ("fora dos armários!") dos homossexuais americanos e deslocamentos ideológicos no próprio campo do

(1) Pollack, M. "A homossexualidade masculina, ou: felicidade no guito?" Op. cit., p. 67.

saber social, segundo vimos com os exemplos de Kinsey e Becker. Essa desterritorialização transcende o nível microscópico das sensações intensivas do corpo para envolvê-lo em deslocamentos espaciais, geográficos. Assim, uma parte muito considerável dos homossexuais da baía de San Francisco procediam de outras cidades americanas, impulsionados pela tolerância liberal. Vai se produzindo, assim, uma fixação relativa da massa errática gay no gueto residencial - processo cujos primórdios se refletem na pesquisa de Bell e Weinberg.

Os componentes políticos dessa ocupação têm sido salientados por Castells.¹ Castells opunha o aspecto precisamente político e intencional da ocupação territorial ao confinamento mais ou menos involuntário de outras comunidades étnicas segregadas (criticando a noção de gueto de Wirth² e a tentativa de Levine³ de aplicá-la aos gay guetos norte-americanos). Sem pretender estabelecer uma relação causal, digamos que essa fixação territorial teria expressão em outros fenômenos conexos. Em primeiro lugar, a homogeneização do paradigma comportamental e existencial: o estilo gay substitui, desloca ao casal genetiano da bicha e o bofe, construindo uma "identidade homossexual".

Cabe pensar, também que a essa "política da identidade" poderia conectar-se certa produção "científico-social" que a legitimasse; correlativamente, a legitimação ancoraria balizas, flutuantes mas discretas, no entremeado

-
- (1) Castells, M. "Cultural identity, sexual liberation and urban structures: gay community in San Francisco", in: The City and the Grassroots, Berkeley, University of California Press, 1984.
 - (2) Wirth, L. "The Ghetto", in: On Cities and Social Life. Scientific Papers. Chicago, Chicago Press, 1969.
 - (3) Levine, M. "Gay Ghetto", in: Levine (org.): Gay Men: The Sociology of Male Homosexuality. New York, Harper & Row, 1979.

dos corpos cujo regime se agita e se discute. Para captar esse entrelaçamento entre uma teoria propalada no campo acadêmico e os movimentos de minorias, além da coincidência freqüente entre a condição de cientistas e de homossexual verificada entre alguns propulsores da noção de homossexualidade, nada mais próximo do que pensar o próprio "contrabando" da noção de identidade, que, elaborada nos claustros, vai ser assumida pelos movimentos minoritários.¹

EPÍLOGO

Para concluir, permitir-me-ei uma especulação que veicula uma suspeita. Se se aceita que o estudo de Bell e Weinberg propõe certos paradigmas de identidade homossexual (fragmentados, mas com linhas de força que concorrem ao tipo ideal de harmonia), cabe considerar - reiteiro - o deslocamento que esse tipo de taxonomia opera sobre sistemas de nomenclatura mais "pré-gay" e ainda sobre as atuais nomenclaturas "nativas". Ver-se-á então que a construção taxonômica age "deconstruindo", decodificando as nomenclaturas vigentes (código territorial que poderia exprimir, como lê Lyotard² na religião pagã do Baixo Império, passagens e estados de intensidade libidinal).

A questão que se coloca, então, é como elaborar um modelo sociológico com pretensão estatística que não proceda

(1) Mafra, C. [Projeto de Pesquisa sobre Coletivo Feminista de Campinas, UNICAMP (xerox) 1986], projeta investigar essa missão no caso do Coletivo Feminista de Campinas, integrado por mulheres universitárias.

(2) Lyotard, J. Economia Libidinal. Madrid, Saltés, 1979.

desterritorializando as redes e códigos nativos e reterritorializando numa modelização artificial e prescritiva, mas que aspire a respeitar a profusão de nomações, gêneros e estilos em circulação. Aqui devo confessar minha perplexidade, acudindo a um exemplo tomado da minha própria pesquisa sobre prostituição viril no centro da cidade de São Paulo.¹ Um levantamento arrojou um total de 56 nomenclaturas classificatórias em uso nos discursos do gueto. Ainda aceitando que estas nomenclaturas, sujeitas a deslizes e sinônimas (qual é, por exemplo, a distância entre o michê-gilete e o michê-gay?), possam ser condensadas, sua redução a modalidades paradigmáticas de identidade tropeça com um outro problema: sobre o mesmo sujeito podem recair atribuições categoriais diversas, segundo o local, a situação etc. Parece-me que estratégias de abordagem deveriam ser inventadas ou experimentadas para dar conta da multiplicidade e simultaneidade das paixões e dos códigos.

(1) Os resultados da citada pesquisa do autor vieram recentemente a público através do livro: Perlongher, N., O negócio do michê - a prostituição viril. São Paulo, Brasiliense Ed, 1987 (N.E.)

TABELA 1

CATEGORIAS DE HOMOSSEXUAIS SEGUNDO BELL-WEINBERG

	close coupled (quase casa- mento)	open coupled (casamento livre)	functionals (adaptados as regras do mercado se- xual)	dys- functionals (seguem as re- gras mas não as aprovam)	asexuais
A(*)					
número de parceiros	baixo	elevado	elevado	elevado	baixo
frequência de actividade sexual	forte	forte	forte	forte	baixa
engate	pouco	muito	muito	muito	pouco
B (**)					
problemas sexuais	não	sim (com par- ceiro)	não	muitos	muitos
lamentam ser homossexuais	não	não	não	sim	sim

10 PE Fox, ... "Sexualidades Ocidentais". Edit. Contexto Ltda. Lisboa, 1983.

(*) Indicadores da aceitação e da interiorização das regras do meio homossexual.

(**) Indicadores da importância da socialização anterior ao coming out.

4

NO REINO ESTATÍSTICO DO SEXO:

UMA LEITURA DO RELATÓRIO KINSEY

MARIA LUIZA HEILBORN

NO REINO ESTATÍSTICO DO SEXO: UMA LEITURA DO RELATÓRIO KINSEY *

MARIA LUIZA HEILBORN **

RESUMO

O trabalho propõe-se a realizar uma leitura do famoso Relatório Kinsey, privilegiando os aspectos metodológicos dessa obra tida por paradigmática dos estudos sobre comportamento sexual. Não se trata de um exame do seu volumoso material empírico, embora haja uma atenção especial para o volume relativo ao sexo feminino. A preocupação é antes apontar os crivos de construção e seleção dos dados e a hierarquia entre os diversos saberes chamados à cena científica.

"Não há oceano de maior magnitude do que a função sexual".¹

(*) Este artigo foi elaborado para o V Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, Águas de São Pedro/SP - 1986 (Grupo de Trabalho sobre Sexualidade e Reprodução, coordenado por Maria Andréa Loyola). O programa do GT Sexualidade e Reprodução incluía dois trabalhos dedicados ao Relatório Kinsey. Por múltiplas razões, o debate não ocorreu. Creio que este trabalho se ressentia da falta de discussão com colegas, que teria podido contribuir para maior clareza e aprofundamento.

(**)Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ:

(1) Kinsey, Alfred et. alii. Sexual Behavior in the Female Human. Philadelphia, W.B. Saunders Company, p. 9.

Ninguém ignora a notoriedade do Relatório Kinsey, nome sob o qual ficaram conhecidos dois livros: Sexual Behavior of the Male Human e Sexual Behavior of the Female Human.¹ É uma das referências obrigatórias toda vez que se deseje mencionar padrões de comportamento sexual.

Pesquisa iniciada no final dos anos 30, os primeiros resultados aparecem publicados em 1948, referindo-se aos dados sobre comportamento sexual masculino, e, em 1953, surge a publicação do material relativo às mulheres, do qual aqui me ocupo.

Centrada na discussão do segundo volume do Relatório, o raciocínio deixa-se no entanto pautar pelas considerações de ordem metodológica que a pesquisa, como corpus de conhecimento, encerra. Que dados são esses? Qual o seu estatuto? Tais perguntas mostram-se relevantes quando se considera que as informações ali contidas auferem de uma legitimidade quase radiográfica do comportamento sexual dos americanos. Vale mencionar, à guisa de ilustração, que ele tem sido usado nos Estados Unidos, bem como em outros países, por movimentos de liberação homossexual como uma espécie de instrumento de legitimação (e validação científica). Uma das suas mais famosas e polêmicas conclusões, a de que a prática de atos homossexuais é muito mais difundida do que a princípio se poderia supor, tem sido utilizada como "fotografia" do espraiamento do dito comportamento desviante e de base portanto de reivindicações contra a discriminação. Consagrou-se, no caso, a referência a uma dada taxa (10%) sobre o total

(1) de Kinsey, Alfred; Pomeroy, Wardell e Martin, Clyde. Estou utilizando respectivamente as edições de 1949 e 1953 da W.B. Saunders Company, Philadelphia. Detenho-me em particular no volume relativo ao sexo feminino. Recorri ao volume I na medida em que a explícita citação das premissas metodológicas, bem como o histórico da pesquisa, ali se encontram.

de população como sendo representativa do seu contingente homossexual.

Sediado no Institute of Sex Research da Universidade de Indiana, esse projeto grandioso contou com volumosas verbas do National Research Council's Committee for Research on Problems of Sex, que administrava fundos de pesquisa da Divisão Médica da Fundação Ford. O trabalho estendeu-se por um período de 15 anos com um grupo de 16 pesquisadores distribuídos nas seguintes áreas de conhecimento: biologia, psicologia clínica, comportamento animal, antropologia, direito e estatística. Através de um sistema de consultoria especializada, que aos nossos olhos nativos é motivo de admiração, foi reunido um material no mínimo fantástico: obras (prévias) sobre o tema, dados clínicos,¹ literatura privada, desenhos, álbuns de fotografias erótico-pornográficas, diários íntimos, calendários, dossiês judiciais e prisionais etc. Em suma, um trabalho metuculoso com qualidades (às vezes insuspeitas) de um arquivo ao gosto e estilo foucaultianos.

Não me posso furtar entretanto de dizer que a leitura do Relatório é das mais difíceis. Depara-se com um montante de informações, de tabelas e dados estatísticos que de início assustam e afugentam o leitor. Aliás, diga-se rápido, isto está longe de ser um problema idiossincrásico. Já no capítulo 1 ("O escopo do estudo"),² os autores, realizando um balanço das repercussões que marcaram o aparecimento do primeiro volume, assinalam que a imprensa encarregou-se de disseminar a idéia de que o li

(1) Trata-se aqui, no caso específico das mulheres, de anotações clínicas e perfis da clientela de 900 ginecologistas que concordaram em cooperar com a pesquisa.

(2) Kinsey, Alfred et alii. Sexual Behavior in the Female Human. op. cit.

vro é "maçante"¹. Alguma razão ela teve.

Um dos impasses graves aloja-se no (delicado) terreno da qualidade da linguagem. O texto é duro, árido e, pior, com laivos de assepsia. Atravessar seus parágrafos é cruzar oceanos monótonos; buscar uma citação expressiva, concisa, que não aborreça o leitor do momento é tarefa das mais ingratas.

Prevalece, sobretudo nas páginas iniciais, um tom ufanista sobre as infinitas possibilidades de conhecimento, e porque não dizer de felicidade, que a ciência oferece. Vicejam as imagens do papel missionário-iluminista desta, especialmente em seara cheia de escolhos dos preconceitos. Insinua-se e toma corpo uma nítida reivindicação para o Relatório de uma posição inaugural no campo dos estudos sobre o sexo. Discorre-se sobre o caráter pouco científico dos trabalhos anteriores disponíveis que, marcados por considerações filosóficas, morais e lugares-comuns, cabem ser desmistificados. Em parte essa (ingênu) jactância deriva do lugar onde se articula o discurso sobre o sexo. Lugar construído pelas regras de produção do saber nas ciências naturais, e disso é exemplar o título da obra, adotando a designação de macho e fêmea humanos, em vez de homens e mulheres. As ciências naturais forneceria assim os parâmetros de neutralidade necessários. A partir delas crê-se que é mais adequado para Dele falar.

(1) Kinsey, Alfred et alii. Sexual Behavior in the Female Human. op. cit., p. 11.

II

O autor notabilizado pelo título usual associado aos dois livros, Alfred Kinsey, era biólogo, professor do Departamento de Zoologia da Universidade de Indiana e especialista em taxonomia dos insetos.

Ele localiza o interesse por uma tal pesquisa, objeto distante da sua prática laboratorial, em sua experiência de professor e nas dificuldades de responder adequadamente aos seus alunos sobre questões específicas sempre aportadas. Confrontado com perguntas, assim conta o mito, defrontou-se com uma absoluta falta de dados confiáveis para respondê-las.

"Todos os estudos tomados em conjunto não ofereciam uma amostragem do tamanho e da distribuição como um taxonomista demandaria estudando espécies vegetais e animais, ou mesmo um estudante de opinião pública poderia necessitar para descrever com segurança a mentalidade ou prever o comportamento futuro de uma dada parcela da população".¹

Algumas palavras sobre o método taxonômico são necessárias para situar a "novidade" e a "legitimidade" do Relatório e introduzir a apresentação dos seus tão decantados dados. Atenho-me ao texto do próprio autor.²

Taxonomia, nos é dito, é um desenvolvimento de dois ancestrais das ciências biológicas: a botânica e a zoologia. Seu procedimento é o de nomear, descrever e classificar as espécies e categorias mais abrangentes. De suas

(1) Kinsey, Alfred et alii. Sexual Behavior in the Male Human. Philadelphia, W.B. Saunders Company. p. 9.

(2) Idem.

origens até o que se denomina taxonomia moderna ocorreu uma ampliação das técnicas de pesquisa, caracterizando-se basicamente por uma atenção mais acurada à questão da variação individual. O taxonomista está desse modo interessado no grau de variação, modo, meios e forma da distribuição de frequência em uma série de indivíduos que são tomados como representativos da espécie por ele estudada. A taxonomia é nesse sentido precipuamente estatística.

A partir do tamanho da amostra pode-se: 1) controlar a margem de singularidade; 2) correlacionar esta a alguma variável e 3) propor generalizações que abarquem e simultaneamente descontem a variação. Reside aí a maior crítica aos trabalhos anteriores sobre comportamento sexual na medida em que o campo de observação é restrito e suas conclusões não podem almejar senão a condição de particulares.¹

Uma das grandes dificuldades brota solene e irônica do fato de a área de investigação eleita não se submeter às técnicas tradicionais de observação do comportamento. Mas é o comportamento "recuperado" (com as ressalvas de muitas aspas), esquadrihado por um questionário de 521 itens detalhados,² que se constitui em unidade de análise. Não se quer privilegiar os aspectos biológicos, psicológicos, sociológicos (ordem de enumeração retirada ao texto); não se os trata como "entidades separadas", pois

(1) Kinsey, Alfred et alli. Sexual Behavior in the Male Human. op.cit., p. 18. As críticas são especialmente duras e por vezes sarcásticas com os trabalhos de orientação antropológica; acentua-se que de pequenos grupos ou comunidades ousa-se pensar a conduta de todo o país.

(2) Em anexo cópia do questionário aplicado (Kinsey, Alfred et alli. Sexual Behavior in the Male Human .op.cit.).

o "comportamento é uma unidade que deve ser compreendida como tal e simultaneamente em todas as suas diferentes facetas".¹

A extensão e minudência do questionário poderiam indicar a princípio uma tarefa bem-sucedida de "recuperação" do comportamento sexual. Mas, apesar de sua preocupação classificatória, o Relatório parece pecar por falhas de discriminação quanto às atividades que pretende quantificar. A identificação de uma tal falha é eixo de sustentação do Relatório Hite,² festejado sucesso editorial de alguns anos atrás. É evidente que o livro de Shere Hite já pelo seu título mostra-se caudatário da pesquisa iniciada por Kinsey. A grande polêmica instaura-se quanto aos dados obtidos por este último relativos ao orgasmo feminino no coito.

Faça-se aqui uma pausa. Que se diga que, se estamos a navegar nas águas do escrutínio do sexo, este jamais cessa; seu horizonte é quimérico, pois é inexorável e insaciável a vontade de saber. O Relatório Hite, ao sabor das vagas feministas dos anos 70, flutua em torno de um tema então candente: a polêmica do orgasmo vaginal X clitoriano.

Hite reserva a Kinsey certos elogios porquanto este já introduzira a importância do tópico, mas argumenta que há confusão no Sexual Behavior of the Female Human quanto às técnicas que conduzem ao orgasmo. Em não as dis

(1) Kinsey, Alfred et alli. Sexual Behavior in the Male Human. op.cit. p. 48.

(2) Hite, Shere. Relatório Hite. São Paulo, Difel, 1978.

criminando, Kinsey pôde afirmar que depois de certo tem po de casamento a maioria das mulheres era bem-sucedida no prazer.¹ A "observação do comportamento" parece sucum bir..., tarefa que a pesquisa de Hite, também realizada por meio de questionários, resolveu corrigir.

III

"Nós não podemos acreditar que as relações sociais entre os sexos e as relações sexuais em particular podem ser algum dia melhoradas se continuamos a ser iludidos por ficções permanentes sobre as similaridades, identi dades e diferenças que são supostas exis tirem entre homem e mulher".²

Uma descrição sobre o modo de coleta e organização dos dados é rentável para um esboço do caráter do livro aqui discutido.

Ele encontra-se dividido em três partes. Na primeira, em torno de 100 páginas, está descrita a história da pes quisa, bem como o método empregado. Nessa encontra-se uma panorâmica das premissas constitutivas do projeto, bem como das reações e críticas de que foi alvo o primei ro volume. Há um ilustrativo balanço dessas últimas. E não foram poucas. Grupos religiosos e educadores insur giram-se diante da ousada descrição pragmática do compor tamento dos americanos e de certas assertivas desabonadoras. Por extensos parágrafos os autores reiteram o in tuito de proceder a um estudo científico sobre o exerci

(1) Hite, Shere. Relatório Hite. op. cit., p. 151.

(2) Kinsey, Alfred et alli. Sexual Behavior in the Male Human. op. cit., p. 568.

cio do sexo dentre as fronteiras dos Estados Unidos. Pretendem ter coligido "informação estritamente factual não eivada de interpretações morais, filosóficas ou sociais".¹ O modo eleito para descontaminar o material dos julgamentos de valor, incompatíveis, como sublinham, com o procedimento científico, é tomar o sexo prioritariamente como função do corpo humano.

Pretendem dessacralizar o sexo. Colocam-no, senão sob a lupa ou microscópio (se bem que ardentemente o desejassem) pelo menos sob o abrigo seguro fornecido pelo tratamento estatístico. É tal postura que, segundo o texto, permite revelar, como já havia acontecido com o volume precedente, fatos que contraditavam idéias comumente aceitas sobre a sexualidade feminina. Figuravam entre elas por exemplo crenças sobre uma maior lentidão da resposta feminina ao estímulo erótico, natureza diferencial do orgasmo etc.

Apesar da cansativa peroração quanto à isenção científica dos dados coligidos, é curioso notar que a preocupação/tentação com o intervir sobre o social nunca esmorece. Ela arma-se tanto nas justificativas das razões para uma tal pesquisa, estratégia sempre necessária para fazer jus ao financiamento,² quanto na busca de legitimidade por uma espécie de "uso social e individual" dos dados. Arrolam-se argumentos em favor do direito individual ao conhecimento, do acesso a ele facilitado pelo abandono da linguagem disciplinar cifrada, ou ainda na sua possível instrumentalização nos chamados "problemas

(1) Kinsey, Alfred et alii. Sexual Behavior in the Female Human. op. cit.

(2) A autoqualificação de fact-funding survey talvez seja a mais direta e econômica formulação do sentido emprestado à neutralidade científica.

sociais". Entre eles despontam a educação das crianças, os problemas sexuais dos jovens e o controle social do comportamento sexual. Há uma postura eugênica insidiosa. Detenho-me na argumentação empreendida em torno de dois tópicos. O primeiro apresenta-se sob o título de "problemas sexuais da juventude".¹ Nele procede-se a uma discussão sobre o descompasso entre a maturidade biológica e a social que se verifica na cultura norte-americana. Nesta, os indivíduos nos últimos anos da puberdade são confrontados com a urgência do instinto sexual e a ilegitimidade de pô-lo em prática devido às convenções sociais e legais da sociedade. Tal descompasso seria o responsável, no entender do Relatório, pela alta taxa de contatos homossexuais e pela dependência frente à masturbação (sobretudo para os homens). O segundo gira em torno dos "problemas de ajuste conjugal". Acredita-se de modo pueril que um maior conhecimento sobre o sexo resulte em benefícios para a harmonia matrimonial. Desse modo, argumenta-se, a pesquisa aportaria benefícios, na medida em que pode auxiliar técnicos e especialistas em aconselhamento conjugal, bem como os próprios indivíduos.²

A centralidade que o casamento ocupa nas justificativas não deve provocar espanto. Ela deriva do entendimento, apoiado em dados antropológicos sobre outras culturas, de ser a peça chave para o funcionamento da organização social. Trata-se inegavelmente de uma instituição a ser cumulada de cuidados, e o conhecimento sobre o sexo fã-la-ia melhor funcionar.

(1) A leitura do Relatório Kinsey suscitou-me com frequência a lembrança de um comentário de Ivan Illich, em Nêmesis da Medicina, de que argumentação moderna não pode jamais dispensar o recurso à palavra "problema" por correr sérios riscos de ficar muda.

(2) "Where mutually satisfactory sexual relationships are regularly available the spouses in a marriage may find the hunderd routines of a home less irritating and may accept them in their stride" [Kinsey, Alfred et alli., Sexual Behavior in Female Human, op.cit., p. 12].

A segunda parte, a mais volumosa, refere-se aos tipos de atividade sexual. Aqui observa-se com nitidez o método taxonômico defendido por Kinsey. Os capítulos em conjunto combinam a classificação dos fatos sexuais: masturbação, petting, coito (em suas diversas fases em relação ao casamento), contatos homossexuais e com animais - com um critério etário: pré-adolescente, adolescente, adulto.

Não parece fortuito que a Parte III, onde está reunido o material contrastante entre homens e mulheres, apresente-se organizada sob um certo escalonamento. Os capítulos sucedem-se abordando: 1) anatomia; 2) fisiologia; 3) psicologia; 4) mecanismos neurais e 5) fatores hormonais.

Nos dois primeiros itens, após exaustivo exame dos mecanismos anatômicos e fisiológicos, chega-se à conclusão de que as diferenças entre os sexos são absolutamente superficiais no que toca ao desempenho dos corpos. Os aparelhos genitais são comparados quanto à sua capacidade nervosa de resposta e estímulos; taxas de pulso, pressão sanguínea e respiração são equivalentes.

É então o momento de escrutinar a psicologia dos dois sexos.

Do ponto de vista da biologia, argumenta-se, nomear certa categoria de função enquanto psicológica é problemático na medida em que todas elas são de natureza fisiológica. Ressalva-se que tal classificação é antes de natureza convencional, e é provável que "não represente a realidade". Prossegue o texto: "É importante entender quão nebulosas são as distinções entre os aspectos fisiológicos e psicológicos do comportamento; há alguns que parecem acreditar que existam três universos: uma anatomia

animal, sua fisiologia e sua psicologia". "Tal erro de interpretação levou biólogos a pensar numa relação dua lista entre capacidades fisiológicas de um organismo e a sua forma e estrutura (...) Tais distinções entre forma e função encorajaram a opinião de que os aspectos psico lógicos do comportamento sexual humano são de ordem dife rente, e, talvez, mais significativos que a anatomia e a fisiologia da resposta sexual e do orgasmo".¹ E ainda: "tudo aquilo que pudermos aprender sobre anatomia, fisio logia e química básica das respostas de um animal deve contribuir para o nosso entendimento dessa totalidade a que chamamos comportamento. Esses aspectos do comporta mento a que denominamos psicológicos podem ser nada além de aspectos dessa anatomia e fisiologia básicas".²

Entre os tipos de fenômenos que permanecem inexplicados pela biologia encontram-se os processos de aprendizado e condicionamento, desenvolvimento de preferências na esco lha de objetos sexuais e os padrões de comportamento se xual como um todo.

O processo de condicionamento é em particular culminado de atenções, pois nele parece a princípio residir o ful cro das diferenças entre homem e mulher. Os terrenos an teriormente examinados não puderam responder de modo po sitivo. Uma das marcas diferenciais entre os sexos reve ladas pelos questionários expressa-se numa alta incidên cia, para os homens, da influência de experiências se xuais prévias como fator de estimulação a cada nova situa

(1) Kinsey, Alfred et alli., Sexual Behavior in Female Human, op.cit. p. 642.
(2) Idem, p. 643.

ção. Mais ainda, os informantes masculinos indicam a importância de uma gama variada de fatores associados, por vezes chamados pelos autores de "fantasias", como elementos importantes de excitação. "As mulheres são muito menos afetadas por tais fatores psicológicos".¹

Na seqüência da explanação do livro, o leitor é brindado, melhor dizendo, soterrado, por um talude assaz indigesto de informações sobre o comportamento sexual dos mamíferos. Detecta-se no caso em apreço, por exemplo, através de análise estatística acumulativa,² que as mulheres são também menos sensíveis aos apelos (excitantes) de material erótico-pornográfico ou exibição de partes sexuais.

Os homens "respondem sexualmente" com muito maior eficiência. Embora se ressalve a todo momento a enorme variação individual, nota-se que entre os animais (que servem de base comparativa aos humanos) esse padrão de comportamento já é assinalável. Esclarecendo, os machos também no reino animal, mais do que as fêmeas, interessam-se vivamente pelas partes pudicas do outro sexo.³

O comportamento diferencial que poderia ser explicado em termos de processos de aprendizagem e condicionamento, e que certamente os antropólogos nomeariam de outra forma como área exemplar de atualização da cultura em conformar, construir, moldar a experiência, é de novo colocado

(1) Kinsey, Alfred et alii. Sexual Behavior in Female Human, op.cit., p. 650.

(2) Percentual sobre o montante aritmético das entrevistadas.

(3) Vale notar que esse "dado" é tomado sem maiores discussões. Poder-se-ia perguntar se este tópico não poderia sofrer o mesmo tipo de "distorção" que se verificou no tópico da aceitabilidade de relações/sexuais pré-conjugais. O livro de Hite [Relatório Hite, op. cit.] assinala farta utilização por mulheres de técnicas de excitação algo equivalentes, ainda que seja necessário ressaltar a distância histórica e as propaladas mudanças de comportamento feminino entre as duas pesquisas.

no domínio das potencialidades instintuais. Onde se tornam explícitas as razões da alocação do capítulo sobre o psicológico antes daqueles que se dedicam aos mecanismos neurais e hormonais. São nestes últimos que se buscará a explicação final das diferenças. O psicológico usufrui no livro, desse modo, de uma posição vicária; certos aspectos do comportamento são como que convencionalmente chamados de, por ele rotulados, mas em verdade não configuram uma esfera autônoma. O mesmo tratamento é reservado ao cultural. Lanço mão de uma citação a fim de demonstrar a construção do raciocínio que funda a hierarquia entre os diferentes fatores explicativos do comportamento humano:

"Existe uma inclinação para explicar as diferenças entre as respostas de homens e mulheres como produtos da tradição cultural, e existe uma difundida opinião de que as mulheres são mais propensas a aceitar as convenções sociais porque elas são basicamente mais morais do que os homens".¹

O recurso para desmontar o argumento da ação do social/cultural está de novo na vida dos mamíferos. Especula-se sobre a probabilidade (e aposta-se nela) de que o acatamento feminino frente às regras sociais (no caso as que tipificam o comportamento sexual adequado) é antes resultado de uma predisposição natural patente no fato de fêmeas responderem de modo menos positivo frente a certos estímulos.

(1) Kinsey, Alfred et alli. Sexual Behavior in Female Human. op. cit., p. 661.

IV

Certamente um dos veios críticos mais pertinentes para lidar com o Relatório é aquele que parte da concepção de cultura em que a pesquisa se sustenta. Antes porém convém agregar mais traços ao desenho que retrata o material empírico sobre o qual ela se debruça.

Foram entrevistadas aproximadamente oito mil mulheres. O livro copila case histories de 5.930 indivíduos do sexo feminino, de cor branca e não-prisioneiras. Os dados sobre as presidiárias não foram incorporados porque alteravam de modo substancial o perfil esboçado. O que já é em si um fato mercedor de atenção, pois o mesmo não acontece com os homens; mas não há maiores informações sobre os contornos dessa particularidade.

A lógica da amostragem/representatividade da população pesquisada obedece a critério atrelado à densidade populacional. Em todos os estados da federação americana, comunidades, escolas, universidades, assembleias religiosas e presídios foram alvos de investigação. A pesquisa baseada sobre questionários individuais não se ateuve à prática da seleção aleatória. Houve a preocupação de escolher pequenas unidades sociais com o intuito de cercar a eventualidade de uma amostra de idiosincrasias. Com frequência houve comunidades e grupos em que 75% de seus integrantes foram entrevistados. O levantamento de dados foi orientado segundo certas técnicas de pesquisa antropológica junto a comunidades. Pesquisadores conviveram com os grupos com o intuito de obter material pela observação direta e contrastá-lo com o coletado nas entrevistas. Há menção, no segundo volume, a períodos de uma semana em domicílio residencial dos informantes, bem como a idas a lugares que ensejam (o que se designa de) "relações sócio-sexuais", por exemplo, os bares. No prímeiro volume, onde as condições de pesquisa estão mais

bem detalhadas, indica-se que períodos de meses e mesmo anos foram dedicados à observação das comunidades. Incluem-se aí "grupos de classe média alta, uma comunidade gay de grandes proporções numa grande cidade e um grupo masculino do submundo de uma metrópole".¹

Esse acervo de dados, entretanto, é considerado de difícil manipulação para/pelas tabelas estatísticas que, afinal, dominam e pontificam no Relatório. É no entanto responsável pela correção de alguns resultados. Nota-se que para as entrevistas (femininas) o grau de aceitação de relações sexuais pré-conjugais é flagrantemente menor do que a observação participante pôde registrar, em especial entre os estratos sociais inferiores da amostragem.

Introduzo a tempo o tópico da extração/inserção social do contingente feminino retratado. Além do crivo étnico, são utilizadas categorias de classes ocupacionais. Da amostragem total, 9% pertencem a "trabalhadores", 3% a operários especializados, 39% a "grupos inferiores de white collars" e 59% aos seus estratos médios e superiores. O próprio texto salienta a inconveniência da amostra, embora ressalte sobretudo a inadequação quanto ao nível educacional, onde prevalece o percentual de 56% com formação básica até o grau universitário, e este se apresenta com uma taxa de 19%. Salienta-se contudo que o nível educacional afeta de modo pouco acentuado os padrões sexuais, diferentemente do que ocorre com os homens.²

(1) Kinsey, Alfred et alii, Sexual Behavior in Female Human, op. cit., p. 75.

(2) As mulheres quando não inseridas no mercado de trabalho, estão classificadas nas categorias profissionais de seus maridos. [Kinsey, Alfred et. alii. op. cit., p. 31].

A pesquisa elegeu um corte "racial-cultural"¹ que discrimina 11 classes étnicas.² Entretanto, os livros só consideraram uma dessas, a de brancos norte-americanos e canadenses. A origem familiar (duas gerações ascendentes) determina a inclusão dos indivíduos nas diferentes rubricas. Quanto ao tópico religião, são consideradas apenas três: protestante, católica e judaica; sobrepõe-se ainda o critério da adesão religiosa tipificada em três modalidades: devoto, parcialmente devoto e indiferente.

Muito mais "dados sociológicos" poderiam ser somados a essa lista que já se alonga e corre o risco de assemelhar-se ao tão malfalado estilo do Relatório. Entretanto, um adendo ainda se impõe. Uma das conclusões do entrelaçamento de variáveis tabelizadas (no corpo da obra em questão) é a de que, mais do que a localização geográfica (costa leste, oeste etc.), os padrões sexuais são fortemente marcados pelo tamanho da comunidade.

V

Para que servem esses dados? Há um estranho jogo de transparência e opacidade nos números, curvas e "resultados" que o Relatório Kinsey oferece. As variáveis são tão múltiplas, ao mesmo tempo que necessariamente têm de ser reduzidas a descritores sintéticos, que provocam uma espécie de estupor paralisante. Indubitavelmente, há méritos nessa grandiosa pesquisa, nem que estes sejam o tamanho descomunal da amostra, os dados sobre funcionamento biológico/fisiológico dos corpos, ou até mesmo as enfadonhas referências ao comportamento animal. Não res

(1) Kinsey, Alfred et alii., Sexual Behavior in Female Human, op. cit., p. 31.

(2) São as seguintes as demais categorias étnicas: "negro americano/canadense; britânicos; europeus do Leste e do Norte; europeus do Mediterrâneo, latino-americanos; eslavos; orientais (Ásia); filipinos; polinésios; índios americanos.

ta dúvida de que procede a crítica ali contida sobre a resistência e a eventual ignorância das ciências humanas em incorporar em suas análises a condição animal do homem. Questões muito complexas e que se desdobram ao infinito, como no espelho de Alice, em diferentes planos de análise, estão presentes no corpo de dados apresentado.

Se de um lado, por exemplo, a ressalva feita às ciências humanas está plena de razão, por outro não se olvide que tais argumentos certamente emanam da pretendida (e até certo ponto bem-sucedida) hegemonia das ciências naturais no campo da produção científica. Há ainda o intrincado tecido de querelas sobre propriedade de áreas do conhecimento, demarcação de objetos e abordagens. Entretanto, há que se considerar que o Relatório está sob a batuta inconstestável de um tipo de saber, de lógica explicativa, de tal sorte que a contribuição das muitas disciplinas em jogo acaba por ser por ele orquestrada.

O lugar reservado à análise sobre a cultura é dos mais tímidos, ainda que assim se revele de modo expressivo.

Os cortes limites de uma investigação são sempre arbitrários, e portanto maior é (ou deve ser) o esforço do cientista (social) em determinar as premissas que o conduziram a tal construção do objeto. Não há nessa seara, diga-se de passagem, pelo menos para alguns, a possibilidade de reprodução da realidade. Situações laboratoriais são francamente impotentes diante da complexidade da vida social, ou melhor dizendo, do mundo simbólico.

O comportamento - suposto ser possível observá-lo - é categoria das mais oscilantes, conforme os mares em que

fundee sua âncora. Ele não é mais real nem de maior legitimidade do que o mundo das representações que (afinal) conforma e modela as práticas, no caso os padrões sexuais. Note-se que a pesquisa, em diferentes momentos, reconhece o vigor dessa afirmação, mesmo que de maneira canhestra. Verdade é que também sempre refuga diante da imperativa questão do porquê. Elege um único grupo étnico, desconsidera o material sobre as presidiárias, reconhece a (extrema) variação de comportamento das demais categorias não incorporadas à análise, assinala a discrepância entre conduta e respostas dos questionários quanto ao item relações pré-conjugais etc.

Mas tais "dados" são metabolizados no fluxo dos fatores anatômicos, fisiológicos ou hormonais. Pouca é a influência, ou mostra-se derivativa, do cultural.

Mesmo que se considere o fato de o texto estar alerta para o que Geertz denominou (com acuidade) concepção estratigráfica do homem,¹ tal representação é por demais insidiosa e persistente.

A condição animal do homem é inquestionável, mas também o são as direções e formatos em que tal "atavismo" acaba por escolher apresentar-se.

(1) Geertz, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

ITENS CONSTANTES NO QUESTIONÁRIO APLICADO ¹

I. SOCIAL AND ECONOMIC DATA

1. Sex
2. Age
3. Date of birth
4. Race
5. Geographic origin
 - State of subject's birth
 - Countries, states of residence for a year or more
 - Parent's place of birth
6. Rural-urban background
7. Religious background
 - Denominations involved
 - Degree of adherence
8. Occupational history
9. Economic status
10. Educational history
 - Years of schooling
 - Colleges attended
 - College majors
 - Age upon leaving school
 - Age while in high school
11. Psychological test ratings ²
12. Recreational interests
 - Extracurricular activities in school and college
 - Moving pictures
 - Dancing
 - Cards
 - Gambling
 - Smoking

(1) Kinsey, Alfred et alii, Sexual Behavior in Female Human, op.cit., p. 63-70.

(2) Items marked with asterisks are checked only for selected series of individuals who are available for special study.

Use of alcohol
Use of narcotics
Use of marihuana
Hunting
Fishing
Reading
Sewing
Cooking
Housework
Special interest in music
Special interest in sports
Other special interests and sources of recreation

13. Athletic experience

On high school and college organized teams

14. Fraternity or sorority membership in college

15. Home background

Parent's occupational status

Parent's economic status

Parent's educational background

Parental marital history

Happiness of adjustment

Separation or divorce

Parent-child relationships

Attachment to father

Attachment to mother

Brothers, sisters

Number

Ages

Companions at 10 and at 16

Number

Relative numbers, male and female

16. Institutional history

Prison, orphanage, etc.

Army or Navy experience

17. Personality traits

II. MARITAL HISTORIES (FOR EACH MARIAGE)

1. Marital status
2. Spouse's history
 - Age
 - Length of previous acquaintance
 - Length of engagement
 - Religious affiliations
 - Educational history
3. Age of each spouse at marriage
4. Years married, divorced, separated, or widowed
5. Common law marriages
6. Offspring
 - Sex
 - Ages
 - Mother's age at first childbirth
7. Abortions
 - Spontaneous
 - Induced
8. Marital adjustment
 - Rating
 - Sources of conflict

III. SEX EDUCATION

1. Sources of knowledge, ages when learned
 - Pregnancy
 - Coitus
 - Fertilization
 - Menstruation
 - Venereal diseases
 - Prostitution
 - Contraception

Abortions

Male erection (in female histories)

2. Parental contribution to sex education
3. Experience in observing sex behavior
4. Experience with graphic depictions of sexual activity
5. Formal sex education in school and college
6. Attitudes on nudity
 - Of parents
 - Of subject

IV. PHYSICAL AND PHYSIOLOGIC DATA

1. General development and health
 - Height
 - Weight, and maximum ever reached
 - Pulse rate *
 - Blood pressure and BMR *
 - Thickness of lips
 - Handedness
 - History of chronic illnesses and handicaps
 - History of venereal disease
2. Adolescence: ages at onset of
 - Erotic responsiveness
 - First orgasm (and its source)
 - Pubic hair growth
 - Breast development (in females)
 - Breast knots (in adolescent males)
 - Menstruation
 - Voice change
 - Onset of rapid growth
 - Completion of growth
3. Genital characters: male
 - Testes
 - Descent

- Position (of right and left)
- Size*
- History of injury
- Penis (subject, self measurement)
 - Length and circumference, normal and erect
 - Angle erect
 - Curvature, erect
 - Direction of carriage, erect
- History of circumcision
 - Age involved
 - Presence of frenulum
 - Extent of foreskin
 - Phimosis
- Hypospadia
- Pre-coital mucous secretion
- Sperm examination *
- Erection
 - Speed
 - Presence of pulsation
 - Potency in coitus
 - Duration
- Morning erections, frequency
- 4. Genital characters; female
 - Clitoris
 - Size*
 - Adherence of foreskin *
 - Hymen
 - Status
 - History of rupture
 - Vaginal mucous secretions
 - Amount
 - Variation in menstrual cycle
- 5. Menstruation
 - Age at menarche

Length and regularity of menstrual cycle

Duration of flow

Pains

History of menopause

6. Erotic responsiveness

Auto-erotic

Observing self in mirror

Observing genitalia

Exhibitionism

Homo-erotic

Thinking of own sex

Observing own sex

Observing erect genitalia

Observing buttocks

Burlesque shows

Nude art

Obscene stories

Erotic literature

Erotic moving pictures

Erotic photographs and drawings

Dancing

Hetero-erotic

Thinking of other sex

Observing other sex

Nude art

Burlesque shows

Erotic pictures

Obscene stories

Erotic literature

Moving pictures

Dancing

Physical contacts

Biting

Being bitten

Zoö-erotic

Observing animal coitus

Physical contacts with animals

Non-sexual stimuli

Music

Alcohol

Motion

Pain

Sadistic situations

Masochistic situations

Other emotional situation (especially in children)

V. NOCTURNAL SEX DREAMS

1. Ages involved
2. Frequencies of dreams with orgasm
3. Frequencies of dreams without orgasm
4. Content of dreams
 - Homo, hetero, or zoö-erotic
 - Other

VI. MASTURBATION

1. Ages involved, pre and post-adolescent
2. Sources of learning
 - Conversation and reading
 - Observation
 - Participation, heterosexual or homosexual
 - Self discovery
3. Frequencies
 - Maximum per week
 - Means at each age

4. Techniques

For male

Manual

Frictional

Oral

Special devices

Urethral insertions

For female

Manual

Clitoral

Vaginal

Friction

Thigh pressure

Urethral insertions

With devices

5. Time required for orgasm

6. Accompanying imagery

Self

Homosexual

Heterosexual

Zoö-erotic

Sado.masochistic

7. Subject's evaluation

Period involving fear or conflict

Sources of resolution of conflict

Rejection: period involved, reasons for

Estimate of moral, psychic, physical consequences

VII. HETEROSEXUAL HISTORY

1. Pre-adolescent play

Ages involved, frequencies

Companions: age and number

Techniques

Exhibition

Physical exploration
Vaginal insertion
Urethral insertion
Mouth-genital contact
Coitus

2. Pre-marital petting

Ages involved

Frequencies

Companions

Number in grade and high school

Number between high school and marriage

Techniques

General body contact

Lip kissing

Tongue kissing

Breast manipulation, manual

Breast manipulation, oral

Manual manipulation, male genitalia

Manual manipulation, female genitalia

Mouth-genital - contact on male, on female

Genital apposition without entry

Orgasm without intercourse, in male, in female

Frequencies

Ages involved

After-effects

Nervous disturbance

Genital cramps

Masturbation

3. Attitudes on pre-marital coitus

Sources of restraint

Moral

Lack of opportunity

Lack of interest

Fear of pregnancy

Fear of venereal disease

- Fear of social disapproval
- Desire for virginity in fiancée
- Desire for marriage
- Desire for children, number desired
- Intention to have, or to continue coitus
- Evaluation of own coital experience
- 4. Experience in pre-marital coitus
 - Ages involved
 - First experience
 - Age and nature of partner
 - Virginity of partner
 - Speed of orgasm
 - Physical satisfaction
 - Frequencies in coitus
 - Partners
 - Total number
 - Prostitutes or companions
 - Age range
 - Youngest since subject was eighteen
 - Age preference
 - Marital status
 - Consanguinity
 - Virginity
 - Resulting pregnancies, births, abortions
 - Age involved
 - Legal aspects
 - Financial aspects
 - Arrangements
 - Places utilized for coitus
 - Opportunity and desire for nudity
- 5. Marital intercourse (separate records for each marriage)
 - First experience
 - Age of each spouse
 - Virginity of partner

Speed of orgasm

Physical satisfaction

Lapse between marriage and **first coitus**

Frequencies

Maximum ever

Means at various periods

Relation of sexual and marital **adjustments**

6. Extra-marital, relations

Ages involved

Partners

Number

Age range

Marital status

Companions or prostitutes

Frequencies

Extra-marital coitus

Extra-marital petting with-out **intercourse**

Spouse's knowledge of the **intercourse**

Effect on marriage

Desire for further experience

7. Post-marital intercourse

Ages involved

Partners

Number

Age range

Marital status

Companions or prostitutes

Frequencies

8. Intercourse with prostitutes

Ages involved

Number of prostitutes

Frequencies

Mouth-genital techniques

Comparisons with non-prostitutes

9. Coital techniques

Pre-coital play

Duration

Lip kissing

Tongue kissing

Breast manipulation: manual

Breast manipulation: oral

Genital manipulation: manual, by male and female

Genital manipulation: oral, by male and female

Frequency of orgasm

Coital positions: relative frequencies and preferences

Male superior

Female superior

Side

Sitting

Standing

Rear entry

Anal

Other variations

Male orgasm

Duration of intromission

Multiple climaxes

Female orgasm

Frequency

Multiple climaxes

Date of first orgasm in coitus

Relation to coital techniques

Nudity

Frequency

Attitudes

Preference for light or dark

Fantasies during coitus

10. Contraceptive history: pre-marital, marital, **ex**
tra-marital; techniques employed, satisfaction and
effectiveness
 - Condom
 - Source
 - Testing
 - Lubrication
 - Breakage
 - Diaphragm or cap
 - Source
 - Type
 - Withdrawal
 - Douche alone
 - Materials employed
 - Safe period
 - Jelly alone
 - Other techniques
11. Group heterosexual activities
 - Circumstances, frequency
 - Number and nature of partners
 - Participation in strip peler
 - Fraternal and other group initiation activities
 - Observation of coitus
 - Of parents
 - Of friends
 - Of professional exhibitionists
12. Heterosexual prostitution (the subject as **prosti**
tute; males or females as heterosexual prostitutes)
 - Age involved
 - First experience
 - Occasion
 - Partner
 - Pay involved

Frequencies per week

During first year

During subsequent periods

Maximum number of partners per day and per week

Average number of partners per day and per week, at various periods

Nature of partners

Total number

Age: range, average

Number who return

Longest affair

Love affairs

Percent married

Number of virgins

Occupations

Racial groups

Sources of contacts

Personal introductions by friends

In established houses of prostitution

Ages of subject

Number of houses involved

Size of houses

Geographic location

Physical or other force used to hold prostitutes

In own established house

Time involved

Geographic location

Number of persons employed

Street solicitation

Percent of rejects

Percent causing trouble

Petting techniques

Partners active in petting (in 9 techniques shown in VII-2)

Subject active (in same 9 techniques)
Coital positions (as shown in VII-9)
Orgasm, frequencies for subject
Prophylaxis and contraception
 Examination of partners
 Condoms
 Antiseptic douche
 Other prophylactics
Variant techniques
 Anal coitus
 Anilinctus
 Flagellation
 Other sadism
 Masochism
 Scatology
 Voyeurism
 Fetishism
Group activities
 Age of subjects
 Frequency
 Number of persons in group involved
 Psychologic reactions

Ages involved
Frequency
Sizes of audiences
Character of audiences
Psychologic reaction of subject
 On first occasion
 On subsequent occasions
Pay: range, average
Techniques of the exhibition
Income from prostitution
 Range of payment

Average payment
Average earned per week, per month
Percent paid to houses

Percent paid to procurer

Rolling

Frequency

Range of intake

Average intake

Social involvements

With friends

With families

With police

Frequency of arrest and conviction

For prostitution

For rolling

For other concomitants

Legal penalties

Bases of dismissal

Amounts paid for protection

Socio-sexual background

Factors involved in beginning prostitution

Chief factors for continuing prostitution

Extent of pleasure derived from sexual relation

Plan for continuance of prostitution

Psychologic conflicts of prostitute

Effects on marriage

Willingness to recommend prostitution to others

VIII. HOMOSEXUAL HISTORY

1. Pre-adolescent play

Ages involved, frequencies

Companions

Ages

Number

Techniques

Exhibition

Manual manipulation

Vaginal or urethral insertion

Mouth-genital contact

Anal

2. Post-adolescent experience

Ages involved

First experience

Age

Partner

Age

Race

Relation to subject

Circumstances

Place of contact

Initiation of approach

Techniques employed, passive, active, or mutual

Financial arrangements

Satisfaction for subject

Age of first experience with each technique, passive and active

Manual

Oral

Anal

Breast (for female)

Femoral

Full body contact

Frequency

During first year

Maximum, ever, per day

Maximum, ever, per week

Average per week during each year

Total number of contacts

Partners

Total number

Age range

Comparisons with age of subject

Age preferences

Reasons for age preferences

Social position

Students in grade school

Students in high school

Students in college

Clergy

Teachers

Art groups

Professional persons

Business groups

Armed forces

Laboring groups

Law enforcement officers

Highest position held

Number married

Number without previous homosexual experience

Number of oncers

Duration of longest affairs

Relations involving love and affection

Percentage of approaches which are rejected

Races involved white, negro, others.

Techniques

Petting, passive and active

Lip Kissing

- Tongue kissing
- Body kissing
- Breast manipulation, manual
- Breast manipulation, oral
- Genital manipulation, manual
- Genital manipulation, oral
- Flagellation on back, buttocks, genitalia
- Urethral insertions
- Anilinctus
- Nudity
- Positions involved (including 69)
- Preference for light or dark
- Places involved
- Subject's orgasm
 - Frequency by each technique or by spontaneous ejaculation
- Partner's orgasm
 - Frequency by each technique or by spontaneous ejaculation

3. Psychic reactions

- Preferences for
 - Masculine or feminine type of partner
 - Partner of particular height
 - Partner of particular weight
 - Partner of particular complexion
 - Particular amount of body hair
 - Particular genital characteristics
 - Particular breast characteristics
 - Circumcised partner
 - Other physical qualities of partner
- Reaction to odor and taste, genitalia and semen

4. Sources of contacts

- Personal friends
- Pick-ups

Street

Park

Hotel

Theatre

Tavern

Night club

Restaurant

Beach

Transportation terminal

Public bath

Hitch hiking

Other places

5. Social conflicts

Difficulties met in home, school, community,
business

Arrests, court action, penal history

Blackmail, active and passive

Robbery, active and passive

Restriction to homosexual associates

6. Homosexual prostitution

Subject as prostitute

Frequency

Situations

Amounts involved

Long-time maintenance as prostitute

Subject paying prostitutes

Frequency

Situations

Amounts involved

Long-time maintenance of prostitutes

7. Subject's self analysis

Recognition of physical stigmata

Carriage and movements

Voice

Hip movements
Walk
Dress
Make-up
Interest in transvestism
Other qualities
Conflicts and regrets
Expectancy for continuation
Expectancy for transfer to heterosexual
Recommendation of the homosexual for others
Subject's analysis of factors involved
Subject's estimate of extent of homosexuality
 Among males, females
 Among negroes, whites

IX. ANIMAL CONTACTS

1. Ages involved
2. Frequencies
 - With orgasm
 - Without orgasm
3. Animal species involved, with preferences
4. Techniques
 - Masturbation of animal
 - Vaginal coitus
 - Mouth-renal contact
 - Passive
 - Active

5

MICHEL FOUCAULT:

ARMADILHAS PARA REPENSAR

CARMEN DORA GUIMARÃES

MICHEL FOUCAULT: ARMADILHAS PARA REPENSAR *

CARMEN DORA GUIMARÃES **

RESUMO

Guardando as características originais de um texto para apresentação oral, o presente artigo trata, através de uma releitura da primeira História da sexualidade analisada por Michel Foucault, da questão do poder conforme equacionada por este autor e do método analítico proposto para conhecê-lo.

"O papel do intelectual não é mais o de se colocar "um pouco na frente ou um pouco de lado" para dizer a verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, simultaneamente, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da "verdade", da "consciência", do discurso".¹

-
- (*) Trabalho apresentado no V Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, Águas de São Pedro/SP - 1986 (Grupo de Trabalho sobre Sexualidade e Reprodução, coordenado por Maria Andréa Loyola).
- (**) Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional do Rio de Janeiro e, atualmente, trabalha como pesquisadora junto a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA).
- (1) Foucault, Michel. Microfísica do poder. Rio: Graal, 1982, p. 71.

Desconcertar os hábitos de nossa razão para fazer-nos pensar -- eis a proposta de Foucault. Lembro-me da primeira vez que tive em mãos **Histoire de la sexualité I: la volonté de savoir**, enviado da França no verão de 1977.

Àquela época, debruçava-me sobre o material etnográfico coligido para a dissertação de mestrado em Antropologia Social.¹ O objeto em questão era a construção da identidade sociossexual de homossexuais masculinos da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Apossei-me do livro como se fosse a palavra final sobre a sexualidade, capaz de consolidar minhas idéias e conduzir à escrita final. Mas ao invés de suprir ou confirmar conclusões, **La volonté de savoir** descarrilhou minha razão com uma série de instigantes e incômodas perguntas, a começar por esta: "Por que dizemos, com tanta paixão, tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos?" O que sem dúvida atingia diretamente o meu próprio discurso, enquanto mulher, e o discurso homossexual masculino que então esmiuçava, pautado na idéia de repressão. Se este é um falso problema, qual sentido teria a "luta contra a repressão?" Ou melhor, onde estaria a real repressão da sexualidade?

A argumentação de Foucault se desdobra para denunciar que a idéia de uma sexualidade reprimida serve para escamotear a corroboração de toda uma cultura do imperativo sexual. O problema, portanto, é esta enganosa "hipótese

(2) Guimarães, C.D. "O homossexual visto por entendidos". Dissertação de Mestrado UFRJ/MUSEU NACIONAL.

repressiva" e o pressuposto de que a verdade do sexo es
tá na repressão do desejo e do prazer.

Foucault se propõe a colocar em xeque a "hipótese" com
uma indagação: quais são as maneiras pelas quais a socied
dade ocidental tem pensado o campo de relações entre ind
ivíduos que, desde o final do século XIX, recebeu o no
me de sexualidade?

Estas formulações iniciais e o seu desenrolar, extremamen
te originais e instigantes, logo me evidenciaram que a
História da Sexualidade, assim como outras "histórias"
anteriores analisadas por Foucault, obrigava o repensar.

Processo difícil que foi se dando ao longo do tempo.

As duas obras "arqueológicas" anteriores, **As palavras e**
as coisas e **Arqueologia do saber**, a **História da loucura**
e **Vigiar e punir** são fundamentais para compreender **A von**
tade de saber. A discussão da sexualidade não é uma pro
posta isolada e se insere em projeto epistemológico mais
amplo e aqui adquire seu pleno sentido.

O problema não é despir a sexualidade da versão biologi
zante ou psicologizante para revelar o seu "lado" histô
rico, social e político. Outros já haviam feito isso. O
importante é mostrar o modo pelo qual a produção da sexua
lidade se realiza e mascara suas funções políticas. Se
gundo Foucault, a articulação profunda e difusa de um
tipo moderno de poder e de saber constitui o **dispositivo**
de **sexualidade**. A história atual de nosso corpo é a his
tória deste dispositivo.

Elaborando este texto para discussão, reli **A vontade de**

saber para examinar brevemente a questão do poder em Foucault, e o método analítico proposto para conhecê-lo. Paralelamente, tentei pensar como esta discussão poderia ser uma ferramenta útil para o pesquisador problematizar o seu objeto de pesquisa e o seu lugar na pesquisa.

Como havia dito, o exame da idéia de poder não é projeto isolado na obra de Foucault. Pertence a uma das linhas centrais de sua genealogia -- a linha de força. Foucault limita o seu projeto a três domínios, e assim nos esclarece: "Primeiro, uma ontologia histórica de nós mesmos com relação à verdade através da qual nos constituímos como sujeitos de conhecimento; segundo, uma ontologia histórica de nós mesmos relacionada a um campo de força através do qual nos constituímos como sujeitos agindo sobre outros; terceiro, uma ontologia histórica relacionada à ética através da qual nos constituímos como agentes morais. Então há três linhas centrais possíveis para a genealogia. Todas as três estiveram presentes, embora de um modo um tanto confuso, em a *História da loucura*. A linha da verdade foi estudada em *O nascimento da clínica* e *A ordem do discurso*. A linha da força foi estudada em *Vigiar e punir*, e a linha ética, em a *História da sexualidade*".¹

Se tomarmos este depoimento ao pé da letra, poder-se-ia objetar quanto à proposta deste meu texto. Afinal, o próprio Foucault esclarece que a linha adotada em a *História da sexualidade* é da ética e não da força? Sim e não. A *História da sexualidade* privilegia, no volume I - *A vontade de saber*, mais a questão do poder que

(1) Escobar, Carlos Henrique (org.). O dossier: últimas entrevistas. Rio, Taurus, 1984, p. 51.

da ética. Esta será aprofundada nos dois volumes seguintes! O uso dos prazeres e O cuidado de si. Além do mais, o trabalho singular de Foucault escapa aos enquadramentos habituais. Sempre surpreendente, ele nos convida a usar da nossa própria compreensão.

Em Vigiar e punir, ponto de partida para o estudo da linha de força, a noção de disciplina recobre os procedimentos de individualização ou de constituição do indivíduo através de técnicas de assujeitamento que recobrem todo o corpo. Fabrica-se ao mesmo tempo a realidade do indivíduo e o conhecimento a seu respeito.

Atenta-nos Foucault que a "invenção" dessa nova anatomia política não deve ser vista como uma descoberta súbita, mas como uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que entram em convergência e esboçam aos poucos a fachada de um método geral.¹ Os regimes disciplinares - procedimentos, métodos e técnicas - são associados a uma concepção negativa do poder, e têm como função explícita o controle político do corpo. O indivíduo e seu conhecimento resultam desta produção articulada do poder com o saber.

Duas modificações profundas desta idéia de poder sustentam a discussão em A vontade de saber. Aqui a estratégia do poder transcende a versão de foco único, absolutista e concentrado, facilmente identificável e portanto alvo de combate. Sem negar a força autoritária e repressiva das formas institucionais do poder, Foucault argumen

(1) Foucault, Michel. Vigiar e punir. Petrópolis, Vozes, 1977, p.127.

ta que quando o assunto é sexo, desloca-se o eixo de produção do poder: de uma suposta interdição quase absoluta, passa-se a uma estratégia positiva, ativa e imanente, interessada obsessivamente na promoção e proliferação do saber sobre o sexo.

Qual então é a maneira de se reconhecer este "novo" poder?

Utilizando metáforas guerreiras, Foucault propõe a seguinte definição nominal: "O poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns seriam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada".¹

Noutros termos, o poder não tem identidade, não assume uma forma como, por exemplo, a forma Estado, e não se enquadra na estrutura da lei e das regras, afrontamentos, ou transformações de correlações de forças imanentes ao campo em que se exercem.

Finalmente, o poder não provém de uma única matriz (dominante-dominado) com múltiplas ramificações que atingem todo o corpo social. O poder é um efeito produzido por um "conjunto de ações sobre as ações possíveis".

Diante dessa definição e proposições, novamente pergunto: serão estas as "ferramentas" que Foucault nos oferece para perscrutar o poder da sexualidade numa situação de pesquisa? Vejamos.

(1) Foucault, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. Rio, Graal, 1977, p. 89.

De início, a investigação da sexualidade terá de considerar o poder como um dispositivo, uma rede densa de correlações de força. No entanto, a dificuldade em adotar esta "analítica" se reflete em alguns trabalhos ditos foucaultianos. Nestes, o discurso médico, pedagógico, ou outro, é isolado para exame como se fosse uma instância do poder. Na análise de Foucault, os discursos e as prácticas não são, em si mesmos, instâncias "microfísicas" do poder. Possuem outra natureza analítica.

Para marcar a diferença com outros métodos de análise, Foucault diz que o poder aponta para uma microfísica específica. O termo "micro" não significa uma simples miniaturização de formas visíveis ou enunciáveis, mas um outro domínio, um novo tipo de relações, uma dimensão do pensamento irreduzível do saber.¹ O poder não tem lugar. As correlações de forças são estratégicas anônimas sem sujeito, irreduzíveis à determinação da teoria ou do conhecimento. Finalmente, a prática do poder não se reduz a qualquer prática do saber.

Pergunto então como podemos apreender o poder enquanto dispositivo por inteiro, sem desmontá-lo?

Foucault nos acena com um novo caminho e diz: a questão do poder e sua produção se vincula à política de produção de "Verdade".² A produção de discursos "verdadeiros" é um dos nossos problemas e uma das estratégias ocultas do poder. Leva-nos a tomar posições, a construir identidades, a assumir um "lado" - o lado de nossa verdade.

(1) Deleuze, Gilles. Foucault. Paris, Minuit, 1986.

(2) Foucault, Michel. Microfísica do poder. Rio, Graal, 1982, p. 230.

Tomo como exemplo dessa "reivindicação da verdade" o movimento homossexual que tenho estudado mais de perto. A produção de seu "discurso de reação" contra a repressão, centrada sobretudo na especificidade sexual, é a inversão estratégica de uma mesma vontade de produzir a verdade sobre o sexo - a sua verdade: "Nós somos assim, nós queremos ser o que somos, e nós mesmos diremos o que somos, melhor do que vocês poderão dizer ou saber".

Possivelmente esse discurso, ao permitir o diálogo audível entre os dois "lados" - o da vítima reprimida e do algoz repressor -, é uma etapa necessária para configurar o campo de disputa. Inegavelmente, o poder se faz mais reconhecível sob a forma negativa e jurídica da interdição. Mas este modelo é, por sua vez, o artil do poder. A estratégia que permite o diálogo mascara e confirma o poder. Ele existe justamente naquilo que consegue ocultar dentre seus mecanismos.

A correlação de forças que Foucault nos convida a conhecer a fundo é a aliança do poder e o saber com a verdade. Com suas ferramentas analíticas, Foucault pôs a nu o Sexo Rei e denunciou a "hipótese repressiva" da sexualidade. Mostrou-nos que, ensurdecidos pela "explosão discursiva" do sexo, não havíamos escutado que a repressão era uma idéia moderna e que ocultava estratégias mais sutis, quase inaudíveis. À exceção de alguns que teriam ouvido melhor. Estes se dizem livres deste poder e hoje trilham o caminho do corpo e do sexo desreprimido. Mas, questiona Foucault, será este um "novo" caminho? Com a "libertação" teríamos nos desvencilhados dos perigos instaurados pelo poder?

Foucault não seria ele mesmo se nos deixasse chegar tão

facilmente à sua problemática. Não há caminho "certo", e o seu objetivo não está bem onde ele parece ter indicado - no jogo de poder, saber e verdade que forma os dispositivos da sexualidade. Onde estaria então?

Nesta busca, caímos na última armadilha de Foucault. Mergulhamos em um não-lugar sem nome ou identidade, onde de frontamos conosco mesmos e com nossa própria subjetividade. Sua questão afinal é de estudar "a maneira pela qual um ser humano se transforma em sujeito" (...) a maneira pela qual o homem aprendeu a se reconhecer como sujeito de uma sexualidade". Neste desvendamento começa o verdadeiro trabalho - o de problematizar a base sobre a qual pensamos, sabemos e somos.

Isso não implica apenas a demolição das evidências e das universalidades. Mais do que isso, significa transgredir o conhecido que nos contém, simplesmente se deslocar sem cessar, jogando o jogo que Foucault nos propõe jogar em seu livro. O do historiador que surpreende o presente.

6

A FAMÍLIA EM CENA; UMA LEITURA
ANTROPOLÓGICA DA DRAMATURGIA
DE NELSON RODRIGUES

TANIA SALEM

A FAMÍLIA EM CENA: UMA LEITURA ANTROPOLÓGICA DA DRAMATURGIA DE NELSON RODRIGUES *

TANIA SALEM **

RESUMO

Este trabalho apoia-se na dramaturgia rodrigueana, procurando perceber as atribuições simbólicas que conferem à família um lugar específico no contexto cultural em que se apresentam determinadas personagens e situações recorrentes na obra do autor. Mesmo iluminando indiretamente a norma, o foco recai sobre a transgressão (consubstanciada no incesto e na perda da virgindade) e tem como pano de fundo o caráter totalizante e encompassador da família. A trama fundamental se desenvolve, assim, em torno da tensão permanente entre os interesses do grupo familiar e as aspirações individualizantes de seus membros (frequentemente das mulheres) que ameaçam o sistema de trocas no qual se inscreve a família. Expressa também na imprecisão das fronteiras que separam a esfera pública da privada ou o espaço simbólico da "mulher direita" daquele reservado à puta, esta tensão sugere, no limite, a própria destruição do núcleo familiar.

(*) Comunicação apresentada no IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, Águas de São Pedro/SP - 1984 (Grupo de Trabalho sobre Sexualidade e Reprodução, coordenado por Maria Andréa Loyola) e publicada nos Anais do IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, Vol. 1, out. 1984.

(**) Doutora pelo Programa em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ. Agradeço a Peter Fry, Eduardo B. Viveiros de Castro, Elisa Maria P. Reis e Isabel Gómez de Souza os comentários e sugestões.

I. INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a examinar algumas peças de Nelson Rodrigues concebendo-as como um "texto cultural",¹ ou seja, como expressão de dilemas constitutivos, senão da sociedade brasileira, ao menos de alguns de seus segmentos.

O primeiro problema que se coloca diz respeito exatamente ao alcance e generalidade das representações veiculadas e das tramas focalizadas pela dramaturgia rodriguesa. Esta questão pode ser desdobrada em dois níveis: podemos indagar, em primeiro lugar, se seus personagens encarnam tragédias que se ancoram em uma natureza humana universal, a-histórica e a-temporal, ou se, ao invés disso, eles se revelam como protagonistas de dilemas e tensões com uma inscrição sócio-cultural específica. É inegável que qualquer autor pode ser submetido às mais diferentes leituras e não há porque descartar a possibilidade de Nelson Rodrigues ser legitimamente interpretado como um autor que lida com impasses psicológicos universais. Não obstante, este ensaio escolhe uma outra perspectiva! Seguindo a orientação de Mauss,² Granet³ e Sahlins⁴, dentre muitos outros, partimos da premissa de que os instintos, os impulsos e a própria subjetividade humanos, quaisquer que sejam os sentidos imputados a estes termos, são "artefatos culturais"⁵. Vale dizer, estão informados

(1) Geertz, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

(2) Mauss, M. "A Expressão Obrigatória dos Sentimentos". Em Figueira (org.), *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.

(3) Granet, M. "Le Langage de la Douleur dans le Rituel Funéraire de la Chine". Em *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*, XIX, 2, 1922.

(4) Sahlins, M. *Critique de la Sociobiologie: Aspects Anthropologiques*. Paris, Gallimard, 1980.

(5) Esta expressão é de autoria de Geertz (*apud* Sahlins, 1980, p.42).

por um esquema simbólico e cultural específico, o qual, sendo por definição arbitrário, jamais é o único possível.

Em segundo lugar, a opção de buscar compreender a temática rodrigueana tomando como pano de fundo um universo cultural particular que lhe confere sentido e significado conduz ao problema de circunscrever os limites da cultura à qual se faz referência. Ou seja, coincide ela com as fronteiras geográficas nacionais ou é possível, e necessário, estipular um outro tipo de recorte, quer mais abrangente, quer mais restrito? A resolução desta questão parece mais difícil: se tomarmos a caracterização fornecida pelo próprio dramaturgo, ter-se-ia, como objeto, um grupo razoavelmente diferenciado em termos sociais e, no entanto, como se verá, bastante homogêneo em termos éticos. Com efeito, Nelson Rodrigues elege como seus protagonistas principais desde uma família cujo chefe é um respeitável fazendeiro em Minas Gerais (Álbum de Família) até indivíduos provindos de camadas médias e superiores urbanas: funcionários públicos, pequenos e grandes empresários, moradores, em sua grande maioria, em bairros da Zona Norte do Rio de Janeiro.¹ Contudo, é plausível postular, com base em uma literatura antropológica, que os temas e dramas focalizados transbordam este universo, estendendo-se sobre um espaço mais vasto cujas fronteiras são difíceis de precisar. Esta

(1) Das peças selecionadas, apenas Vestido de Noiva focaliza uma família moradora em Copacabana. Ainda que o grosso do elenco rodrigueano provenha da Zona Norte, parece problemático classificá-lo como "suburbano", com toda a carga pejorativa implicada neste termo. E isto porque todas as peças aqui examinadas foram escritas nos anos 40/50, momento em que o boom imobiliário de Copacabana ainda não tinha atingido seu auge [Cf. VELHO, G. A Utopia Urbana. Rio de Janeiro, Zahar, 1973]. Por conseguinte, caberia investigar a pertinência da oposição simbólica Zona Norte/Zona Sul no instante em que as peças foram concebidas.

dificuldade se manifesta nas próprias interpretações sugeridas ao longo deste texto, que apelam para conceitos ora mais restritos, ora mais englobantes, tais como "cultura brasileira", "sociedade mediterrânea" etc. Diante deste dilema só há um consolo: é o de saber que este tipo de embaraço parece ser constitutivo da Antropologia voltada para as sociedades complexas, a qual, mesmo relevando a importância da cultura (portanto das especificidades), tem por lidar com uma tensão constante entre princípios mais universalistas e mais particularistas em suas interpretações.

Das dezessete peças escritas pelo autor, faremos referência aqui a apenas sete: A Mulher sem Pecado¹, Vestido de Noiva², Album de Família³, A Falecida⁴, Viúva, porém Honesta⁵, Perdoa-me por me Traíres⁶ e Sete Gatinhos⁷. A escolha tanto desse número como das próprias obras foi absolutamente aleatória, mas ao longo de uma leitura de sordenada foi-nos possível perceber que elas guardavam uma extrema unidade em torno de alguns princípios morais ordenadores. O propósito deste trabalho é justamente o de desvelar a lógica cultural e simbólica que perpassa e estrutura esses textos,

Poder-se-ia perguntar: por que Nelson Rodrigues? Mesmo que este ensaio não penetre na questão do valor literário

-
- (1) Rodrigues, N. "A Mulher sem Pecado". Em Magaldi (org.), Teatro Completo de Nelson Rodrigues, 1: Peças Psicológicas. Rio de Janeiro, 1981 (1941).
 - (2) Rodrigues, N. "Vestido de Noiva". Idem, 1981 (1943).
 - (3) Rodrigues, N. "Viúva, porém Honesta". Idem, 1981 (1957).
 - (4) Rodrigues, N. "Album de Família". Em Magaldi (org.), Teatro Completo de Nelson Rodrigues, 2: Peças Míticas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981 (1945).
 - (5) Rodrigues, N. "A Falecida". Em Teatro. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro, 1960 (1954).
 - (6) Rodrigues, N. "Perdoa-me por me Traíres". Idem, 1960 (1957).
 - (7) Rodrigues, N. "Sete Gatinhos". Ibidem. 1960 (1958).

rio, sua aclamação pela crítica especializada como o maior dramaturgo brasileiro e seu indiscutível impacto sobre o público leigo (cujas reações, favoráveis ou desfavoráveis, são sempre igualmente intensas) atestam o alto poder mobilizador de sua dramaturgia. Podemos sugerir que esta radicalidade de opiniões com relação a Nelson Rodrigues seja sintomática do fato de ele desnudar, ou pelo menos colocar em debate, dramas que nos calam fundo.

Ao nível do senso comum, o teatro de Nelson Rodrigues está associado a uma encenação bizarra de aberrações sexuais. Mas é pertinente colocar, como indagação mais geral, o que a sexualidade pode estar dramatizando em sua obra. É notável a constatação de que a sexualidade encenada tem sempre, como referente último, o próprio contexto familiar. Com efeito, observa-se uma insistência em eleger a temática sexual como a principal detonadora, ou reveladora, da desorganização familiar. Mas como as situações de conflito constituem momentos fecundos para a revelação de regras, os dilemas, proibições e infrações sexuais encarnados nos personagens rodriguanos descortinam, ao mesmo tempo, a própria organização familiar.

Podemos assim resumir as duas propostas mais gerais deste trabalho: em primeiro lugar, consideramos que o teatro de Nelson Rodrigues, antes de ser um empreendimento iconoclasta, fala de práticas e princípios morais correntes de modo condensado, paroxístico e paradigmático. Mais precisamente, sua dramaturgia encena a vida familiar, sua forma de organização, suas aflições e conflitos. Em segundo, consideramos que a sexualidade, no contexto de sua obra, funciona como uma espécie de linguagem que expressa a própria família. Isto é, através das regras e

infrações sexuais desvela-se a dinâmica familiar e sua configuração específica.

II. O RECORTE TEMÁTICO E SEU SIGNIFICADO SOCIOLOGICO

Uma das marcas registradas da dramaturgia rodrigueana é sua obsessão em eleger a família como o locus privilegia do onde as tramas e tragédias são atualizadas. Este recorte temático não é aleatório e nem deve ser encarado como um mero recurso para falar de outras coisas. Antes, ele é, em si mesmo, uma pista cultural da maior relevância remetendo a um tipo de contexto ideológico onde a unidade básica de representação não é o indivíduo, mas a família. Assim, a hipótese que perpassa todo este trabalho é a de que esta insistência temática desvela uma forma de organização social fundada na estrutura familiar e no parentesco, além de expressar, simbolicamente, a dimensão totalizadora que a família ocupa na vida cotidiana de seus componentes.

Esta leitura da dramaturgia de Nelson Rodrigues está em consonância com a interpretação de alguns antropólogos acerca do papel axiador que as relações familiares desempenham em nosso universo cultural. Da Matta, por exemplo, insiste no "caráter hierárquico e relacional" da sociedade brasileira,¹ Freyre alude ao "familismo brasileiro",² e mesmo Velho, que vem trabalhando com segmentos médios mais intelectualizados e individualizados do

(1) Da Matta, R. Carnavais, Malandros e Heróis. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

(2) Freyre, G. Casa-Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Família Patriarcal, 14ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1969, p.90.

Rio de Janeiro, referenda a extrema relevância que a família exerce na construção da identidade dos membros deste grupo¹. Esta interpretação sobre a cultura nacional ou sobre grupos no seu interior postula, em última instância, uma precedência lógica e existencial do todo sobre as partes - no caso, da família sobre o indivíduo. Isto não exclui, entretanto, uma tensão vivenciada e expressa pelos atores sociais entre, de um lado, ser englobado pelo núcleo familiar e, de outro, ansiar por individualização. Este dilema, como se verá, também perpassa as peças rodrigueanas.

Mas a visão do teatrólogo com respeito à determinação estruturadora da família sobre a vida social é bem mais radical do que a destes estudiosos. Se tomarmos, por exemplo, a forma como está retratada em sua obra a articulação entre domínio privado e domínio público, observaremos que este último padece de uma frágil afirmação, estando subsumido às regras e leis que ordenam o âmbito familiar. A título de ilustração, em A Mulher sem Pecado o protagonista, obcecado com uma possível infidelidade da esposa, faz pagamentos extras a seus serviços domésticos e promete promoções aos empregados de sua firma para que vigiem todos os passos de sua mulher. Em Viúva, a ação transcorre na redação do mais importante jornal do país. E, neste espaço formalmente reservado ao trabalho, o proprietário reúne um grupo de especialistas para resolver o impedimento de sua filha que, depois de ter ficado viúva, se recusa a sentar. O redator-chefe, ao mesmo tempo que é violentamente humilhado pelo patrão, é

(1) Velho, G. Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 119.

também convocado para resolver o angustiante dilema e para ouvir, pacientemente, suas mais íntimas confidências. Desvela-se, assim, como característica marcante das peças de Nelson Rodrigues, uma indiferenciação entre a esfera pública e a privada, em virtude da dominância da última sobre a primeira.

Entretanto, estes mesmos exemplos revelam que o âmbito familiar n. da ter de "privado" no sentido estrito do termo. Com efeito, os especialistas do corpo e da mente, os vizinhos e a parentela mais ampla são invariavelmente convocados para aplacar as tragédias que assolam o núcleo doméstico propriamente dito. Por outro lado, como veremos adiante, não é de todo incomum que estes elementos estranhos à célula conjugal focalizada, uma vez envolvidos na trama, sejam mobilizados a ponto de desnudarem os seus próprios dramas pessoais (invariavelmente domésticos), numa espécie de reação em cadeia. Assim, tudo se passa como se as desgraças de cada núcleo familiar estivessem dotadas do poder de fazer detonar as misérias latentes das outras famílias. Esta dinâmica interfamiliar pressupõe, e concomitantemente espelha, um universo fundado em uma tênue demarcação entre espaços sociais, reiterando que o mundo retratado por Nelson Rodrigues é, também nesse sentido, promíscuo.¹

(1) A associação aqui sugerida entre tênue demarcação dos espaços sociais e "promiscuidade" justifica-se em virtude de as famílias focalizadas estarem inseridas em uma sociedade complexa e diferenciada da onde supostamente deveria existir uma maior segregação entre tais domínios. Em outros contextos - como, por exemplo, na sociedade tradicional tal como descrita por [Airês P. História Social da Criança e da Família, Rio de Janeiro: Zahar, 1978] e [Freyre, G., op. cit., 1969] onde inexistiria, por definição, uma classificação do privado em oposição ao público - o recurso à idéia de promiscuidade seria improprio.

III. RELAÇÕES FAMILIARES PRIVILEGIADAS E TEMAS DETONADORES DO DRAMA

Embora não raro as peças de Nelson Rodrigues narrem várias histórias simultaneamente, pode-se dizer que o foco principal sempre recai nas relações familiares tal como vividas e atualizadas no núcleo doméstico. Ou seja, a atenção do autor está voltada, em particular, para o relacionamento entre marido e mulher, entre pais e filhos e entre irmãos. Procuraremos aqui estabelecer os princípios comuns que organizam estas relações, o que nos permitirá, paralelamente, avançar no desvendamento do modelo familiar inerente à dramaturgia rodrigueana.

Ainda que às avessas, ou pela negação, as peças de Nelson Rodrigues deixam transparecer que, em termos normativos, a instituição familiar aspira ser um domínio governado pela hierarquia fundada nos critérios de sexo e de idade: a mulher/os mais novos deveriam ser englobados pelo homem/os mais velhos.¹

Mas, na realidade, o lar retratado pelo dramaturgo aproxima-se do protótipo do universo hobbesiano. Encena-se sempre a impraticabilidade de consolidar uma forma efetiva de hierarquização no seu interior em virtude de um boicote sistemático às regras que ordenam as relações entre gêneros e/ou gerações. Ao lado disso, assinala-se, no limite, a impossibilidade da implantação de pactos lícitos entre seus membros. Com efeito, à exceção do desfecho anunciado em Sete Gatinhos, todas as alianças formadas entre os componentes da célula doméstica redundam,

(1) Nas palavras de Jonas: "Eu sou o Pai. O pai é sagrado, o pai é o Senhor" (Album de Família, p. 65).

ou se fundam, numa relação incestuosa. A evidência paroxística deste fato é fornecida pela narrativa de Álbum de Família.

Uma outra característica comum aos enredos diz respeito à eleição da sexualidade como principal deflagradora, ou reveladora, da (des)organização familiar. No que tange à relação entre cônjuges, a tensão expressa-se, do ponto de vista masculino, no espectro da infidelidade feminina e, aos olhos da esposa, numa profunda insatisfação sexual e afetiva dentro do espaço matrimonial. A obsessão masculina diante da possibilidade de traição é representada paradigmaticamente em A Mulher sem Pecado, peça na qual Olegário, o protagonista, simula estar paraplégico durante sete meses para testar a fidelidade da mulher.

Ao focar o dilema que perpassa a relação entre pais e filhos, Nelson Rodrigues privilegia dois assuntos: em primeiro lugar, a castidade feminina da violação do tabu da virgindade. Sete Gatinhos é, sem dúvida, a peça que mais nitidamente expressa não só a simbologia contida

nessa proibição, como também as consequências que sua infração acarreta em termos familiares. A instituição dos colégios internos para meninas indica o empenho em, encarcerando-as, preservá-las contra um meio visto como corrupto e poluidor. Ironicamente, entretanto, é nesse ambiente pretensamente asséptico que brotam as relações lésbicas - efetivamente praticadas ou, ao menos, insinuadas nas juras de fidelidade e de amor eternos entre as adolescentes. Ainda que esta temática esteja presente em grande parte das peças de Nelson Rodrigues, é curioso observar que a reação dos pais diante deste "pecado" das filhas nunca se reveste da mesma intensidade dramática que é revelada quando eles tomam conhecimento da perda da virgindade.

Em segundo lugar, são destacadas as relações incestuosas entre mãe e filho ou entre pai e filha, as quais, se não são atualizadas diretamente (como é o caso em Álbum de Família), com bastante freqüência são consumadas vicariamente. A atração compulsiva de homens e mulheres maduros por adolescentes - que constitui tema de fundo em quase todas as peças - sugere ligações incestuosas e ao menos três personagens declaram abertamente esta identificação. Jonas, o pai de Álbum de Família, vê a filha em todas as virgens que deflora. Em Vestido de Noiva, Madame Clessy confunde o colegial de quem se torna amante e que acaba por assassiná-la com seu próprio filho. E, em Sete Gatinhos, Dr. Bordalo afirma explicitamente a identificação de Silene - com quem mantém relações sexuais instigado pelo pai da moça - com sua filha. Como no caso anterior, esta ligação incestuosa, mesmo que estabelecida vicariamente, também resulta em uma morte. Bordalo acaba se enforcando no fio de um ferro elétrico, deixando apenas um bilhete no qual, sintomaticamente, pede: "Não quero que minha filha me beije no caixão".

Exceção feita a Álbum de Família, que alude ao desejo incestuoso de um rapaz por sua irmã, Nelson Rodrigues não confere qualquer significação especial ao relacionamento entre irmãos de sexos diferentes. Em compensação, a relação entre irmãos do mesmo sexo - e, em particular, entre mulheres - é uma das obsessões temáticas que atravessa sua obra. Na grande maioria dos casos, este relacionamento é marcado por ressentimentos e hostilidades expressos freqüentemente numa competição mais ou menos declarada por um mesmo homem ou por uma mesma mulher. Vestido de Noiva é, sem dúvida, a obra prototípica deste tipo de drama, que reaparece ainda em Sete Gatinhos (onde Silene e Aurora, desavisadamente, se apaixonam por um

mesmo homem), em Perdoa-me (onde Raul, o irmão mais velho cobiça de forma velada a atraente cunhada) e em Álbum de Família (onde Rute, irmã solteirona de D. Senhorinha, nutre declaradamente uma paixão por seu cunhado). Caberia, por fim, citar Viúva, peça na qual o pai da viúva mora com as duas irmãs mais velhas de sua falecida esposa. Embora nesta última farsa não exista menção a uma relação de desejo entre estas mulheres e o cunhado, tais personagens são relevantes porquanto engrossam a imensa galeria de "tias solteironas" que habitam a dramaturgia rodrigueana. E, como se pretende sugerir, existe uma dinâmica interna própria ao conjunto fraterno que, quando examinada, não só elucida as hostilidades entre irmãos/ãs mas também fornece pistas para compreender a estrutura familiar modelar retratada pelo autor.¹

A fratria revela-se como um corpo organizado hierarquicamente segundo o critério etário: os irmãos/ãs mais velhos são vistos como responsáveis pelos mais novos e estes, em contrapartida, lhes devem respeito e obediência. Em uma passagem de Álbum de Família, por exemplo, D. Senhorinha, desgostosa com o tratamento cruel que lhe infligia a irmã, diz: "quando mamãe morreu, ela pediu que você tomasse conta de mim. Como minha irmã mais velha. Você prometeu, Rute, jurou!". Nesta medida, os ocupantes dos primeiros postos na fratria parecem experimentar, relativamente aos mais novos, um maior enfraquecimento das fronteiras do "eu" em nome do grupo familiar. Os caçulas, por sua vez, funcionam como uma espécie de depositários daquilo que a família acredita ter de melhor e são

(1) A interpretação da dinâmica familiar sugerida a seguir assemelha-se muito àquela proposta por Martins Rodrigues [Operário, Operária, São Paulo: Símbolo, 1978], em seu estudo sobre famílias operárias.

eles que, supostamente, devem realizar os aspectos valorizados por toda a família.¹ O exemplo modelar do funcionamento desse mecanismo está registrado em Sete Gatinhos, onde as quatro irmãs mais velhas se anulam para salvar a honra familiar, consubstanciada, no caso, na virgindade da caçula Silene. E as inumeráveis figuras das tias solteironas - invariavelmente as irmãs mais velhas - reafirmam esta interpretação. Em contraste com as irmãs mais novas - casadas e sempre descritas como bonitas e atraentes - estas personagens são, de forma sistêmica, caracterizadas pela ausência de qualidades femininas: são feias e não desejadas pelos homens. Sintomaticamente, a estas mulheres "desprovidas" e "despossuídas" só resta, como alternativa, realizar sua vida afetiva através da irmã mais nova, desejando o cunhado. Além disso, tudo conduz a que estas mulheres "doadoras", assim esvaziadas, experimentem profundos ressentimentos com relação às caçulas. Esse mecanismo revela, assim, que o conflito entre irmãs é produzido pela própria organização e dinâmica familiares.

O exame das interdições sexuais, bem como o de sua violação, permite descortinar outros princípios que ordenam a família rodrigueana. Tomemos, em primeiro lugar, o valor imputado à virgindade feminina e o significado a ela associado. Se, como postula Lévi-Strauss², a mulher se constitui num signo de troca entre grupos por referência a um código de aliança, a mulher que "se entrega" a

(1) Deve-se observar que os desejos incestuosos dos pais para com os filhos estão, invariavelmente, dirigidos aos caçulas, o que confirma o fato destes últimos corporificarem o grande trunfo familiar.

(2) Lévi-Strauss, C. Les Structures Élémentaires de la Parenté. Paris: Mouton, 1967.

um homem por conta própria esvazia-se enquanto elo conector e comunicador entre famílias. Este argumento assume um significado especial - e, num certo sentido, exagerado - quando transportado para o universo cultural focalizado por Nelson Rodrigues. E isto porque as representações dos personagens masculinos só comportam, no que respeita às filhas solteiras, dois modelos de mulher: ou ela é virgem, ou é puta. Isto é, a perda da virgindade a converte, automaticamente, em puta. Esta passagem está dramatizada, de forma exemplar, em Sete Gatinhos, onde nem mesmo a maternidade redime Silene de seu "pecado". E ao ser definida como puta - isto é, como uma mulher de sexualidade livre e, por definição, não regulamentada - ela impossibilita a construção de sua própria identidade enquanto signo, inviabiliza alianças intergrupais e, por consequinte, exclui a família do circuito de trocas matrimoniais.

Estas observações conduzem a um universo sócio-cultural que, além de revelar uma rigidez na ideologia referente ao gênero feminino, está organizado de acordo com o dispositivo da aliança. Segundo esta lógica, os indivíduos importam prioritariamente para colocar grupos em relação - em contraste com o dispositivo da sexualidade,¹ no qual o "indivíduo sujeito-moral" constitui a norma e orientação supremas. Em uma palavra, o valor imputado à virgindade remete para um código moral no qual a lógica do indivíduo, bem como a das relações inter-individuais, está subordinada aos desígnios e interesses do grupo.

(1) Foucault, M. História da Sexualidade: A Vontade de Saber, 4ª ed., Rio de Janeiro, Graal, 1982

A questão da infidelidade feminina guarda alguns pontos de contato com a quebra do tabu da virgindade. Em ambos os casos a mulher faz uso de sua sexualidade para afirmar-se como um valor individual em si mesmo às expensas da unidade familiar. Através de sua infração, ela afronta e mina a hierarquia "natural" estruturadora de sua própria família, na medida em que exercita sua sexualidade à revelia do poder do patriarca - quando não, contra ele.¹

A partir do que foi dito acima, podemos sugerir que os dilemas rodrigueanos dramatizam princípios básicos das culturas mediterrâneas, as quais atribuem ao homem a função de zelar pelo comportamento sexual de suas mulheres - esposas e filhas - como uma forma de proteger sua própria honra.² Desagua-se, assim, em um tipo de configuração familiar fortemente simbiotizada, na medida em que se considera que a transgressão sexual de um de seus membros contamina a honra do grupo familiar como um todo. A reação dos pais e irmãs de Sete Gatinhos ao saberem da gravidez de Silene exemplifica esta cosmovisão. Mas, ainda que a "poluição" atinja a todos, é o chefe da família que fica numa posição mais vulnerável, por ser a ele delegado o papel de guardião da moral sexual feminina. Em Perdoa-me, por exemplo, a família de Gilberto, ao tomar conhecimento da infidelidade de sua esposa, reage, pelo menos inicialmente, não fazendo a justiça com suas próprias mãos mas pressionando o marido traído para que o faça.

(1) Vale ressaltar que o exercício ilícito da sexualidade feminina nem sempre é feito em nome de um projeto de individuação. Assim é que, em Sete Gatinhos, todas as irmãs mais velhas de Silene se prostituem não só para garantir a sobrevivência econômica da família mas, sobretudo, para salvaguardar a moral familiar corporificada na virgindade da caçula. Nesta medida, estas mulheres fazem uso de sua sexualidade não contra a família, mas por ela. Nesta peça, a prostituição das filhas configura-se assim como uma transgressão "permissível", por estar a serviço de um valor maior - a saber, a própria família.

(2) Pitt-Rivers, J. The Fate of Schechem or the Politics of Sex. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

Neste tipo de contexto moral, do fato de a identidade e a honra masculinas serem definidas via sexualidade feminina decorre que a infração da esposa e/ou filha tematiza, simultaneamente, os limites do poder do homem. Assim é que Nelson Rodrigues descreve Olegário (A Mulher sem Pecado), o fazendeiro Jonas (Álbum de Família) e o Dr. J. B. (Viúva) como sendo, todos, homens muito poderosos: além de ricos, eles têm, em torno de si, um número considerável de pessoas que se subordinam a seus desejos e ordens. Ironicamente, entretanto, os limites de seu poderio e sua impotência real se manifestam, justamente, na família, ou seja, na sua incapacidade de fazer valer sua autoridade sobre as filhas ou esposas. Trechos do diálogo de Dr. J.B. com Pardal, seu redator-chefe, são bastante ilustrativos de alguns dos pontos acima referidos:

J.B. - Responde, eu não sou importante aqui no Brasil? Eu mando e desmando? Ou, pelo contrário, sou um fôsofo apagado?

Pardal - Manda e desmanda! O senhor nomeia até ministro por telefone!

J.B. - Sou então uma potência, Pardal?

Pardal - É uma potência!

J.B. - Mas o pior tu não sabes: eu me sentia tão viralatas, tão pateta que precisava que alguém me esfregasse na cara minha própria identidade. Tens certeza que sou eu mesmo, que eu sou o Dr. J.B. de Albuquerque Guimarães, diretor de A Marreta, o vespertino de maior circulação? Tens certeza?

Pardal - Tenho!

J.B. - Mentira!

Pardal - Mas é verdade!

J.B. - Não tenho força. Nenhuma. Ou, por outra: tenho força para nomear ministros. Teria força para fa

zer sabe o quê?

Pardal - Não!

J.B. - Para montar em ti, meu redator-chefe, ou duvidas?

Pardal - Montar em mim?

J.B. - Imagina: tu, meu semelhante, depositário de uma alma imortal, montado por mim. Deixarias?

Pardal - Sem testemunhas, com prazer.

J.B. - Eu teria força para isso, mas não tenho força para fazer minha filha sentar...

Ainda no que concerne ao valor imputado à fidelidade feminina, cabe considerar mais dois pontos. Em primeiro lugar, no contexto ideológico de tipo mediterrâneo, a dia de esposo/esposa estaria fundada, segundo Pitt-Rivers, em uma "divisão moral do trabalho".¹ Ou seja, a relação marital é postulada como uma relação de troca: ao marido cabe o sustento econômico não só de sua mulher, mas também, com alguma frequência, da família desta. Assim é que um número significativo de casamentos descritos por Nelson Rodrigues é expressamente afirmado como de tipo hipergâmico (isto é, onde existe uma inferioridade de status da família da esposa com relação à do marido) - fato este congruente com a representação do poder masculino sobre a mulher. Esta, em contrapartida, deve estar integralmente referida ao homem e ao lar e, mais do que isso, deve corporificar a virtude moral. Portanto, é cabível interpretar a infidelidade feminina como sendo também o rompimento de uma regra de reciprocidade entre os gêneros.

(1) Pitt-Rivers, J. The Fate of Schechem or the Politics of Sex. Op. cit.,

Em segundo lugar, embora não explicitamente colocado por Pitt-Rivers, podemos postular, como dado constitutivo da cultura mediterrânea, uma extrema rigidez em termos da ideologia que classifica os modelos possíveis do feminino. E, de fato, o universo de representações dos personagens masculinos rodrigueanos comporta apenas dois modelos de mulher-esposa: de um lado, o que se aproxima da Virgem Maria - isto é, o daquela que ultrapassa a oposição virgindade/geração mantendo a integridade do corpo - e, de outro, o da mulher depravada. Com efeito, no limite, até mesmo o exercício da sexualidade lícita - ou seja, dentro do espaço matrimonial consagrado - macula a mulher:

"Sabes o que eu acharia lindo num casamento? Que marido e mulher, ambos, se conservassem castos - castos um para o outro - sempre, de dia e de noite. Já imaginaste? Sob um mesmo teto, no mesmo leito, lado a lado, sem uma carícia? Conhecer o amor, mesmo do marido, é uma maldição"(Olegário, A Mulher sem Pecado).

Nesta fala paroxística, mas não incomum, o exercício da sexualidade feminina é por sua própria natureza predatório e nem mesmo a maternidade é capaz de configurar-se como um elemento de redenção moral. Nesta busca obstinada de um modelo de esposa impossível - o da Virgem Maria -, os maridos rodrigueanos tendem a impor limites extremamente rígidos sobre o que é sexualmente legítimo e permitido entre os cônjuges. Não é por outra razão que Lídia, a esposa de A Mulher sem Pecado, desabafa: "No colégio interno, aprendi mais sobre o amor do que no casamento". Deriva daí também a profunda frustração sexual e afetiva das mulheres no casamento. A fantasia com re

lação à morte do marido é uma marca registrada das espo
sas rodrigueanas e em todas as peças, sem nenhuma exce
ção, elas expressam a impossibilidade de fazer vingar uma
relação amorosa dentro do espaço conjugal. Decorre daí
que, não raro, é somente no papel de amante que a mulher
é capaz de ultrapassar sua suposta frigidez (A Falecida)
e/ou descobrir sua sexualidade.

Parece plausível interpretar a oposição entre a cosmovi
são que se expressa na fala masculina e aquela que se
consubstancia nas infrações femininas como a dramatiza
ção de dois tipos ideais de relacionamento entre gêneros
e/ou de configuração familiar. De um lado, teríamos o
modelo que enfatiza as diferenças hierarquicamente orde
nadas e que prega, ao mesmo tempo, a prevalência do gru
po sobre seus membros. De outro, aquele que, afirmando-
se através da transgressão sexual feminina, ensaia a va
lorização do "eu" em detrimento do todo. Para concreti
zar este anseio de individuação faz-se necessário um rom
pimento com o próprio núcleo familiar em virtude de ser
ele, por definição, voraz e intolerante para com os
eventuais movimentos de singularização de seus membros.

A violação do tabu do incesto merece um exame à parte e
a radicalidade desta situação em Álbum de Família rea
firma, inclusive, hipóteses já esboçadas. A família re
tratada nesta peça revela-se como um grupo tão fechado em
si mesmo que impossibilita a saída de seus componen
tes. O único filho que se casa - e, nesse sentido, que ousa
uma relação com o de fora - mostra-se incapaz de manter
relações sexuais com a esposa em virtude de sua fixa
ção na figura materna. Constituído-se como um mundo
hobbesiano dentro de seus próprios limites, este núcleo
atualiza a infração dos tabus os mais arraigados: entre

pais e filhos e entre irmão e irmã. Nesta medida, a peça narra a história de uma família que se recusa a estabelecer alianças com os de fora e, exatamente por isso, está fadada à morte. E, de fato, Álbum de Família dramatiza, de forma absoluta, a associação entre incesto e morte: Guilherme assassina sua irmã e depois suicida-se; Edmundo mata-se na frente da mãe e D. Senhorinha mata o patriarca Jonas. No fim, restam apenas a mãe e seu filho Nonô, cuja doença mental é explicada, justamente, pela consumação da ligação incestuosa com a mãe. O desfecho final anuncia que D. Senhorinha deixa a casa e junta-se "ao filho louco na mata para incorporar-se a uma nova vida". Este evento reitera, metaforicamente, que o incesto implica a exclusão da família de qualquer circuito de trocas e da própria Cultura, coroando, por conseguinte, sua morte social.

Podemos propor, contudo, a plausibilidade de uma outra leitura de Álbum de Família. Nesta narração a família realiza e consoma, através das ligações incestuosas no seu interior, a voracidade encompassadora que constitui a tônica dominante de todas as famílias retratadas pelo Dramaturgo. Dito de outro modo, a promiscuidade sexual dentro dos limites da própria célula conjugal pode ser interpretada como um recurso que alude, de modo paroxístico, ao movimento anulador das individualidades que caracteriza todas as famílias rodrigueanas. Seguindo este argumento, a "explicação" para o incesto não deve ser buscada nos impulsos mais recônditos da natureza humana, como sugeriria Freud, e nem a tragédia exposta em Álbum de Família deve ser vista como pondo em cena personagens anteriores à Lei e a Civilização. Ao contrário, seriam os traços culturais particulares a este tipo de configuração familiar que elucidariam e confeririam sentido às

ligações incestuosas no seu interior.

IV. OUTROS PERSONAGENS, OS MESMOS DRAMAS

Ainda que o enredo principal focalize preferencialmente relações atualizadas na família elementar, dele também participam outros personagens, os quais, embora ocupando um plano aparentemente secundário na trama, devem ser considerados na medida que iluminam, e completam, a compreensão da moral característica do grupo familiar. Das tas figuras externas à célula conjugal e que recorrente mente aparecem em cena, cumpr de staca car, co mo as ma is significativas, a parentela da família focalizada, os es pecialistas do corpo e da mente (isto é, médicos e psica nalistas), a prostituta e, por último, o amante da espo sa ou da filha. O exame do significado de que se reves te este último personagem será feito no próximo tópico.

O grupo mais amplo de parentes - ou seja, os membros das famílias de origem do casal - tem uma presença constante no drama. Na grande maioria das peças observa-se que à célula conjugal acrescentam-se outros parentes que coa bitam sob um mesmo teto. Dentre estes agregados, a figu ra ma is co mum é, sem sombra de dúvida, a da "tia soltei rona" - geralmente a irmã mais velha da esposa. Cabe fixar que, à exceção de A Mulher sem Pecado - onde, além da mãe e do irmão mais novo da esposa, habita também na casa a genitora do marido - todos os membros da parente la que se juntam ao casal são provenientes da família da mulher. Este fato referenda o caráter hipergâmico dos casamentos e, além disso, desvela mais um aspecto da re lação de troca neles estabelecido - qual seja, o de que, do ponto de vista da família da mulher, "troca-se" a filha - notadamente a mais nova - pelo sustento e amparo

de parte de sua parentela.¹ Daí deduz-se também que o homem não casa apenas com a mulher que supostamente escolheu, e sim com todo um conjunto de elementos femininos "desgarrados" - isto é, sem homens. Portanto, embora seja o homem que conceda o sobrenome à esposa e o abrigo aos seus parentes, é ele que, num certo sentido, é o atraído para a família dela.

Entretanto, estas tendências descrevem os aspectos mais rotineiros da organização das relações de parentesco. Momentos mais dramáticos - como, por exemplo, a eclosão de uma crise conjugal - são cruciais para a análise por quanto revelam outros princípios ordenadores da dinâmica familiar. Com efeito, em situações críticas, os parentes - mesmo quando não coabitando sob um mesmo teto - são invariavelmente convocados, ou apresentam-se espontaneamente, para resolver o dilema. Nestas ocasiões, a importância fundamental das relações de consangüineidade aflora de modo contundente: a parentela feminina é acionada quando o problema diz respeito à mulher (ver A Falecida) e a masculina, quando a questão concerne ao homem.

Tomemos uma das passagens de Perdoa-me: depois da estadia de Gilberto em um sanatório psiquiátrico, sua mãe, seus dois irmãos e ainda um tio entram em sua casa para contar-lhe que sua esposa o traía. Nesta cena, a mãe de Gilberto pede que a nora se retire da sala alegando que "este é um assunto particular que só interessa a nós, a Gilberto e a mais ninguém". Esta passagem demonstra que

(1) Em A Mulher sem Pecado o genro acusa explicitamente a sogra de ter-lhe "vendido" a filha.

a infidelidade feminina é tomada como um ultraje que transborda a família conjugal. Ou seja, anuncia-se uma espécie de "efeito propagador da desonra" que contamina todos aqueles que partilham de uma mesma identidade substantiva - isto é, que possuem o mesmo sangue. Olhando sob um outro prisma, mais uma vez é reiterado o caráter avassalador das famílias retratadas: a mulher é englobada pelo homem, por sua própria família de origem e, ainda, vive sob a mira dos parentes do marido. Aos personagens masculinos não se reserva destino muito diferente, posto serem eles próprios abarcados por seu núcleo de origem e, num certo sentido, também pelo de sua esposa.

O exame destas questões leva a concluir que a família elementar não se afirma como uma unidade atomizada. Ao contrário, ela é uma instituição contida, e premida, em um sistema mais amplo de relações familiares. A presença constante e marcante destas teias de parentesco deixa transparecer a vigência de uma ordem onde o todo prevalece sobre as partes e as relações sobre os elementos. Em uma palavra, neste tipo de contexto moral, tudo concorre para que o indivíduo não se singularize, e para que a família não se nuclearize.¹

Os médicos e/ou psicanalistas formam uma espécie de franja que envolve a célula conjugal, ou mesmo a própria parentela, e sua presença invariável nos dramas atesta a posição de dependência da família para com estes agentes normalizadores. De fato, diante da impossibilidade de fazer valer, de forma efetiva, a autoridade do patriarca, a família recorre a uma autoridade externa, à dos es

(1) Com a idéia de família nuclear pretende-se denotar uma família individualizada, isto é, marcada pela independência e ausência de relações significativas com outros parentes.

pecialistas, na esperança de que estes sejam capazes de organizar o caos familiar. Como não poderia deixar de ser, a expectativa de intervenção disciplinar recai, justamente, sobre o domínio mais carregado de significação para a família: o da sexualidade feminina.

Esta linha de interpretação é plenamente confirmada pelo personagem Dr. J.B., o pai de Viúva. Ao convocar o otorino, o psicanalista, a puta e o diabo - segundo ele, "todos técnicos em sexo" - para que solucionem a recusa obstinada de sua filha em sentar-se, ele assim se justifica:

"Eu chamei vocês porque tenho mania de especialistas. Quando minha filha casou, toda sua primeira noite, de fio a pavio, foi orientada por especialistas (...) Agora, na sua viuvez, eu recorro novamente aos técnicos".

Só que, ao invés de sanarem o mal, os especialistas perpetuam, quando não sucumbem, eles próprios, à "doença" da família. Apesar de resistir, num primeiro momento, à proposta do Sr. Noronha, o Dr. Bordalo acaba prevaricando com Silene e por isso se suicida (Sete Gatinhos). O médico e o psicanalista de Viúva - ainda que inicialmente escudados em sua isenção técnica - logo confessam suas taras secretas; ambos mantêm relações sexuais com a viúva, sendo que o psicanalista faz o mesmo com Madame Cri-Cri, a ex-cocote. Em síntese, o núcleo doméstico, além de revelar-se como indomável a qualquer tipo de intervenção disciplinadora, dispõe da capacidade de envolver e fazer aflorar a "loucura" dos próprios agentes técnicos, convertendo-os em partes integrantes do bordel familiar.

Existe uma faceta da puta que permite colocá-la lado a

lado com os mencionados especialistas. Além de serem vistos, como sugere J.B., como "técnicos do sexo", Madame Cri-Cri - a velha polaca - insiste em estabelecer comparações entre sua atividade e a do psicanalista:

"Nós dois tratamos de sexo. Eu no meu casa, o Dr. no consultório (...). O sexo nosso ganha-pão, o nosso mina (...). Você usa o divã, eu uso o cama."

A capacidade saneadora e ordenadora da meretriz também pode ser estabelecida por outras vias: ao oferecer-se para satisfazer sexualmente aos homens, ela salvaguarda, potencialmente, a virtude moral das "mulheres direitas" - as virgens e as casadas. Em termos ideais, portanto, estas imagens do feminino se cindiriam e estariam compartimentadas, cada qual em um pólo e em um espaço opostos e auto-excludentes. Não obstante, as mulheres rodrigueanas boicotam insistentemente esta organização, fornecendo a todo momento indícios que conduzem a uma matização - quando não a uma efetiva confusão dos limites que demarcam estas imagens do feminino.

Tomemos, em primeiro lugar, os domínios sócio-espaciais correspondentes a cada uma dessas figuras paradigmáticas de mulher: o lar e o bordel. Embora exista um forte empenho para estabelecer fronteiras rígidas entre estas esferas, elas se mostram, na realidade, bastante tênues e imprecisas. De um lado, o espaço doméstico é, por vezes, literalmente convertido em um prostíbulo: Jonas (Álbum de Família) "compra" virgens para deflorá-las em sua própria casa e o Sr. Noronha consuma a identificação entre estes espaços de forma limite, prostituindo todas as suas cinco filhas.¹ De outro, o bordel assemelha-se a um

(1) Ainda que nestes exemplos sejam os homens os autores da conversão da casa em bordel, cabe lembrar que esta é uma atitude reativa, por parte de ambos, ao "pecado" sexual de suas mulheres - filhas e/ou esposas.

lar no sentido de que seus clientes são aí tratados de forma altamente pessoalizada, quando não maternal:¹ Madame Luba (Perdoa-me), por exemplo, tem sempre à mão "a coramina do velho deputado, o Dr. Jubileu".

Em segundo lugar, cabe mencionar a forte identificação da "mulher direita" com a puta. Esta situação, paradigmaticamente retratada na relação de Alaíde com Madame Clessy (Vestido de Noiva), é reiterada tanto no desejo manifestado por algumas tias solteironas de "ter 3.500 amantes" (Tia Assemblêia, Viúva) quanto na atração que os prostíbulos exercem sobre as adolescentes (Perdoa-me).

Não resta dúvida de que esta identificação encobre o anseio feminino de poder exercer sua sexualidade livremente. Mas pode-se avançar nesta interpretação se se pensar a puta como uma mulher que se constitui num valor individual - isto é, que não se define por nenhum valor do dispositivo da aliança, que não é mediadora entre famílias e que não guarda nenhuma referência ao seu grupo familiar.² Nesta medida, ela corporifica a mulher-indivíduo que se define, e se afirma, apenas por sua sexualidade.³ Segundo este argumento, pode-se concluir que a atração da "mulher direita" pela puta evoca também seu anseio de libertar-se das teias da família e do parentesco para afirmar-se como um ser independente e auto-referenciado.

(1) A pessoalização das relações seria, segundo Da Matta, a característica singularizadora do espaço doméstico por oposição ao da rua.. [Da Matta, Carnavais, Malandros e Heróis. Op. cit.].

(2) É interessante observar, nesse sentido, que as velhas putas rodri gueanas são invariavelmente estrangeiras - fato este que assinala sua libertação, inclusive, dos laços e espaços originais.

(3) Esta forma de interpretar a puta está sugerida em Abreu, O. "Dona Beija: Análise de um Mito". Em Perspectivas Antropológicas da Mulher, nº 3, Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

V. A SAÍDA, ONDE ESTÁ A SAÍDA?

Se é verdade que na dramaturgia rodrigueana não há saída possível dentro da estrutura familiar, é fato também que nenhuma de suas peças termina com um "final feliz", havendo, quando muito, apenas uma promessa virtual de salvação. De qualquer forma, como veremos a seguir, os ensaios de alternativas serão sempre ousados pelas mulheres, talvez por serem elas, relativamente aos homens, as mais englobadas pelo grupo familiar.

A figura do amante cristaliza o primeiro tipo de saída. Do ponto de vista do grupo familiar, ele é um elemento disruptivo por excelência, mas, sob a ótica da mulher, ele é vislumbrado como uma possibilidade por meio da qual ela pode exercitar-se como sujeito. O encontro entre amantes, pensado paradigmaticamente, estipula uma união de dois indivíduos libertos de laços sociais e que, enquanto tal, só têm compromisso com suas escolhas e desejos.¹ E ainda, enquanto concubina, a mulher é "a outra", ocupando, portanto, um espaço periférico ao mundo familiar ao qual seu amante pode ser atrelado.

Esta alternativa, entretanto, não está imune a percalços: se o final de A Mulher sem Pecado sugere uma possibilidade de libertação com a fuga da esposa de Olegário com o motorista da casa, as protagonistas de A Falecida e de Perdoa-me se matam, ou se deixam matar, como que para expiar o ato da traição. Além disso, ao mesmo tempo que esta saída é voltada contra um homem (pai ou marido), ela pressupõe, para se efetivar, um outro homem e, apesar das diferenças assinaladas, nada garante que a situação anterior não torne a se repetir.

(1) Ver a respeito Viveiros de Casto, E. e Benzaquem de Araújo, R. "Romeu e Julieta e a Origem do Estado". Em Velho (org.), Arte e Sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

É talvez prevendo a provável reprodução da história vi vida que as mulheres acionam um segundo tipo de solução corporificada na recusa do elemento masculino enquanto pater e, eventualmente mesmo, enquanto genitor. O assas sinato do Sr. Noronha e também o de Bibelot (que era, si multaneamente, amante de uma das irmãs e pai da criança de Silene) cometidos pelas mulheres de Sete Gatinhos rea liza o modelo de uma família exclusivamente feminina. Os tiros desferidos por D. Senhorinha em Jonas, seu marido (Album de Família), consoma o modelo de uma relação in cestuosa entre a mãe e o filho louco. A radicalidade im plicada nestas saídas é evidente: mais do que homens, es tas mulheres matam a possibilidade da reprodução da pró pria família...



SOBRE A PAIXÃO

JOEL BIRMAN

SOBRE A PAIXÃO *

JOEL BIRMAN **

RESUMO

O autor delinea a problemática da paixão no discurso freudiano, assinalando a especificidade da sua elaboração teórica tendo como contra ponto o saber psiquiátrico. Assim, é destacada a posição fundamental ocupada por esta questão na constituição da psicanálise e as transformações imprimidas na sua abordagem conceitual no pensamento de Freud.

I. INTRODUÇÃO

Pretendo, da perspectiva da psicanálise, falar da inserção da paixão na experiência do sujeito. É desse lugar que farei alguns breves comentários sobre este tema. O que significa dizer que é da posição de um saber que se sustenta numa experiência intersubjetiva que estes comen

(*) Comunicação apresentada no IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, Águas de São Pedro/SP - 1984 (Grupo de Trabalho sobre Sexualidade e Reprodução, coordenado por Maria Andréa Loyola) e publicada nos Anais do IV Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, Vol. 1, out. 1984.

(**) Professor do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

tários se formalizam.

Tal experiência pode ser caracterizada como a que se estabelece entre alguém que se posiciona como suporte ao reconhecimento de uma paixão até então indizível, oferecendo sua escuta ao apoio de um outro que se encontra numa situação crucial, ou seja, nos limites da perda de seus emblemas identificatórios. Definimos, assim, o eixo fundamental do processo analítico, na circularidade entre a paixão e o verbo e, como condição de possibilidade, este elemento específico da sua demanda. Somente a presença de uma situação limite de dilaceramento psíquico é capaz de levar alguém a formular um apelo existencial desta ordem. E esta seria a condição para se realizar um processo de análise enquanto experiência radical.

Neste contexto, a paixão vai se circunscrever de uma maneira particular e seu desenho passa a revelar as marcas produzidas nesta relação intersubjetiva. Com isso afirmamos que a psicanálise se apresenta como um dos discursos sobre a paixão e não constitui a única formulação legítima sobre a paixão. Porém, representando uma experiência radical entre dois sujeitos, que estabelecem uma relação muito singular dentre as diferentes relações sociais, a psicanálise tem um legado original sobre a paixão na nossa tradição cultural.

II. O PROCESSO PSICANALÍTICO E O LUGAR PARADOXAL DA PAIXÃO

Consideremos esquematicamente esta relação na sua particularidade. Para isso, devemos destacar alguns paradoxos cruciais que perpassam o pensamento freudiano quando a paixão entra em cena ocupando um espaço ambíguo. Ambí

güidade entre paixão e amor, dois pólos que se configu-
ram como excludentes na relação do sujeito com o outro,
ou figuras limites que marcam a cadência desta relação
numa oscilação interminável. Ou, então, ambigüidade en-
tre paixão e verdade, que se apresenta como uma polarida-
de excludente na experiência subjetiva, ou figuras que
se contrapõem permanentemente na busca de reconhecimento
do sujeito, de maneira a se exigirem reciprocamente.

Não pretendemos responder imediatamente a estas indaga-
ções mas circunscrevê-las lentamente, de maneira a nos
aproximamos da dimensão paradoxal presente na relação
entre psicanálise e paixão. Se entre psicanálise e pai-
xão não existe qualquer possibilidade de uma formação de
compromisso, no sentido psicanalítico do termo,¹ isto
não implica que a paixão deva impossibilitar a constitui-
ção do processo analítico, nem que a psicanálise deva si-
lenciar a paixão para que aquela possa existir como um
saber intersubjetivo. Ao contrário, pois se considerar-
mos que a psicanálise estabelece uma relação de fundação
com a paixão, a articulação entre ambas é de tensão. Es-
ta tensão é permanente e interminável na medida em que
perpassa o processo analítico como uma totalidade e se
formaliza nesta estrutura fundamental do processo analí-
tico que é a transferência.

Neurose de transferência: assim se referia Freud à figu-
ra básica que se constituiria no transcórrer do processo
analítico e que possibilitaria a interpretação da neuro-
se originária do analisando.² Psicose de transferência,

(1) Freud, S. Introduction à la psychanalyse. (1916-1917). Capítulo
XXIII. Paris, Payot, 1976.

(2) Freud, S. Remémóration, répétition et élaboration (1914). In: Freud,
S. La technique psychanalytique. Paris, Press Universitaires de
France, 1972, p. 113-114.

além disso, acrescenta uma das tendências do pensamento psicanalítico moderno, para circunscrever novas facetas desta repetição no cenário da análise da estrutura psíquica do demandante.¹ Assim, a descoberta psicanalítica se delinea pela constituição de uma experiência intersubjetiva singular que se transforma numa forma específica de saber, de maneira que a dimensão transferencial desta experiência é a sua maior inovação, sendo o caminho privilegiado para a constituição de um saber sobre a sexualidade, isto é, sobre os destinos das pulsões e seus impasses. Neste contexto, a figura do amor transferencial² não é apenas o paradigma epistemológico do conceito de transferência, mas, além disso, a fonte inesgotável para a comprovação das assertivas do discurso teórico sobre a sexualidade.

Esta formulação indicaria uma tautologia? Ou, ao contrário, não seria a prova cabal de que o discurso analítico somente pode existir, de fato e de direito, como uma interpretação das vicissitudes desta experiência intersubjetiva? Evidentemente, me inclino para esta segunda alternativa, que nos indica a única possibilidade de nos afastar de uma vertente da psicanálise que transforma esta, cada vez mais, numa pedagogia do sexo e do amor, e que assim se constitui pelo deslocamento do seu discurso para o exterior do seu espaço intersubjetivo de validade, indo parasitar uma infinidade de relações no espaço social.

(1) Rosenfeld, H.A. Os estados psicóticos (1965). Rio de Janeiro, Zahar, 1968.

(2) Freud, S. Observation sur l'amour de transfert (1915). In: Freud, S. La technique psychanalytique. Op. cit., p. 116-130.

Contudo, se a transferência é o eixo fundamental do processo analítico, ela não constitui a única dimensão do ato psicanalítico. Com efeito, se neste se pretendesse apenas o desaparecimento dos sintomas e das anomalias psíquicas, o efeito curativo da transferência seria suficiente. Nós sabemos que Freud sempre recusou este caminho fácil para o desdobramento da psicanálise, o que implicaria em restringi-la a uma forma de sugestão¹ e, com isso, deixar de considerar uma dimensão fundamental da loucura. Com efeito, para o discurso freudiano as estruturas psicopatológicas são formas do sujeito falar a verdade,² são maneiras do sujeito dizer algo sobre o sentido singular de sua história. Por isso mesmo, não basta fazer desaparecer o desconforto mental, mas possibilitar que o sujeito fale de maneira plena, mesmo que isso implique temporariamente no aumento do seu sofrimento psíquico.

Nesta perspectiva, não se balizando pela idéia de cura mas pretendendo a restauração do sentido singular de uma história, a psicanálise procura criar as condições para o restabelecimento desta verdade. Por isso mesmo, a psicanálise é uma forma de interpretação, sendo esta dimensão do ato psicanalítico o contraponto sistemático da transferência. Entre transferência e interpretação circula a aventura psicanalítica, sendo a interpretação o meio pelo qual a energética pulsional se desloca para o registro da palavra. Então, o ato psicanalítico preten

(1) Sobre isto, vide: Freud, S. De la psychothérapie (1905). Idem, p. 10-14; Freud, S. Conseils aux médecins sur le traitement psychanalytique (1912). Idem, p. 61-71; Freud, S. Le début du traitement (1913). Idem, p. 80-104; Freud, S. La dynamique du transfert (1912). Idem, p. 50-60.

(2) Freud, S. Deuil et mélancolie (1917). In: Freud, S. Métapsychologie. Paris, Gallimard, 1968, p. 152-155.

de inscrever a força pulsional no plano do discurso, restaurando como palavra aquilo que era, até então, efervescência indizível.

Porém, a interpretação não é apenas um instrumento do analista, uma forma de tradução no qual este formaliza em palavras o que o analisando coloca em atos na transferência.¹ Ora, para que a relação intersubjetiva seja efetiva, é necessário não apenas que o analista esteja implicado na transferência como também que a interpretação se articule entre as duas figuras da relação, como uma mediação que explicita os posicionamentos das figuras. Enfim, o prefixo inter da palavra interpretação sublinha o alcance intersubjetivo do saber psicanalítico, da mesma forma como no ser da pulsão está marcado esta articulação entre o psíquico e o somático.

A dimensão passional da relação analítica é bastante evidente nos termos em que ela está sendo aqui esboçada, e isto não apenas para o analisando como também para o analista, já que este se vê questionado em cada experiência transferencial na totalidade do seu saber psicanalítico. Porém, procurando transcender este quadro de referência para apreender no fundamental o que representa a oposição transferência/interpretação, podemos circunscrever a partir daí o paradoxo entre psicanálise e paixão. Com efeito, este paradoxo se centra entre algo que abre espaço para acolher a paixão e reconhecer a sua presença no centro da experiência da loucura, mas que, para realizar este reconhecimento, precisa retomar a paixão no plano do discurso. Enfim, é preciso que a pulsão fale, que a

(1) Freud, S. Rémémoration, répétition et élaboration (1914). In: Freud, S. La technique psychanalytique. Op. cit.

força que ela representa se inscreva no registro simbólico.

Se os fantasmas da sedução e da castração ocupam um lugar tão destacado no saber psicanalítico isto se deve, sem dúvida, a este paradoxo entre psicanálise e paixão, isto é, entre algo que ataca a "fera" que estava subjacente ao sofrimento psíquico mas que, em contrapartida, demanda a sua inscrição no registro da palavra. Assim, se ao convidar à explosão pulsional na transferência a psicanálise legitima a paixão, a sua interpretação ordena a irrupção desta, não a satisfazendo mas mantendo a sua demanda em aberto. Neste paradoxo se reproduz a natureza dualista da pulsão, que é ao mesmo tempo energia e exigência de simbolização.

Da mesma maneira, podemos interpretar duas representações históricas da psicanálise destacando esta articulação com a paixão. Assim, se no começo do século a psicanálise foi representada como 'pansexualista' isso se deve ao relevo conferido à instigação das pulsões que ela realizaria, não se considerando nesta perspectiva que este procedimento era o meio pelo qual o sujeito emergia para a sua verdade. Se na atualidade a psicanálise é representada como uma forma de 'normalização sexual' isso se deve, por outro lado, as tentativas de ruptura deste paradoxo entre psicanálise e paixão, em que se evita a convivência com a explosão passional tão logo a "fera" seja despertada, por seu rápido ordenamento num discurso pedagógico-moralista.

Portanto, a dificuldade que impõe a situação analítica é justamente a de conviver com este paradoxo, qual seja, em abrir as fendas do ego para a irrupção da paixão e

deixá-la falar de maneira interminável, sem satisfazê-la, pois a sua retomada pelo sujeito no plano discursivo implica em que este deva dar inevitavelmente um destino à paixão despertada pela transferência. Com isso, a psicanálise devolve ao sujeito o encargo de conviver integralmente com a sua paixão com todos os riscos que isso implica, isto é, com o seu fascínio e os seus impasses.

III. PSICANÁLISE E PAIXÃO: REPRESENTAÇÕES DO PARADOXO

Considerando o ordenamento desta problemática no plano do processo analítico, retomemos agora alguns temas centrais do pensamento freudiano de maneira que possamos destacar sinais importantes desta tensão entre psicanálise e paixão, procurando sublinhar sempre a dimensão de paradoxo que define esta relação. Com este objetivo vamos discutir inicialmente a relevância desta questão com a constituição histórica do campo psicanalítico, marcando por este viés a inovação da psicanálise face à psiquiatria. Em seguida, vamos retomar os destinos da paixão no processo analítico, estabelecendo a sua relação com o narcisismo e seus efeitos na relação com o outro. Finalmente, vamos considerar este paradoxo no conceito fundamental do discurso psicanalítico, qual seja, a noção de pulsão.

1. Psicanálise, paixão e experiência da loucura

A paixão é a matéria prima do discurso analítico, pois é em torno do ser da paixão que a psicanálise se estrutura como experiência e como saber. Por isso mesmo, a paixão nunca se transformou num conceito básico do saber analítico na medida em que é a condição de possibilidade da

totalidade deste discurso. Desta maneira, Freud nunca definiu a paixão num sentido determinado, mas retomou-a no seu significado mais comum. Assim, o seu modelo é a **paixão amorosa**, sendo esta caracterizada como uma experiência de fascínio pelo outro na qual este é destacado como um objeto único e insubstituível. Em contrapartida, fariam parte também da experiência passional os desdobramentos de suas impossibilidades: ódio mortal pelo outro, desilusões e mortificações.

Para definirmos rigorosamente o lugar da paixão na experiência inaugurada por Freud seria suficiente evocar a ruptura teórico-clínica que este realizou com a tradição de Charcot, no final do século XIX. Esta ruptura se formalizou inicialmente num trabalho transformador sobre a figura da histeria. Neste particular, não me refiro apenas à superação de uma concepção médica do corpo na qual este era representado como sendo somente anátomo-funcional, partindo Freud para definir a existência de um **corpo representado** e de um **corpo erógeno** como suportes para a interpretação da histeria.¹ A construção conceitual destas outras representações do corpo se tornaram possíveis pela restauração do sujeito na histeria através da linguagem. Porém, o que pretendo sublinhar nestes primórdios do pensamento psicanalítico é que esta transformação se realizou pelo destaque que foi conferido à **fase passional** da denominada crise histérica, erigida, então, como momento de emergência da verdade na histeria.

(1) Sobre isto, vide o nosso trabalho: Birman, J. Repensando Freud e a constituição da clínica psicanalítica. In: Tempo Brasileiro. Número 70. Rio de Janeiro, 1982, p. 40-96.

Assim, enquanto que para Charcot a fase passional era somente uma dentre as quatro fases na descrição clínica da crise histérica, Freud se volta de maneira exclusiva para delimitar a experiência passional, já que seria nesta que o sujeito estaria enunciando a sua verdade.¹ Penetrando nesta experiência, permitindo ao sujeito circular na sua tessitura e disso falar, Freud descobre a presença de um cenário erótico e traumático: cenas de sedução, recordações de amores fracassados, paralisações em prazeres interditos e impossibilidades de gozo.² Vale dizer, foi pelo destaque conferido à paixão histérica que o pensamento freudiano pode constituir as figuras do corpo erógeno e do corpo representado e, através destes, restituir à histeria o seu estatuto de verdade. Enfim, seria especificamente neste sentido que a paixão pode ser legitimamente considerada como a matéria prima da psicanálise.

Esta positivação atribuída à paixão tem um grande alcance histórico-epistemológico, pois marca a inovação da psicanálise face ao saber psiquiátrico do século XIX, no qual a paixão era representada como tendo virtudes negativas e definida como a causa básica da alienação mental desde Esquirol.³ Por isso mesmo, ela tinha que ser combatida pelo tratamento moral. Invertendo esta tradição o discurso freudiano confere não apenas um estatuto positi

(1) Freud, S., Breuer, J. Les mécanismes psychiques des phénomènes hystériques (1893). In: Freud, S., Breuer, J. Études sur l'hystérie (1895). Paris, Press Universitaires de France, 1971.

(2) Sobre isto, vide: Freud, S. Les psychonévroses de défense (1894). In: Freud, S. Névrose, psychose et perversion. Paris, Press Universitaires de France, 1973; Freud, S. L'étiologie de l'hystérie (1896). Idem; Freud, S. Nouvelles remarques sur les psychonévroses de défense (1896). Idem; Freud, S., Breuer, J. Études sur l'hystérie. Op. cit.

(3) Esquirol, J.E.D. De la folie. In: Des maladies mentales. Volume 1. Paris, J.B. Baillière, 1838.

tivo à paixão, considerando nesta aquilo que foi impossibilitado de existir e com isso produzindo as mais diversas formas de neurose e de psicose, como também indicando um lugar para a sua restauração: o espaço psicanalítico. Portanto, com o pensamento freudiano a paixão é readmitida na experiência intersubjetiva, equivalendo isso à restauração simbólica da experiência da loucura que fora silenciada no imaginário social com o advento da "revolução psiquiátrica" na aurora do século XIX.¹

Sendo porém o suporte de uma experiência para que o sujeito faça a assunção da sua verdade singular, caberia no ato psicanalítico criar as condições para a enunciação desta paixão. Seria a impossibilidade de sua enunciação que teria levado ao recalque da paixão no momento mítico da constituição da neurose, se impondo agora a reversão deste processo, deixando a paixão existir e o sujeito poder dela falar.

As razões disso são evidentes, pois a psicanálise se constitui como uma prática voltada para a resolução clínica da loucura. Vale dizer, a psicanálise se constitui como um método de deciframento das estruturas psicológicas, no qual a idéia fundamental é que o reconhecimento da paixão subjacente à loucura e a explicitação do seu sentido seria a condição de possibilidade de sua resolução clínica.

Nesta perspectiva, podemos destacar a existência de dois eixos lógico-temporais no processo analítico: inicialmente

(1) Foucault, M. Histoire de la folie à l'âge classique. Paris, Gallimard, 1972, 3ª parte, capítulos III e IV.

te, caberia destacar a presença da paixão no sujeito, para reconhecer a sua existência através da experiência intersubjetiva e, num segundo momento, caberia superar os obstáculos que impedem a sua circulação, para dar livre curso às pulsões que se encontram imobilizadas. Para isso, contudo, a paixão é retomada como discurso, com todos os efeitos que isto pode implicar. Assim, com o deciframento da paixão existe o risco de se produzir o seu esvaziamento, isto é, a sua transformação em amor banal.¹

Reencontradas neste contexto, portanto, o paradoxo psicanálise/paixão, no qual a restauração do sentido da paixão traz em contrapartida o risco do seu fim. Situa-se neste registro certos impasses estruturais, que se constituem ao longo de qualquer análise, quando este risco se coloca como possível na fantasia do analisando: 1. A resistência que surge inevitavelmente nestes momentos; 2. A transformação da transferência positiva em negativa, como estratégia para permitir a sobrevivência da paixão, que se apresenta seja como paixão amorosa pelo analista seja como desejo de seu aniquilamento.²

Estes movimentos indicam que o analisando é muito cioso de sua paixão e de seus sintomas, orgulha-se destes apesar do sofrimento mental que eles podem também provocar e que foi a razão de ser da busca da análise. Porém, estes movimentos são compreensíveis se considerarmos que a

-
- (1) Como Freud afirmara, de maneira análoga, ao considerar os efeitos do processo analítico sobre o sofrimento psíquico: "... transformar sua miséria histérica numa infelicidade banal. Com um psiquismo sadio vocês serão mais capazes de lutar contra esta última". Freud S. *Psychothérapie de l'hystérie*. In: *Études sur l'hystérie*. Op.cit. p. 247.
- (2) Sobre isto, vide: Freud, S. *La dynamique du transfert* (1912). Op. cit.; Freud, S. *Remémoration, répétition et élaboration* (1914). Op. cit.; Freud, S. *Observations sur l'amour de transfert* (1915). Op. cit.

inscrição da paixão no registro simbólico atualiza o fantasma da castração.

2. Paixão e sentido: do ego ideal ao ideal do ego

Esta primeira dimensão do paradoxo remete a uma outra que já se encontra anunciada no tópico anterior. Podemos formular de maneira esquemática como sendo a oposição entre **paixão e sentido**. Assim, se a loucura revela o sentido singular da história do sujeito, esta verdade apenas pode se enunciar com a explicitação da paixão até então silenciada. Porém, a paixão não remete a si mesma, mas é a condensação dramática de um conjunto de posições identificatórias do sujeito que cabe decifrar na sua multiplicidade. Neste processo, o sujeito se desbarata enquanto pretensão de unidade centrada no seu ego e apresenta como essencialmente clivado (Spaltung). Enfim, se a experiência analítica inaugura algo original sobre o sujeito que rompe com a representação deste na tradição clássica, esta inovação se situa justamente nesta quebra da unidade e na formulação de um sujeito desde sempre fragmentado em pulsões e em identificações.¹

Entretanto, cabe assinalar por onde passa a experiência da paixão na análise. Nesta, o analisando é colocado numa posição singular: tudo falar, mesmo aquilo que aparentemente não tenha qualquer importância. Esta é a regra das associações livres. Se com isso, inicialmente, o analisando se sente totalmente recebido pelo outro, inteiramente amado por absorver a escuta do analista que lhe acolhe no seu silêncio benevolente, esta experiência

(1) Freud, S. Le moi et le ça (1923). Capítulo III. In: Freud, S. Essais de psychanalyse. Paris, Payot, 1981.

de agigantamento narcísico vai logo se reverter pela não resposta do analista às suas demandas. Este diálogo singular começa lentamente a estilhaçar esta efusão narcísica e a romper com a imagem de **unidade do locutor**. Com isto, esse passa a reviver todas as feridas de não reconhecimento pelo outro que balizaram a sua história e dirige a este outro, agora presente, todas as imprecisões que se encontravam latentes. Assim, a experiência passional de analisando vai se apresentando nas suas várias facetas, todas elas, contudo, marcadas pelo narcisismo, buscando a todo custo a resposta do analista para a sua demanda de amor. Porém, o que a análise pretende é a restauração do sentido destas faces que se apresentam e não responder a elas realisticamente, de maneira que a cada não satisfação se apresentam novas fendas no ego e o sentido do percurso fragmentado vai se perfilando com maior nitidez. De forma complementar, vai se enunciando quem são os vários outros a quem estas faces se dirigem, que vão então se descolando da figura do analista.¹

Nesta medida, a oposição paixão/verdade se coloca de maneira crucial, pois a verdade singular da história do sujeito seria o eixo que perpassa de forma irregular as várias facetas apresentadas, não se encontrando totalmente contida em nenhuma delas. Assim, o que é doloroso na experiência analítica se condensa justamente neste desmascaramento narcísico em que o sujeito se alienou nas identificações com o outro, desmascaramento este que produz como efeito a desarticulação dos arranjos pulsionais e a liberação das pulsões para novas combinações. Nestas, se coloca para o sujeito a obrigação de definir o lugar de

(1) Sobre isto, vide: Lacan, J. Au-delà du "principe de réalité"(1936). In: Écrits. Paris, Seuil, 1966, p. 79-80; Lacan, J. L'agressivité en psychanalyse (1948). Idem, p. 101-124.

suas identificações, isto é, se impõe como obrigação vital a assunção de seu destino.

Como dissemos, estas faces desbaratadas foram denominadas de identificações. Porém, Freud cunhou um conceito que é fundamental para a interpretação destas identificações e da dinâmica da paixão: ego ideal. Este remete à experiência fundadora do ego. Nesta experiência o sujeito adquire a sua imagem originária de totalização, isso porém se realiza através do outro que, pelo olhar, o reconhece. Com isso, esta totalização implica numa alienação referenciada no outro, pois sendo o ego a imagem que o outro o investe, não existe autonomia face a este. Assim, o objeto fascinante e fascinado do desejo do outro, o sujeito fica capturado nas malhas deste desejo, de maneira a se estabelecer uma relação de indiscriminação com o outro e que se encontra marcada nestas identificações.^{1,2,3} Posteriormente, esta posição é perdida, constituindo a dinâmica de sua perda aquilo que Freud denomina de complexo de Édipo. Entretanto, é interminável a busca do seu reencontro, permanecendo para sempre a tentativa de restaurar esta plenitude narcísica que atravessaria a estrutura psíquica do sujeito. Enfim, encontrar um outro para quem se seja tudo e vice-versa, representa a demanda básica da paixão.

Enquanto se sustenta nessas faces o ego se erige como o seu próprio ideal, não existindo então qualquer mediação entre ego e o ideal, isto é, qualquer corte capaz de rom

-
- (1) Freud, S. Pour introduire le narcissisme (1914). Capítulos I e II. In: Freud, S. La vie sexuelle. Paris, Press Universitaires de France, 1973.
- (2) Freud, S. Le moi et le ça (1923). Op. cit., capítulo II, p.237-239.
- (3) Lacan, J. Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je (1949). In: Écrits. Op. cit.

per o fascínio do ego por sua própria imagem. A instauração do ideal do ego introduz justamente uma dialética entre o ego e seus ideais, de maneira a inserir uma fenda que rompe com a onipotência narcísica do sujeito. A experiência desta fenda marca a incisão da castração e solapa a plenitude passional do ego ideal.

Ora, a paixão para Freud se insere nesta ordem da experiência, em que o sujeito procura colocar o outro no lugar do seu ego ideal e espera ver nele realizado o fascínio de sua imagem especular, para então incorporá-la. Por isso mesmo, o outro não é propriamente um outro, pois não existiria relação de alteridade, mas seria a projeção do ego ideal do sujeito. Nesta posição fantasmática, portanto, a relação entre dois sujeitos tende ao desaparecimento, não fosse a mediação da palavra analítica que reintroduz permanentemente a fenda no ego ideal e confronta o analisando com a sua falta. Com isso, o fascínio passional se transforma no seu inverso, de modo a produzir uma violenta raiva passional no sujeito, que pretende no seu limite a morte do outro pela decepção infligida no seu narcisismo.

Estas posições oscilam permanentemente no transcurso do processo analítico, de maneira a definir uma relação de dominação/submissão na qual as duas figuras ocupam ora um pólo ora outro, ambas expostas à rasura repetida da onipotência narcísica. Nesta medida, sair desta dramática oscilação sadomasoquista, que é estrutural na análise, equivale à possibilidade de introduzir uma mediação entre o ego e o ideal com os limites que isto impõe ao narcisismo originário do sujeito.

Nesta perspectiva, vamos sintetizar o nosso percurso. Com a transferência a psicanálise possibilita a irrupção da

passionalidade e sua mise-en scène na situação analítica em múltiplas posições intersubjetivas: ora o analisando é o pólo superior/ideal/fascinante, ora é o analista, numa circularidade que vai explicitando as diversas faces da paixão na sua dimensão de erotismo possessivo e mortífero, se bem que centrada numa articulação básica: o fascínio. A não resposta do analista e a demanda de tudo falar vai não apenas revelando as várias facetas da paixão especular mas possibilitando a inscrição destas posições no eixo do sentido, interpretando, então, o deslocamento do movimento pela não satisfação à exigência de cada figura.

3. A pulsão: a energia versus o sentido

Finalmente, este paradoxo pode ser circunscrito se considerarmos a concepção de pulsão (Trieb), na qual a articulação entre as dimensões energética e representativa indica a presença do paradoxo paixão/verdade no conceito fundamental do saber psicanalítico.¹

A problemática da paixão remete ao conceito de pulsão em que esta representa uma força impulsionadora (Drang) que é mais forte que o ego e que, por isso mesmo, o submerge como exigência incontornável de satisfação. Desta maneira, esta força situada mais aquém do ego provoca neste um movimento que o arrasta irresistivelmente a um mais além dele mesmo, em busca de algo que a satisfaça e a preencha na sua demanda. Assim, se a pulsão é atividade por definição na medida em que ela é uma força, ela coloca o ego numa posição de passividade face ao outro que

(1) Sobre o conceito de pulsão, vide Freud, S. Pulsions et destins de pulsions (1915). In: Freud, S. Métapsychologie. Op. cit., p.18-20.

seria o suporte para a satisfação desta demanda. Portanto, enquanto representando uma energética a pulsão é a matéria prima da paixão em todos os seus aspectos, até mesmo porque a satisfação estabelece uma marca indelével na articulação da pulsão como objeto de forma a colocar este como único e insubstituível, isto é, constituindo a condição do seu fascínio.

Porém, a pulsão tem um efeito traumático sobre o ego, na medida em que existe no psiquismo um descompasso estrutural entre a exigência da força e a capacidade simbólica do sujeito. Assim, quanto mais jovem é o infante maior é este descompasso, o que confere ao sujeito a característica de um **desamparo fundamental**, no qual necessita do suporte do outro para a sua sobrevivência. Foi por esta consideração que Freud definiu a condição humana como prematura.¹ Contudo, este descompasso entre força e simbolização nunca se abole, estando o sujeito destinado à permanência neste desamparo.

O domínio desta força é fundamental para a ordenação do sujeito e vital para a sua existência. A constituição do campo psíquico de representações é o resultado desta ordenação, mas isto depende do suporte do outro como intérprete. Portanto, para este domínio pulsional é necessário uma operação complexa, que se centra em dois procedimentos: 1. A existência de um outro que receba esta força pulsional, vale dizer, que a acolha e seja o suporte para a sua satisfação; 2. Por meio deste acolhimento se ordena a operação interpretativa desta energética, permitindo a sua inscrição no registro simbólico

(1) Freud, S. *Inhibition, symptôme et angoisse* (1926). Paris, Press Universitaires de France, 1973, capítulos IX e X.

co. A pulsão se apresenta no seu representante-representação.

Por esta ordenação no psíquico a pulsão adquire um representante no campo da representação, além de manter a sua figuração afetiva, passando a circular então num contexto simbólico. A verdade, denotada pela articulação do campo do representante-representação, seria o que domina a dimensão energética da pulsão.

Então, se coloca aqui uma questão crucial: a força pulsional seria, no pensamento freudiano, inteiramente recuperada no registro do sentido, extinguindo-se a paixão veiculada pela energética pulsional? E, sendo assim, como fica o paradoxo colocado como proposição fundamental deste trabalho?

O discurso freudiano mantém o paradoxo entre psicanálise e paixão, ao conservar a dimensão de paradoxo entre pulsão e sentido. Podemos destacar este tópico considerando esquematicamente duas temáticas:

1. Pela concepção freudiana de prematuração existiria sempre a diferença entre força pulsional e capacidade simbólica do sujeito, de maneira que nunca termina o sobressalto pulsional. Quanto mais jovem é o sujeito mais violenta é esta experiência pulsional, que funcionaria como um ataque ao ego pela carência simbólica do infante. Por isso mesmo, a demanda do outro é absoluta, que passa a fornecer como intérprete o quadro de representações de que carece o infante. Em contrapartida, isso funda o destino interminável de dependência do sujeito do outro;

2. Além disso, podemos sublinhar a permanência do paradoxo num nível mais fundamental, considerando as transformações tardias do discurso freudiano. Assim, com a introdução da segunda tópica¹ e a teoria definitiva das pulsões,² acentua-se na teoria psicanalítica a representação da pulsão como incontrolável. O id não representativo vem substituir ao inconsciente ordenado em representações, o que implica na existência de uma nova modalidade de força pulsional que seria irredutível à representação. Neste contexto, o conceito de pulsão de morte, definido pela metáfora do silêncio,³ é uma força soberana. Assim, a pulsão de morte é uma energética sem representação, que insiste na manutenção desta condição e se opõe às tentativas de simbolização realizadas por Eros. Porém, é a existência da pulsão de morte, paradoxalmente, o que demanda de maneira interminável o funcionamento da atividade representativa.

Enfim, com a concepção de Tanatos a representação da pulsão como incontrolável - que procura tornar negativa qualquer ligação com o outro e com a palavra - se apresenta de modo mais patente no discurso freudiano, destacando o que existe de indomável na pulsão. Esta, colocada em movimento pela transferência como paixão, vai permanecer em busca de um outro que lhe satisfaça plenamente. Ou, então, na sua impossibilidade, a pulsão vai sofrer o impacto de um sentido que a represente.

(1) Freud, S. Le moi et le ça (1923). In: Freud, S. Essais de psychanalyse. Op. cit.

(2) Freud, S. Au-delà du principe de plaisir (1920). Idem.

(3) Freud, S. Le moi et le ça. Capítulo IV. Idem.

IV. CONCLUSÃO

Como conclusão podemos formular que no percurso freudiano no permanece o paradoxo entre psicanálise e paixão. Entretanto, podemos sublinhar no transcorrer deste pensamento uma transformação significativa nesta problemática, qual seja, a radicalização desta relação, retirando assim qualquer pretensão da psicanálise em querer recuperar a paixão/pulsão no registro do amor e do sentido. Frente a isso, se impõe o destino inevitável de conviver com a sua paixão, arcando com os seus riscos, e à psicanálise cabe apenas a tarefa de fornecer um suporte para que se possa conviver com a irrupção da experiência passional.

Com o conceito de pulsão de morte aumenta o seu poder no funcionamento mental a dimensão da pulsão que insiste na sua condição de não simbolizável. Neste contexto, se impõe novas condições ao processo analítico. Assim, podemos levantar a hipótese de que se a psicanálise pretendia inicialmente dar lugar à experiência da paixão para constituir um saber sobre o amor, vale dizer, um erotismo sem paixão, este projeto foi se apresentando como impossível. A paixão resiste às armadilhas do discurso e insiste em permanecer no estado de não ter qualquer sentido e não ter qualquer outra pretensão que não seja a de buscar o êxtase da fascinação. O paradoxo permanece então na articulação da paixão com o amor e da paixão com a verdade, sendo este o ensinamento fundamental que a psicanálise pode nos oferecer sobre a paixão.